

## **HOMEGARDENS E DINÂMICAS DA PAISAGEM**

**Estudo de cariz etnobotânico e paisagístico em Santa Susana,  
Alentejo**

**Ana Ester Alves Santos**

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitectura Paisagista**

Orientador: Doutora Amélia Frazão Moreira

Coorientador: Doutor Pedro Miguel Ramos Arsénio

### **Júri:**

Presidente: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares Ló de Almeida,  
Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade  
de Lisboa

Vogais: Doutora Ana Maria da Silva Monteiro, Professora Auxiliar com  
Agregação do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de  
Lisboa  
Doutora Amélia Frazão Moreira, Professora Auxiliar da Faculdade de  
Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa





A presente dissertação de mestrado segue o antigo Acordo Ortográfico (1990)







*Ao meu pai*



## AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado figura o culminar de um ciclo, que não teria sido possível alcançar sem o contributo e o alento dados, por quem, aqui, expresso o meu profundo e sincero agradecimento.

À Professora Amélia Frazão Moreira, em primeiro lugar, por ter aceitado ser minha orientadora, sem que houvesse nenhum conhecimento mútuo prévio, e pelo desafio de me guiar pelas questões antropológicas e etnobotânicas, com as quais nunca tinha tido contacto; por toda a exigência e rigor científico com que acompanhou a elaboração desta tese; pela oportunidade de participar no *ICEB* 2014; e finalmente, por toda a confiança e empatia criadas ao longo deste tempo.

Ao Professor Pedro Arsénio, agradeço a sugestão de ingressar no mundo da etnobotânica, o acompanhamento científico e a disponibilidade demonstrada.

À Professora Ana Maria Carvalho, pela ajuda pronta na indicação do caminho a seguir na pesquisa bibliográfica referente aos *homegardens*.

À Engenheira Teresa Vasconcelos e ao Professor José Carlos Costa agradeço a disponibilidade, e o auxílio prestado na identificação botânica da vegetação recolhida, parte fundamental deste trabalho.

Aos Professores que, ao primarem pela exigência e ampla entrega ao ensino, contribuíram para os conhecimentos, e para o desenvolvimento do sentido crítico, que hoje detenho.

À Cristina Barrela, bibliotecária da Biblioteca Municipal de Alcácer do Sal, agradeço o entusiasmo com que recebeu o tema desta tese e a prontidão com que estabeleceu contactos entre mim e a aldeia, e ainda os dados bibliográficos fornecidos.

À Aurora e à Sandra, da Junta de Freguesia de Santa Susana, por toda a ajuda dada no decorrer do tempo de “trabalho de campo”, fundamental no contacto com os informantes, e por toda a simpatia com que sempre me receberam.

À comunidade de Santa Susana demonstro a minha enorme gratidão, sem a participação da qual não teria sido, de todo, possível elaborar esta tese. Agradeço a todos pelo interesse demonstrado, pela disponibilidade em participar neste estudo e pelo geral “à vontade” com que me receberam, e, em especial, a cada um, pelas particularidades de cada conversa, de cada encontro.

Agradeço sobretudo, ao Sr. Armando, ao Sr. Analindo, à Dona Alda e ao Sr. César Pinto, ao Sr. César Guerreiro, à Dona Cecília e ao Sr. Florentino, ao Sr. Custódio Florêncio, ao Sr. José

Batoque, ao Sr. João Pinto, ao Sr. João de Deus e à Dona Xica, ao Sr. Joaquim Pato, ao Sr. José Pereira, ao Sr. Manuel Vitorino, ao Sr. Miraldino, ao Sr. Virgílio e à sua esposa, e em especial, à Dona Manuela Galvão, pela enorme partilha de saberes, por todo o entusiasmo e alegria, por todas as conversas e passeios pelos “campos”.

Aos amigos, e aos colegas que se tornaram amigos ao longo destes últimos anos, pela partilha de conhecimentos e pelo contributo para a minha formação enquanto (futura) arquitecta paisagista, em particular aos que me acompanharam nesta última fase, agradeço toda a amizade e apoio.

Por último expresso a minha imensa gratidão à minha família mais próxima, em especial à minha mãe, pelo apoio incondicional, e porque sem ele, a elaboração deste trabalho teria sido impossível. E ao Guilherme, por tudo.



Com o intuito de contribuir para o registo do carácter de um lugar e da recolha dos saberes locais referentes a um tempo e espaço precisos, que emergem como reflexo da relação homem-natureza, e consequentemente caracterizadores das dinâmicas que na paisagem se expressam, são estudados os *homegardens* da pequena comunidade rural de Santa Susana, Alentejo, e as relações que estabelecem com a paisagem em que se inserem.

Aplica-se uma abordagem etnobotânica, com recurso a metodologias de índole antropológica como entrevistas e observações, sendo ainda feito o mapeamento dos espaços em estudo. É dada especial atenção às transformações que ocorreram na paisagem local, nos últimos 60/70 anos, sobretudo a nível socio-económico e com especial enfoque nas influências transpostas para a actual caracterização dos *homegardens* e dos conhecimentos ecológicos locais.

No concernente ao inventário de recursos naturais, foram identificados 177 táxones – tanto de plantas cultivadas como silvestres, e fungos – pertencentes a 67 famílias botânicas. Foi estabelecida correspondência entre 141 espécies e 178 nomes vernaculares. Os 205 usos atribuídos às espécies inventariadas contemplam seis categorias principais.

Verifica-se que os *homegardens* constituem reservatórios biológicos e culturais, que apresentam uma importância única na vida da comunidade e assumem um papel fundamental na sua história.

**Palavras-chave:** *Homegardens*, Etnobotânica, Dinâmicas da Paisagem, Conhecimento Ecológico Local, Aldeia de Santa Susana, Rural

## ABSTRACT

An ethnobotanical approach is adopted in Santa Susana village, Alentejo region, to report what characterizes its homegardens and the established connections between them, the local community and the surrounding landscape.

The prime aims of the study are to characterize the cultural and physical attributes of the homegardens, uses and traditions associated with plants, local ecological knowledge and its transmission, and the interaction among local people and their homegardens. Furthermore, informants' perceptions about the village and its surrounding landscape transformations among the past 60/70 years are questions addressed in this thesis, emphasizing the relations between the mentioned factors and the particular dynamics of the landscape.

Social sciences' methods were used for information gathering, namely ethnobotanical surveys, mapping, interviews and observations, bridged with landscape architecture ones in what concerns both ecological analysis and the dynamics of landscape change.

Data on 177 species – both cultivated and wild plants, and fungi – from 67 different botanical families were collected, and 178 vernacular names – corresponding to 141 species – reported. About 205 uses organized in 6 main categories, were also described.

Research findings highlight the importance of homegardens as unique and dynamic niches of cultural and ecological diversity and perhaps the places that best reflect recent landscape change.

**Keywords:** Homegardens, Ethnobotany, Landscape Dynamics, Local Ecological Knowledge, Santa Susana Village, Rural

## EXTENDED ABSTRACT

Interest and ethnobotanical research on homegardens has increased throughout the last decades in Europe. In Portugal there are only very few projects, particularly worth noting a study in the northeastern region (Carvalho, 2004).

Trough landscape architecture's perspectives, no studies regarding ethnobotany applied to research on homegardens are known. Yet "gardens" are much studied on more classical topics of the mentioned subject area.

This thesis adopts an ethnobotanical approach in Santa Susana village, Alentejo region – which undercovers various dynamics, meaning ecological, biological and cultural, in spite of its apparent monotonous landscape – to report what characterizes its homegardens and the established connections between them, the local community and the surrounding landscape.

Santa Susana is a small village, with a concentrated settlement pattern, characterized by typical Alentejo's architecture and surrounded by vast tracts of land where different ecological, biological and cultural dynamics are revealed.

The cultural and physical characterization of the homegardens, such as composition, structure and layout, uses and traditions associated with plants, local ecological knowledge and its transmission and the interaction among local people and their homegardens, are the prime aims of the study. Besides, relations between the mentioned factors and the particular dynamics of the landscape are emphasized.

The social and economic reality of this rural area, as well as in Alentejo region in general, has suffered from many economic and social transformations, particularly in what concerns to soil uses, economic activities and social aspects.

During the first half of the 20<sup>th</sup> century and up until the 1960's, land structure was dominated by the *latifúndio* property, which had a tremendous influence on the village's social and economic aspects, as it happened among all Alentejo region in general. The social discrepancies were huge.

Whereas a higher standard of living has been achieved among rural workers (since the 1970's), some recent (past 10/20 years) politics and exogenous factors had led to less agricultural productivity and shortage on local labor market, with consequences in the community's dynamics and a decline of population.

Furthermore, focusing on these aspects and based on informants' perceptions about the village and its surrounding landscape transformations among the past 60/70 years, it is also addressed in this thesis how homegardens characteristics have been shaped and in what way are they linked with the community.

Social sciences' methods were used for information gathering, namely ethnobotanical surveys, mapping, interviews and direct observation, and bridged with landscape architecture ones in what concerns both ecological analysis and the dynamics of landscape change.

Economic, social and cultural factors – such as direct contact with the landscape resources in everyday life, allowed by the community major occupation in the recent past – were also taken into account in determining why some wild plants and other kind of natural resources used to be consumed.

The results indicate that, not only homegardens have widely diverse characteristics, but also that local users are aware of substantial knowledge about natural resources – plants mainly – reflected in a variety of management practices and plant uses, embedded and influenced by this particular landscape character.

Although most informants no longer gather wild edible plants, a few are often still gathered by all, namely “carrasquinhas” – *Scolymus hispanicus* L. – and “orégãos” – *Origanum vulgare* L. – mainly for their special food uses.

Data on 177 species – both cultivated and wild plants, and fungi – from 67 different botanical families were collected, and 178 vernacular names – corresponding to 141 species – reported. About 205 uses, organized in 6 main categories, were also described.

Regarding homegardens, quite a few *montes* around the village and a stream nearby used to be punctuated by many, along with the ones within it. Nowadays almost all are abandoned, remaining barely a few near the stream. However, the village homegardens have spread.

These findings highlight the importance of homegardens as unique and dynamic niches of cultural and ecological diversity and perhaps the places that best reflect recent local landscape change. Having an outstanding and profound importance to the local community daily life, homegardens are prime places to observe human-nature relationships.

The above mentioned results, illustrate what is said in countless studies regarding this domain, verifying that there are common matters between several zones all across the globe, as in Galhena et al. (2013), Galluzzi et al. (2010), Calvet-Mir et al. (2012) and Engels (2002).

Local awareness of wild plants and other natural resources is quickly disappearing, together with homegardens practices and insights, knowledge only prevalent among the elder generation.

In conjunction with the above mentioned, this study points out the urgent need to assemble local ecological knowledge studies along with the relations established with the surrounding landscape. Besides the richness and intrinsic value carried by this kind of knowledge (and by researches of the same nature as this), it can play an important role in the achievement of sustainable use of plant resources, combined with scientific knowledge, by fostering the development of natural resources management.

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	VII
RESUMO.....	IX
ABSTRACT .....	X
EXTENDED ABSTRACT.....	XI
LISTA DE QUADROS E DE FIGURAS.....	XVIII
LISTA DE ABREVIATURAS .....	XX
INTRODUÇÃO.....	1
PERTINÊNCIA DO ESTUDO .....	1
OBJECTIVOS DE ESTUDO .....	2
ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO .....	2
ESTRUTURA DO TRABALHO.....	3
PARTE I   ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
I   ETNOBOTÂNICA .....	4
I.I DEFINIÇÃO .....	4
I.II TENDÊNCIAS ACTUAIS .....	5
II   <i>HOMEGARDENS</i> .....	6
II.I DEFINIÇÃO .....	6
II.II ENQUADRAMENTO HISTÓRICO   OBJECTIVOS DE ESTUDO.....	7
II.III ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO   IMPORTÂNCIA.....	8
ATRIBUTOS E COMPOSIÇÃO .....	8
IMPORTÂNCIA .....	8
GESTÃO .....	10
II.IV CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCALE DINÂMICAS DE EVOLUÇÃO DA PAISAGEM .....	11
III   ARQUITECTURA PAISAGISTA, ETNOBOTÂNICA E <i>HOMEGARDENS</i> .....	12
III.I ÂMBITOS .....	12

III.II PAISAGEM .....	12
III.III RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA.....	13
III.IV <i>HOMEGARDEN</i> ENQUANTO JARDIM .....	14
III. V CONSERVAÇÃO .....	14
IV   METODOLOGIAS EM ANTROPOLOGIA, ETNOBOTÂNICA E <i>HOMEGARDENS</i> .....	15
IV.I RECOLHA DE INFORMAÇÃO   TRABALHO DE CAMPO .....	15
IV.II METODOLOGIAS .....	15
OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....	16
<u>Entrevistas abertas   Entrevistas não estruturadas</u> .....	17
<u>Entrevistas semi-estruturadas</u> .....	18
<u>Entrevistas estruturadas</u> .....	18
INVENTÁRIO DE ESPÉCIES DE PLANTAS .....	19
MAPEAMENTO.....	20
IV.III ÁREA DE ESTUDO   INFORMANTES .....	20
CASO DE ESTUDO .....	20
INFORMANTES.....	21
PARTE II   CASO DE ESTUDO.....	23
V   SANTA SUSANA, ALENTEJO .....	23
V.I ENQUADRAMENTO GERAL .....	23
A PAISAGEM DO SUL .....	23
<u>Clima   Relevo   Vegetação</u> .....	24
<u>Actividades económicas   Utilização do solo</u> .....	24
<u>Formas de povoamento   Estrutura de propriedade</u> .....	25
LITORAL E INTERIOR ALENTEJANO .....	25
V.II CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA .....	23
UNIDADES DE PAISAGEM .....	26
CLIMA.....	26
LITOLOGIA   SOLOS .....	26
HIDROGRAFIA   HIPSOMETRIA   DECLIVES   MORFOLOGIA DO TERRENO.....	26

VEGETAÇÃO .....	26
CAPACIDADE DE USO DO SOLO.....	28
ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO   CONSERVAÇÃO DA NATUREZA .....	26
V.III ALTERAÇÕES E CARACTERIZAÇÃO DAS COMPONENTES SÓCIO-ECONÓMICAS.....	29
HERANÇA HISTÓRICA.....	29
ESTRUTURA DE PROPRIEDADE .....	30
ACTIVIDADES ECONÓMICAS E UTILIZAÇÃO DO SOLO .....	30
<u>Actividades económicas</u> .....	33
<u>Ocupação e tipo de usos do solo</u> .....	24
POPULAÇÃO .....	36
<u>Actividades económicas e população</u> .....	37
<u>Demografia</u> .....	38
POVOAMENTO .....	39
<u>Aldeia</u> .....	39
<u>Pequenos aglomerados</u> .....	41
VI   OS <i>HOMEGARDENS</i> .....	41
VI.I CARACTERIZAÇÃO FÍSICA .....	42
ATRIBUTOS .....	42
TIPOLOGIAS DE DESENHO .....	44
<u>Tipologia 1</u> .....	44
<u>Tipologia 2</u> .....	45
VI.II COMPOSIÇÃO   CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS .....	47
VEGETAÇÃO EXISTENTE .....	48
CATEGORIAS DE USO .....	48
AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS .....	50
COMPOSIÇÃO.....	52
<u>Espécies mais comuns</u> .....	52
CONSIDERAÇÕES NA COMPOSIÇÃO .....	53
<u>Proveniência das Plantas</u> .....	53
<u>Razões na escolha das plantas</u> .....	54
<u>Espécies consideradas tradicionais/locais</u> .....	55

VI.III PRÁTICAS UTILIZADAS.....	55
PLANTAÇÃO E COLHEITA .....	57
TÉCNICAS DE PROPAGAÇÃO .....	58
PRÁTICAS DE GESTÃO.....	58
<u>Rega</u> .....	58
<u>Limpeza de ervas daninhas</u> .....	59
<u>“Curas”</u> .....	59
<u>Organização da distribuição das plantas cultivadas no espaço</u> .....	60
<u>Tempo passado   Responsáveis</u> .....	60
VI.IV <i>HOME GARDENS</i> E DINÂMICAS DA PAISAGEM .....	61
AGORA .....	62
<u>Importância</u> .....	62
<u>Utilizações</u> .....	62
DO ANTIGAMENTE AO AGORA .....	63
<u>Contexto histórico recente dos <i>HG</i></u> .....	64
<u>“Hortas da ribeira”   “Quinchosos”</u> .....	66
“PLANTAS DO CAMPO” – CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS .....	67
<u>Antigos modos de vida   Dependência de plantas e outros recursos naturais</u> .....	68
<u>Percepções relativas às plantas</u> .....	69
<u>Recursos referidos</u> .....	70
<u>“Plantas do campo” inseridas nos <i>HG</i></u> .....	74
CONCLUSÕES E INVESTIGAÇÕES FUTURAS .....	75
CONCLUSÕES.....	75
CONTRIBUTO DE INVESTIGAÇÕES DESTE CARIZ   PERSPECTIVAS FUTURAS .....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81



# LISTA DE QUADROS E DE FIGURAS

## QUADROS

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DOS INFORMANTES.....	21
QUADRO 2 – PERCURSO PROFISSIONAL DOS INFORMANTES .....	22
QUADRO 3 – ATRIBUTOS FÍSICOS CARACTERIZADORES DOS <i>HG</i> .....	43
QUADRO 4 – CATEGORIAS DE USO E CORRESPONDENTES SUBCATEGORIAS.....	49
QUADRO 5 – NÚMERO DE INFORMANTES QUE REFERIRAM CADA TIPO DE AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS.....	51
QUADRO 6 – ESPÉCIES PRESENTES POR <i>HG</i> POR CATEGORIA DE USO.....	52
QUADRO 7 – ESPÉCIES MAIS COMUNS REFERIDAS PELOS INFORMANTES COMO EXISTENTES NOS <i>HG</i> ..	53
QUADRO 8 – NÚMEROS DE INFORMANTES QUE REFERIRAM A PROVENIÊNCIA DAS PLANTAS, E O ESTADO DE CRESCIMENTO DA PLANTA QUANDO É ADQUIRIDA .....	54
QUADRO 9 – NÚMERO DE INFORMANTES QUE REFERIU O RECURSO A CADA INSTRUMENTO DE REGA ...	59
QUADRO 10 – NÚMERO DE INFORMANTES QUE APLICAM DE FORMA DIFERENTE “CURAS” .....	60
QUADRO 11– OCUPAÇÃO, TEMPO PASSADO A CUIDAR E QUEM CUIDA DOS <i>HG</i> .....	61
QUADRO 12 – RAZÕES APONTADAS PELOS INFORMANTES PARA POSSUÍREM <i>HG</i> .....	62
QUADRO 13 – NÚMERO DE <i>HG</i> COM CADA TIPO DE UTILIZAÇÕES SECUNDÁRIAS.....	63
QUADRO 14 – HISTÓRIA RECENTE DE CADA <i>HG</i> .....	65
QUADRO 15 – INFORMANTES E <i>HG</i> ACTUAIS E ANTIGOS.....	66
QUADRO 16 – CATEGORIAS DE USO.....	71
QUADRO 17– ESPÉCIES MAIS CITADAS PELOS INFORMANTES .....	73
QUADRO 18 – CARACTERÍSTICAS DAS ESPÉCIES DO “CAMPO” INSERIDAS NOS <i>HG</i> .....	74

## FIGURAS

FIG. 1 – LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA NO CONCELHO E LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA NA FREGUESIA   FONTE: <i>GOOGLE EARTH</i>   TRATAMENTO: AUTOR .....	23
FIG. 2 – PARCELAMENTO DAS PROPRIEDADES   FREGUESIA DE STA. SUSANA   FONTE: CARTA AGRÍCOLA E COROGRÁFICA DE PERY 1890/1905 E CADASTRO GEOMÉTRICO DA PROPRIEDADE RÚSTICA 1950/51   TRATAMENTO: AUTOR .....	32

FIG. 3 – ALTERAÇÕES NOS USOS DO SOLO   FONTE: CARTA AGRÍCOLA E COROGRÁFICA DE PERY 1890/1905; CARTA AGRÍCOLA E FLORESTAL DE PORTUGAL 1958/62   TRATAMENTO: AUTORA..	35
FIG. 4 - ALTERAÇÕES NOS USOS DO SOLO   FONTE: COS 2007   TRATAMENTO: AUTORA .....	35
FIG. 5 – LOCALIZAÇÃO DOS <i>HG</i> ESTUDADOS NA ALDEIA   FONTE: <i>GOOGLE EARTH</i>   TRATAMENTO: AUTORA .....	41
FIG. 6 – “ <i>HG</i> TIPO”   TIPOLOGIA 1 – FORMA E COMPOSIÇÃO   FONTE: AUTORA .....	44
FIG. 7 – “ <i>HG</i> TIPO”   TIPOLOGIA 2 A – FORMA E COMPOSIÇÃO   FONTE: AUTORA.....	45
FIG. 8 – “ <i>HG</i> TIPO”   TIPOLOGIA 2 B – FORMA E COMPOSIÇÃO   FONTE: AUTORA.....	46
FIG. 9 – GRÁFICO RELATIVO ÀS FAMÍLIAS BOTÂNICAS COM MAIOR NÚMERO DE ESPÉCIES.....	48
FIG. 10 – GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DO Nº TOTAL DE ESPÉCIES PELAS PRINCIPAIS CATEGORIAS DE USO   GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DA FC RELATIVA A CADA CATEGORIA DE USO   FONTE: AUTORA .....	49
FIG. 11 – DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS BOTÂNICAS MAIS REPRESENTADAS, PELAS CATEGORIAS DE USO .....	50
FIG. 12 – CALENDARIZAÇÃO DE ALGUMAS DAS TÉCNICAS REFERIDAS   FONTE: AUTORA .....	56
FIG. 13 – CRONOGRAMA RESPEITANTE AO CICLO DE ALGUMAS HORTÍCOLAS, DESDE ALTURA EM QUE SÃO SEMEADAS OU PLANTADAS ATÉ QUANDO SÃO COLHIDAS   FONTE: AUTORA .....	57
FIG. 14 – EVOLUÇÃO DA ALDEIA E SEUS <i>HG</i> 1951 – 1986 – 2010   DIAGRAMAS ELABORADOS PELA AUTORA SOBRE FOTOGRAFIAS AÉREAS   FONTE: '51 E '86 - DGT; 2010 - <i>GOOGLE EARTH</i> .....	64
FIG. 15 – GRÁFICO RELATIVO ÀS FAMÍLIAS BOTÂNICAS MAIS REPRESENTADAS .....	71
FIG. 16– GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DA FC RELATIVA A CADA CATEGORIA DE USO   GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO TOTAL DE ESPÉCIES POR CADA CATEGORIA DE USO .....	72
FIG. 17 – REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DOS LOCAIS DE RECOLHA DE ALGUMAS PLANTAS DO CAMPO, SEGUNDO A DESIGNAÇÃO DADA PELOS INFORMANTES   FONTE: AUTOR .....	73

## LISTA DE ABREVIATURAS

**APA** – Agência Portuguesa do Ambiente

**CBAA** – Centro de Botânica Aplicada à Agricultura

**CEAP** – Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista “Prof. Caldeira Cabral”

**CMA** – Câmara Municipal de Alcácer do Sal

**COS** – Carta de Uso e Ocupação do Solo de Portugal Continental

**CP** – Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (actual Comboios de Portugal)

**FC** – Frequência de Citação

**HG** – *Homegarden(s)* (abreviatura empregue após a definição do referido conceito)

**IBA** – *Important Bird Areas*

**ICNF** – Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

**INE** – Instituto Nacional de Estatística

**ISA** – Instituto Superior de Agronomia

**PDM** – Plano Director Municipal

**PROT** – Plano Regional de Ordenamento do Território

**SIC** – Sítio de Importância Comunitária

**TEK** – *Traditional Ecological Knowledge*



## **PERTINÊNCIA DO ESTUDO**

O momento actual tem sido descrito por autores de variadas disciplinas do saber, como Lipovetsky (2013) e Augé (2012), como de transformações constantes e aceleradas, por vezes de ruptura profunda com os paradigmas anteriores. Reflecte-se acerca da sociedade dos dias de hoje e de todo o espectro de relações a si inerentes, quer naquilo que a caracteriza, quer na forma como esta se posiciona no mundo.

A ideia de paisagem enquanto realidade multifacetada e em acelerada transformação, só espoletou preocupações de preservação em relação a si e aos seus valores, com a apelidada “crise da natureza”, a qual despertou, nas últimas décadas do século XX, a consciência ecológica (Serrão 2011; 2012). Autores como Lopes (2005) aludem para o facto de a relação íntima com a natureza se ter perdido com o Homem dos nossos dias, e, consequentemente, a noção da sua fragilidade enquanto espécie em relação ao espaço onde vive e no qual provoca alterações. Surge assim a referida necessidade de salvaguarda, a qual emerge de várias áreas do pensamento (Serrão 2012), e com ela a necessidade de estudar e entender a relação entre o ser humano e a natureza, e as configurações das paisagens – e dos lugares – com a finalidade de perceber que aspectos lhe conferem identidade, imprimindo princípios de sustentabilidade e conservação não só dos recursos naturais, como dos valores das comunidades locais e das relações que entre ambos se figuram.

É neste contexto que o presente trabalho se enquadra, com o intuito de contribuir para o registo do carácter de um lugar e da recolha dos saberes referentes a um tempo e espaço precisos que emergem como reflexo da relação homem-natureza, e são consequentemente caracterizadores das dinâmicas que na paisagem se expressam. Com o estudo de uma pequena comunidade, ou parte dela, e das relações que estabelece com a paisagem, especialmente com o mundo vegetal, pretende-se entender essas relações e o modo como conferem à paisagem parte da sua identidade local.

O caso de estudo desenvolve-se em contexto rural – o qual tem vindo a sofrer modificações profundas a vários níveis, nas últimas décadas, originando alterações consideráveis na utilização dos recursos disponíveis, com a desvalorização ou erosão de recursos endógenos, tanto de cariz ambiental como cultural (Cristóvão 2005) –, mais precisamente na freguesia de Santa Susana, na sua aldeia e “campos” envolventes, a qual se localiza na parte mais interior do concelho de Alcácer do Sal, Alentejo, dispondo de influências tanto de litoral como de interior. São estudados os seus *homegardens*, espaços de produção de pequena escala, como hortas e quintais, de uma perspectiva etnobotânica, que privilegia os saberes das comunidades em relação ao mundo vegetal, bem como a paisagem em que se inserem, sendo ainda dada especial atenção às transformações que ocorreram nos últimos 60/70 anos.

Os estudos de índole etnobotânica representam um importante ponto de ligação entre biodiversidade e diversidade social, constituindo as relações entre ambas, diferentes implicações tanto para a conservação biológica como para a diversidade social (Hanazaki et al. 2010). A recolha de conhecimento local, nomeadamente acerca de espécies vegetais, surge com uma necessidade urgente – dado o actual momento em que a comunicação oral entre gerações não é tão efectiva –, tanto para memória futura, como para o desenvolvimento e aproveitamento sustentável dos recursos (Carvalho 2005).

Nesta acepção, e tendo em consideração que um dos propósitos da Convenção Europeia de Paisagem (2005) é, precisamente, defender a necessidade de melhor conhecer as paisagens, de modo a melhor as valorizar e gerir, e tendo os objectivos da conservação da natureza como base o conhecimento aprofundado dos seus recursos e das suas dinâmicas (Lopes 2005), o presente estudo, além da riqueza que por si só acarreta, pode também contribuir para o melhor planeamento das paisagens, a vários níveis no território, uma vez que ao estudar os modos como diferentes comunidades entendem e constroem a paisagem – ou parte dela – é legítimo questionar acerca das estratégias de gestão nela aplicadas (Anderson et al. 2012).

## **OBJECTIVOS DE ESTUDO**

Em linhas gerais, os objectivos a que esta dissertação se propõe responder são:

Caracterizar os *homegardens*, em todas as suas vertentes (social, paisagística e ecológica);  
Compreender a importância dos *homegardens*, dos usos e tradições associados às plantas, transmissão de conhecimento ecológico local e tipo de interacção estabelecida entre a comunidade e os *homegardens*;

Estudar a influência da paisagem e das suas dinâmicas nos *homegardens* e na comunidade local, nomeadamente o contraste entre a aldeia de povoamento concentrado e as extensas herdades e espaços agro-florestais em seu redor, e as alterações sócio-económicas verificadas, sobretudo nos últimos 60/70 anos, mas tendo em linha de conta as transformações ocorridas em todo o século XX.

## **ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO**

A etnografia como parte da estratégia de investigação é particularmente proveitosa na identificação de diversidade cultural do que, à partida, parece banal. Construindo-se na articulação entre sistemas de significado e acção locais – abordagem emicista – e os científicos e sociais – abordagem eticista (Caria 2003).

Seguindo esta lógica, o plano metodológico da presente dissertação passa pela aplicação de metodologias que se destinam à recolha de dados, de um ponto de vista emicista – como os que se destinam ao entendimento das percepções e conhecimentos locais, nomeadamente entrevistas e observação –, mas também de metodologias de análise e interpretação de parte dos dados de cariz eticista – como caracterizações e análises de base paisagística e a

caracterização botânica. São assim incorporadas abordagens antropológicas e referentes à etnobotânica, com abordagens paisagísticas. As metodologias de ambas complementam-se, tendo as que concernem às primeiras sido utilizadas sobretudo no trabalho de campo e recolha de dados sobre todos os aspectos que foram mencionados importar ao estudo dos *homegardens*; e as segundas, servido de auxílio principalmente na caracterização ecológica e na análise das transformações da paisagem. Conquanto, andam também a par, uma vez que durante o trabalho de campo a noção holística de paisagem esteve sempre presente; agregando, por seu turno, as análises paisagísticas, as percepções de índole antropológica.

Na perspectiva de que a presente investigação dá principal enfoque aos *homegardens*, os conhecimentos etnobotânicos das plantas que os constituem são abordados com maior profundidade do que os referentes às “plantas do campo”, uma vez que se pretende inclui-los na leitura que é feita da relação entre os *homegardens* e a paisagem em que se inserem.

Em todos os parâmetros desenvolvidos no caso de estudo, salvo quando não se encontra sentido, é cruzada informação de cariz antropológico e etnobotânico, com dados de origem cartográfica e bibliográfica.

## **ESTRUTURA DO TRABALHO**

O trabalho de investigação aqui apresentado desenvolveu-se ao longo de, sensivelmente, 9 meses, repartido em várias fases. Primeiro procedeu-se à pesquisa bibliográfica do “estado da arte”, de modo a planear o trabalho de campo, o qual se realizou seguidamente e se prolongou substancialmente ao longo de 5 meses (de Agosto de 2014 a Janeiro de 2015), apesar de terem sido efectuadas visitas anteriores – de primeiro contacto com a aldeia e comunidade – e após este período – de modo a confirmar ou completar alguma da informação recolhida. Paralelamente a esta fase foram recolhidos dados de cariz cartográfico e bibliográfico enquanto suporte à leitura das transformações ocorridas na aldeia e paisagem em que se insere. A última fase correspondeu à análise e interpretação de toda a informação obtida, resultando na redacção da presente dissertação.

O trabalho encontra-se dividido em duas partes. A primeira de carácter mais teórico contempla os capítulos I e II, que aludem, respectivamente, à etnobotânica e aos *homegardens*, sendo ambas as temáticas definidas e contextualizadas, bem como feito o levantamento do “estado da arte”. No capítulo seguinte são estabelecidas as pontes entre a etnobotânica e a arquitectura paisagista, com o intuito de posicionar este estudo no domínio das duas disciplinas. Servindo de base ao trabalho de campo, o capítulo IV debruça-se sobre as metodologias empregues em antropologia e etnobotânica. A parte II é dedicada ao caso de estudo, sendo o capítulo V de cariz mais teórico e de caracterização ecológica e socio-económica da área de estudo, incidindo também nas alterações das componentes sócio-económicas da paisagem; debruçando-se o capítulo VI na análise de todos os pontos referentes aos *homegardens*. Por último apresenta-se uma síntese e delineiam-se as principais conclusões, sendo ainda indicados tópicos pertinentes para investigações futuras.

# PARTE I | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## CAPÍTULO I | ETNOBOTÂNICA

### I.1 DEFINIÇÃO

O termo “etnobotânica” surge na América do Norte, com o botânico Harshberger, em 1895, remetendo para o estudo das formas de utilização das plantas por comunidades indígenas (Balick e Cox 1997). A partir desse momento, a disciplina foi crescendo e adquirindo maior importância (Minnis 2000). Na Europa, a evolução da etnobotânica enquanto matéria interdisciplinar é relativamente recente, tendo esta terminologia sido apenas empregue ocasionalmente por alguns investigadores antes dos anos 1980. Contudo, os estudos desenvolvidos neste território têm vindo a crescer rapidamente (Anderson et al. 2012; Pardo-de-Santayana et al. 2013).

A etnobotânica é uma área de investigação que une os saberes populares ao universo das plantas. Aborda a forma como um grupo social usa e pensa as plantas atendendo à sua cultura e ao seu sistema de conhecimento e cognição (Frazão-Moreira e Fernandes 2005), e em última análise, permite entender a posição da humanidade em relação ao ambiente, como esta se situa no mundo (Minnis 2000; Anderson et al. 2012).

É uma ciência interdisciplinar que abrange conceitos e metodologias de diversas áreas, derivando em simultâneo de ciências sociais e biológicas. Inclui técnicas de várias linhas de investigação como botânica, economia, linguística, ecologia, antropologia e farmacognosia – as quais se associam a esta disciplina (Alexiades 1996; Cotton 1996) –, despertando o interesse noutras áreas como medicina, geografia e arquitectura paisagista (Minnis 2000).

De uma perspectiva antropológica, as práticas e saberes de um povo acerca das plantas e dos seus usos, enquadram-se no processo de apropriação social da natureza, que surge de forma particular em cada cultura “num sistema de concepções e representações e de práticas por elas legitimadas” (Frazão-Moreira 2005). Para entender os conhecimentos dos indivíduos e a utilização das plantas, em toda a sua plenitude, é essencial ter-se em consideração o contexto social em que se inserem. Sendo ainda de realçar que as concepções formadas acerca da natureza e as utilizações das plantas são dinâmicas – não permanecem no tempo de forma estática e, quando passados oralmente, não são fixos, adaptando-se ao contexto (Frazão-Moreira 2005).

Como brevíssimo apontamento histórico – uma vez que não constitui objectivo do presente trabalho aprofundar este tópico – e ilustrando a ancestralidade do interesse humano pelo mundo vegetal e pelas possíveis aplicações das plantas, é de salientar que o estudo de plantas úteis na Europa remonta à Grécia, no início da era cristã – *De Materia Medica*, 77 d.C. –, tendo o período entre a época medieval e o século XIX, sido pontuado pela recolha e descrição de plantas indígenas e dos seus usos, por todo o mundo (Pardo-de-Santayana et al. 2013),



nomeadamente com a publicação de herbários e tratados botânicos, e com o aparecimento de jardins botânicos, difundidos a partir do século XVI (Minnis 2000). Em Portugal destacam-se como referências no estudo de plantas aromáticas e medicinais, João Rodrigues – *Centúrias Médicas* – e Garcia da Horta – *Colóquios dos simples e drogas he cousas medicinais da India* – ambos no século XVI, e já no século XIX, Jerónimo Figueiredo – *Flora Farmacêutica e Alimentar Portuguesa* (Delgado-Sousa 2005).

## **I.II TENDÊNCIAS ACTUAIS**

No contexto europeu recente, assiste-se, cada vez mais, à perda de práticas intrínsecas aos conhecimentos etnobotânicos, tanto por caírem em desuso, como pelo facto de os próprios recursos naturais se encontrarem sobre pressão, devido à crescente expansão de ambientes antrópicos. Em simultâneo surgem investigações etnobotânicas, desenvolvidas a partir de abordagens e perspectivas inovadoras, dando uma atenção renovada aos estudos acerca de plantas selvagens, medicinais e aromáticas, e os usos e práticas a si associadas, enquanto símbolos de identidades locais, entendidos como estando em risco ou vistos como nova fonte de crescimento económico local (Pardo-de-Santayana et al. 2013).

Tendo em vista a conservação dos recursos naturais e da diversidade bio-cultural inerente aos conhecimentos etnobotânicos, têm vindo a ser desenvolvidas várias investigações por todo o mundo, que procuram encontrar formas de incorporar este tipo de saberes em todo o espectro de níveis de gestão e planeamento, maioritariamente de áreas protegidas (Cunningham 2001).

No fim dos anos 1990, surgiu a apelidada “etnobotânica urbana”, com a tomada de consciência de que a diversidade bio-cultural não reside apenas em comunidades dispersas e marginais do planeta, mas também em áreas metropolitanas. Apesar de ainda se encontrar nos seus primórdios, tem recebido crescente atenção, incidindo a maioria dos estudos em comunidades migrantes e na sua relação com a memória cultural etnobotânica (Pieron e Vandebroek 2009), mas também em mercados urbanos e hortas comunitárias (Vandebroek e Rodriguez 2014).

A investigação etnobotânica contemporânea passa ainda por temáticas – além das duas supramencionadas – tão diversas como: descrição de componentes nutritivos de plantas nativas, na dieta humana e medicina; distribuição e formas de conhecimento acerca de plantas, e sua transmissão; quantificação de biodiversidade num determinado território; relação entre conhecimento etnobotânico e desenvolvimento cognitivo humano (Anderson et al. 2012).

Ao longo do século XX, aparece alguma investigação em Portugal, com maior ênfase dado às plantas aromáticas e medicinais, sendo a partir da década de 1990 que se verifica uma maior quantidade de estudos etnobotânicos desenvolvidos no país, nas suas diversas vertentes e essencialmente em contextos rurais – com vários exemplos no Alentejo (Carvalho 2005).

## II.1 DEFINIÇÃO

Nos estudos etnobotânicos que incidem em *homegardens*, os espaços – *gardens* ou “jardins” – estudados são também apelidados de jardins domésticos, quintais – *house gardens*, *household gardens*, *backyard garden* – ou hortas – *kitchen gardens* –, podendo ainda ser descritos como jardins mistos ou compostos (Galhena et al. 2013; Vogl et al. 2004; Eyzaguirre e Linares 2001). O termo *homegardens* é empregue, por remeter para a relação de proximidade entre o espaço, e quem reside na casa (Eyzaguirre and Linares 2001).

Surgem difundidos, ora em regiões densamente povoadas, ora em locais de baixa densidade populacional (Galluzzi et al. 2010) e encontram-se, tanto em zonas urbanas, como em zonas rurais, predominantemente associados a sistemas agrícolas de pequena escala (Nair 1993 citado em Galhena et al. 2013; Vogl et al. 2004). Ocupam pequenas áreas e tendem a localizar-se próximos de uma casa (Martin 1996), devido a questões de segurança, conveniência e cuidados especiais, podendo ainda ocupar espaços marginais de campos de produção, muitas vezes delimitados da sua envolvente por muros, cercas ou outro tipo de barreiras (Niñez 1984 citado em Galhena et al. 2013; Galluzzi et al. 2010).

Constituem locais privilegiados em termos de informação etnobotânica (Martin 1996) e podem ser definidos como sistemas de produção de pequena escala, que proporcionam principalmente bens vegetais e, por vezes, animais – gado ou animais domésticos – e objectos úteis, que usualmente não se encontram muito disponíveis localmente. Possuem espécies ecologicamente adaptadas ao local e espécies complementares, sendo também caracterizados por pequenos investimentos e utilização de tecnologias simples (Niñez 1984 citado em Galhena et al. 2013). Cultivados com relativa intensidade pelos seus residentes (Martin 1996), estes espaços possuem geralmente grande variedade de plantas (frutas, vegetais, ervas aromáticas e medicinais, especiarias e plantas ornamentais), por vezes como meio secundário de subsistência ou satisfação pessoal, embora os seus usos variem. Alguns *homegardens* são utilizados para propósitos comerciais, enquanto outros, ao invés, se destinam, sobretudo, ao deleite, contendo apenas plantas ornamentais (Galhena et al. 2013; Vogl et al. 2004).

As práticas desenvolvidas nos *homegardens* são vistas como amigas do ambiente e sustentáveis, promotoras de segurança alimentar e crescimento económico. Além de serem actividades que não necessitam de experiência agrícola e hortícola profunda, as suas implicações negativas, como perda de culturas, podem ser diminuídas pela posse de boas técnicas e conhecimentos por parte de quem trabalha estes espaços (Galhena et al. 2013).

Apesar de existirem semelhanças gerais, cada *homegarden* é único em estrutura, funcionalidade, composição e aparência, tendendo o cultivo a ser dinâmico, uma vez que depende da ecologia natural e do contexto social do sítio onde se encontram, que varia, assim,

de acordo com a região geográfica, sendo comum a todos o ir de encontro às necessidades sociais, culturais e económicas (Galhena et al. 2013).

As temáticas desenvolvidas seguidamente debruçam-se sobre *homegardens* em zonas rurais, existindo características que são igualmente comuns em zonas urbanas.

## II.II ENQUADRAMENTO HISTÓRICO | OBJECTIVOS DE ESTUDO

As práticas agrícolas contribuíram, desde os seus primórdios, para o desenvolvimento de laços estreitos entre as pessoas e a terra por elas trabalhada, sendo esta relação anterior ao estabelecimento da agricultura – as comunidades colhiam, secavam e armazenavam frutos e sementes de plantas comestíveis de modo a sobreviver a períodos severos como os Invernos (Gladis 2001). A produção alimentar em parcelas de terreno, adjacentes aos locais de residência, é a forma de cultivo mais antiga e que mais perdura no tempo (Niñez 1987 citado em Galhena et al. 2013). Durante séculos os *HG* têm sido uma componente integrante da agricultura familiar e de vários sistemas alimentares locais (Galhena et al. 2013).

Dando conta de muito breve apontamento histórico – uma vez que não é intuito do presente estudo explorar este tópico –, o tratado “Obra de Agricultura” de Alonso Herrera, publicado na Península Ibérica em 1513, alude para os jardins domésticos ou hortas como um dos elementos caracterizadores da paisagem mediterrânea, descrevendo-os e dando indicações relativas à sua sustentabilidade (Rodrigues 2014). Denota-se assim, já naquele tempo, o estudo destes espaços, por si só e enquanto parte integrante de uma paisagem particular mais vasta.

O estudo dos *HG* enquanto identidade ecológica e cultural distinta na agricultura foi iniciado há cerca de 35 anos em zonas tropicais do sudeste asiático (Vogl et al. 2004), apesar de os primeiros estudos datarem dos anos 1930 (Ochse e Terra 1934 citado em Galhena et al. 2013). No contexto actual, do despertar de uma crise alimentar global e de instabilidade de preços dos alimentos, o aumento da capacidade de subsistência e a produção em *HG* têm sido alvo de grande atenção, em simultâneo com o crescente ênfase dado ao desenvolvimento e intensificação de sistemas alimentares locais (Galhena et al. 2013).

Em termos ecológicos considera-se serem agrupados em duas categorias distintas – tropicais e temperados (Niñez 1984 citado em Galhena et al. 2013). É possível constatar, em diversa literatura que aborda este tema, essa divisão.

Os estudos etnobotânicos desenvolvidos neste âmbito têm tido maior prevalência em regiões tropicais e nos apelidados países emergentes, incidindo, sobretudo, em povos indígenas (Vogl et al. 2004). Os tópicos abordados e objectivos de estudo são diversos e, muitas vezes, complementares. Tendo em conta Kumar e Nair (2006) e Watson e Eyzaguirre (2002), destacam-se projectos que incidem nas temáticas dos recursos genéticos vegetais e levantamento de “espécies-chave”; conservação *in situ*, fitogenética e ecossistemas agro-biológicos; questões de uso do solo; relação com sistemas agroflorestais; processos de

introdução, domesticação e experimentação de recursos vegetais; usos das plantas; estrutura e padrões de disposição, caracterização morfológica e composição; dinâmicas de diversidade cultural e agro-biológica; sustentabilidade das práticas culturais e ecológicas; diferenças entre meio rural e urbano; modelos e estratégias de conservação e desenvolvimento; resiliência social e ecológica (Buchmann 2009); importância socioeconómica, de subsistência e segurança alimentar (Galhena et al. 2013).

Em relação às regiões temperadas, da Europa e da América do Norte, comparativamente, este tipo de estudos é muito exíguo. Todavia, os estudos existentes transversais a *HG* debruçam-se na sua descrição enquanto parte da propriedade doméstica dos agricultores e relação com mosaicos agrícolas; na sua caracterização e composição (Vogl-Lukasser e Vogl 2002; 2003; 2004); conservação de variedades locais *in situ*; serviços de ecossistema (Calvet-Mir et al. 2011; 2012); diversidade florística e os seus usos (Carvalho 2004); conhecimento ecológico local (Reyes-García et al. 2013); resiliência dos sistemas de conhecimento agrícola local (Reyes-García et al. 2014-b); motivações sociais (Schupp e Sharp 2012); e diferenças de género na gestão do espaço (Reyes-García et al. 2010).

## **II.III ELEMENTOS DE CARACTERIZAÇÃO | IMPORTÂNCIA**

### **ATRIBUTOS E COMPOSIÇÃO**

Na descrição dos *HG* devem ser tidos em consideração diversos tópicos como as características físicas (como extensão, distância à casa, orientação); as práticas utilizadas; informações relativas à gestão do espaço (tipo de fertilizantes, sistema de rega e controlo de ervas daninhas); destino dos produtos; composição vegetal (número e espécies de plantas de diferentes categorias, riqueza e diversidade, introdução de novas espécies, número de autóctones e usos associados às plantas, espécies mais comuns); estruturas de delimitação; e desenho do espaço (Vogl-Lukasser e Vogl 2004; Reyes-García et al. 2010).

As características destes sistemas dinâmicos são influenciadas pelos valores culturais que marcam as comunidades e os indivíduos, pelo contexto em que se encontram e adjacentes mudanças socio-económicas (Watson e Eyzaguirre 2002). Apresentam complexidade estrutural e multifuncional, quer em meio rural como urbano, a qual permite o fornecimento de variados benefícios para os ecossistemas e para as populações, sendo modelados por uma relação íntima entre cultura antrópica e natureza (Galluzzi et al. 2010).

### **IMPORTÂNCIA**

Em termos sociais, desempenham funções de subsistência, poupança nos custos domésticos, e fontes de valor adicional (não monetário), através do trabalho executado nos mesmos. Além da importância na produção de plantas para alimentação e fins medicinais e outros produtos úteis (Agelet et al. 2000; Carvalho 2004) os *HG* promovem também, o intercâmbio com o exterior, ao serem adquiridas sementes e plântulas em locais externos a estes – as espécies

introduzidas, provêm muitas vezes, de ecossistemas naturais, de ecossistemas agrícolas e de mercados locais (Vogl-Lukasser e Vogl 2004) – e constituem centros de experimentação, introdução e distribuição de plantas – dinâmicas entre familiares e vizinhos – e produção e melhoramento de culturas (Engels 2002).

Enquanto locais de confluência de diversidade biológica e cultural (Calvet-Mir et al. 2012; Reyes-García et al. 2014-b; Galluzzi et al. 2010) contêm valores ecológicos, socio-culturais e económicos de grande relevância (Reyes-García et al. 2013), constituindo reservatórios únicos de variados níveis de diversidade – cultural, genética e agronómica (Engels 2002).

As ligações entre natureza e cultura são estabelecidas, principalmente, através da introdução de recursos naturais necessários à elaboração de actividades culturais (Vogl-Lukasser e Vogl 2004).

Referentes às características biológicas, vários aspectos da sua diversidade são promovidos nestes locais, como diversidade genética interespecífica (riqueza e diversidade de espécies) e intraespecífica (variedades locais tradicionais e selvagens), qualificados pela sua complexidade e multifuncionalidade (Galluzzi et al. 2010). Elementos típicos de uso do solo, os *HG* constituem sistemas resilientes e duradouros, que assumem, cada vez mais, importância no mosaico de sistema agrícola e ecológico (Vogl-Lukasser e Vogl 2002; 2004). A diversidade de espécies acarreta ambientes de vários níveis, os quais providenciam extensos benefícios e serviços ecológicos (Hodgkin 2002), ou serviços de ecossistema, que diferem normalmente dos promovidos por outros sistemas agrícolas (Calvet-Mir et al. 2012).

Carvalho (2004) destaca ainda propósitos de conservação, uma vez que podem ser mantidas culturas antigas, compromissos entre agricultura tradicional e moderna, valores sociais e benefícios económicos. Em certos contextos, como no do nordeste português, estes espaços podem ainda acarretar reconhecimento social, principalmente para as mulheres.

A conservação de diversidade agro-biológica em *HG* é dinâmica, assegurando uma adaptação contínua das espécies e variedades locais inseridas num ambiente em mudança, que depende igualmente de componentes antrópicas e biológicas (Galluzzi et al. 2010). As características ambientais específicas do local e a biologia própria de cada espécie são determinantes para a manutenção de diversidade genética, que não depende só do tipo de cuidado tido por quem trabalha os *HG* (Hodgkin 2002). Contudo, ao gerirem os seus espaços, as pessoas condicionam o tipo de diversidade presente e conseqüentemente, quando se pondera conservar um destes aspectos é inevitável não considerar o outro (Engels 2002). Só é possível falar de conservação *in situ* quando as necessidades dos produtores correspondem à diversidade de culturas, que são, por isso, mantidas durante longos períodos, constituindo assim este tipo de conservação uma consequência das decisões dos agricultores, e não um princípio em si mesmo (Hodgkin 2002).

Na Europa, em particular, têm vindo a emergir movimentos e organizações com preocupações ao nível da conservação da biodiversidade dos sistemas agrícolas de pequena escala,

nomeadamente de recursos genéticos de variedades locais, como a associação “Colher Para Semear - Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais” em Portugal (Galluzzi et al. 2010).

O uso sustentável de recursos vegetais na agricultura é fundamental na conservação dos valores enunciados (Watson e Eyzaguirre 2002), sendo também conservados outros recursos como a água e o solo – as populações ao prepararem as áreas de cultivo de acordo com as necessidades de rega, fazem rotação de culturas ou culturas mistas, produzem compostos e incorporam no solo as partes das plantas que restam das colheitas, mostrando preocupações com a fertilidade dos solos e a gestão dos recursos hídricos (Carvalho 2004).

Frequentemente, tanto plantas cultivadas como espontâneas pontuam os *HG*. A afinidade entre as comunidades locais e as espécies de plantas espontâneas e selvagens é diversa.

Vogl-Lukasser et al. (2010), num estudo desenvolvido na região alpina Tyrol, na Áustria, dividem esta relação em três grupos – as plantas são “mal-vindas”, toleradas, ou “bem-vindas”. As razões para tolerar ou produzir este tipo de plantas prendem-se com a sua utilidade ou valor relativo, respondendo a interesses pessoais e tendências culturais, sociais e económicas. Anteriormente a grande dependência das comunidades na agricultura, e as necessidades intrínsecas, conduziam-nas a maiores usos de plantas espontâneas. Actualmente, uma vez que essa dependência já não se verifica, apenas as espécies que remetem para ligações com a herança cultural, religião, família ou paisagem da comunidade, são conservadas e utilizadas.

Na vila Vall Fosca, nos Pirenéus catalãs, Calvet-Mir et al. (2011) verificaram a preferência por variedades locais tradicionais, em detrimento de espécies comerciais, apesar de serem estas as mais plantadas, por um grande grupo de informantes. Esta preferência é justificada pela melhor qualidade das variedades locais, pela sua tradição e ligação à identidade local.

## GESTÃO

A gestão dos *HG* representa uma prática dinâmica e complexa. A sua composição é modificada ao longo do tempo atendendo às necessidades de cada família e às circunstâncias técnicas e económicas correntes, com processos contínuos de respostas de adaptação e inovação (Vogl-Lukasser e Vogl 2004), contribuindo o tipo de gestão praticada, com maior ou menor relevância, para a estabilidade dos sistemas presentes (Watson e Eyzaguirre 2002).

O género pode ter influência no seu modo de gestão. Reyes-García et al. (2010), num estudo em três zonas montanhosas de Espanha, descrevem características diferentes na gestão dos *HG* de acordo com o género, as quais são determinadas pelas especificidades locais, e variam muitas vezes com a distribuição de tarefas pelos membros da família, atendendo ao seu género; e concluem que as expectativas culturais, relativas ao tipo de comportamento que os homens e mulheres devem ter, se reflectem nas características destes espaços.

Usualmente predomina a gestão por parte de mulheres (Howard 2004), embora certo tipo de tarefas seja da responsabilidade dos homens, facto descrito em alguns estudos como os de Vogl-Lukasser e Vogl (2004), Reyes-García et al. (2010) e Carvalho (2004).

## II.IV CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCAL E DINÂMICAS DE EVOLUÇÃO DA PAISAGEM

Em vários trabalhos de etnobotânica e *HG* o conceito “conhecimento ecológico tradicional” ou *TEK* – *traditional ecological knowledge* – é o mais empregue. Todavia, não existe, no momento actual, consenso entre a comunidade científica acerca da terminologia mais indicada – debatendo-se em torno do que é “tradição” e “tradicional” – sendo em alguns estudos utilizado o termo “local” em detrimento do anterior (Hernández-Morcillo et al. 2014; Heckler 2013). Por implicar menos controvérsia, e uma vez que não passa pelos objectivos do presente trabalho clarificar o significado de “tradicional”, é aqui empregue, este último.

Os sistemas de conhecimento local não são estáticos, podendo os *HG* ser considerados como ecossistemas sustentáveis e resilientes (Galluzzi et al. 2010) – a resiliência reside na habilidade de um sistema em absorver e tolerar mudanças, sendo flexível na resposta a alterações sociais e ambientais e permanecendo com a sua estrutura, função e respostas essenciais, sendo assim, um sistema social e ecológico de conhecimentos resiliente quando tem a capacidade de absorver novas informações (Reyes-Garcia et al. 2013).

Relativamente à caracterização das dinâmicas do sistema de conhecimentos, Reyes-García et al. (2014-b), num estudo sobre conhecimento agrícola em *HG* em Espanha, classificam-no em “incapaz de absorver mudanças” ou “capaz de incorporar mudanças”, verificando que os conhecimentos agrícolas tradicionais e modernos não são necessariamente exclusivos um do outro, sendo ambos incorporados no conhecimento agrícola aplicado nestes espaços. Desta forma, constituem locais em evolução e resposta constante às alterações das condições ambientais e socioeconómicas locais, funcionando também como bolsas de memória social e ecológica, ao preservarem práticas e conhecimentos tradicionais relativos à gestão dos ecossistemas locais, mesmo que associadas a sistemas modernos.

A transmissão de conhecimento tradicional pode ser feita verticalmente – entre indivíduos de gerações diferentes, com relações de parentesco –, horizontalmente – entre indivíduos da mesma geração – ou obliquamente – entre indivíduos de diferentes gerações, mas sem relacionamento de parentesco (Reyes-García et al. 2013). As práticas de gestão empregues podem servir de ponte entre gerações, uma vez que estes conhecimentos experienciais são passados de geração em geração, em simultâneo com a introdução de novas tecnologias e plantas, constituindo, a par com a produção de espécies que perduram há muito no local, formas de assegurar a transmissão de conhecimentos (Vogl-Lukasser e Vogl 2004).

O entusiasmo, ou a inexistência deste, na transmissão de conhecimentos acerca de certas plantas pode encontrar-se relacionado com eventos aos quais estas são associadas – como por exemplo, pouca vontade em falar sobre plantas selvagens associadas a períodos de carências alimentares (Carvalho e Morales 2010). Alterações mais ou menos recentes na paisagem (alterações ambientais, sociais e económicas continuas), nomeadamente no sistema agrícola, têm consequências nos *HG*, podendo ser introduzidas, como respostas de adaptação a novas espécies diversas e variedades de plantas provenientes de diferentes origens, aumentando a diversidade destes espaços (Reyes-García et al. 2010; Vogl-Lukasser e Vogl

2002). Os *HG*, enquanto áreas domésticas, são locais de pequena escala, ilustrando a composição e conduta de gestão destes espaços, o processo dinâmico do desenvolvimento e evolução do conhecimento local (Vogl e Vogl-Lukasser, 2004).

## CAPÍTULO III | ARQUITECTURA PAISAGISTA, ETNOBOTÂNICA E *HOMEGARDENS*

### III.I ÂMBITOS

O domínio do arquitecto paisagista evoluiu do jardim, à paisagem lúdica e, gradualmente, a toda a paisagem (Telles 1997). Em ambos os extremos – em termos de escala do espaço – inseridos na abrangência desta disciplina, se enquadram tanto os estudos etnobotânicos mais clássicos, como a sua aplicação em *HG*. Quer pela própria porção do território estudada, como pela importância que a contextualização social e ecológica assume, e na medida em que, tratando-se de espaços privilegiados de observação e análise da relação homem-natureza, podem ser constatados processos que dizem respeito e interesse a ambas as disciplinas.

O conceito operativo de paisagem, desenvolvido pela primeira geração de arquitectos paisagistas portugueses, reside no facto de o princípio transformador de paisagem ter de passar pela interiorização do processo natural, sendo para tal fundamental contemplá-lo e vivenciá-lo, interiorizando os valores do lugar – biótico e cultural – e a relação interdependente gerada entre ambos (Carapinha 2007). Caldeira Cabral (2003) define como objectivo da arquitectura paisagista o procurar realizar, em cada momento, com a maior perfeição, a paisagem humanizada – aquela que o homem modelou para satisfação das suas necessidades primárias. A qual exige, para além de razões económicas e objectivos sociais, que se realize numa perspectiva humanista, cultural e moral, para a qual o arquitecto paisagista deverá estar especialmente vocacionado e preparado. Seguindo esta linha de pensamento, o entendimento da paisagem deve ser feito de forma global e transdisciplinar (Telles 1997), sendo exigido igual conhecimento dos homens, das plantas e do meio físico (Cabral 2003).

Deste modo, verifica-se um outro ponto de convergência de ambos os domínios do saber – o seu cariz interdisciplinar, que engloba transversalmente várias outras áreas, desde as apelidadas ciências naturais às sociais e humanísticas – ficando, porventura, o aspecto de criação artística próprio à arquitectura paisagista, fora desta similaridade.

### III.II PAISAGEM

A acepção pictórica de paisagem remonta à estética clássica, altura em que era pensada enquanto equivalente da natureza, vista por um olhar somente observador e, por isso, sujeita apenas a representações desta última (Serrão 2011; 2012; Cauquelin 2008).



No século XIX, com a estética contemporânea surge também a percepção de que a paisagem é resultante de processos naturais e antrópicos, com significados ecológicos e culturais – com uma imensa teia de relações entre todos os seres vivos e o seu meio –, tornando-a, a dimensão tempo, numa entidade passível de transformações (Serrão 2011; 2012).

Assim, ultrapassada a sua inicial consideração estética, a paisagem é hoje interpretada de forma mais ampla (Telles 1997), devendo ser entendida como lugar de intersecções e encontros entre o natural e o humano – o que a torna numa “realidade peculiar que reclama perspectiva de abordagens integradoras” (Serrão 2012) –; sistema natural dinâmico, em contínua transformação (Carapinha 2007); sendo a imagem que resulta da interacção entre os processos naturais e antrópicos (Magalhães 2007). São nela considerados aspectos de índole biológica e física, e as sociedades e culturas que a modelam – pode ser considerada como o reflexo da vida e cultura de determinada comunidade, impresso no território (Telles 1997).

### **III.III RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA**

Ao falar da relação entre homem e natureza, quer de um ponto de vista paisagístico quer num discurso antropológico, inerente à etnobotânica, estabelecem-se pontes entre estas disciplinas.

Para a arquitectura paisagista, a paisagem encerra uma noção de entidade resultante da interacção entre a natureza e o homem – relação manifestada desde sempre nos modos de construção e de representação das paisagens (Magalhães 2007).

Já de uma perspectiva antropológica surge o conceito de apropriação social da natureza. Em traços gerais, sugere que o processo de adaptação do homem implica a elaboração de representações e interpretações da natureza, partilhadas pelos membros de uma mesma sociedade, com concepções que legitimam e organizam as relações dos homens entre eles e face à natureza (Godelier citado por Frazão-Moreira 1999). Com este conceito, alude-se assim ao carácter socialmente construído da natureza (Ellen 1996 citado por Frazão-Moreira 1999), sendo o espaço natural entendido como todo aquele que não tem uma ocupação humana intensiva, independentemente de ser ou não transformado e utilizado pelo homem, e a percepção da natureza, social, quer por ser sujeita a transformações ou objecto de construção de ideias e de concepções de cariz simbólico (Frazão-Moreira 1999).

A convergência aqui apontada entre as disciplinas em questão reside, primeiramente, no facto de em ambas se considerar uma apropriação da natureza por parte do ser humano, que a entende e modela de diferentes formas – a arquitectura paisagista, ao ler paisagens, em toda a sua abrangência ecológica e cultural, e nas relações entre ambas, e consequentemente ao analisar as suas comunidades, tenta também perceber de que forma a natureza é apreendida e transformada por estas.

Na perspectiva paisagística de que a compreensão da paisagem é indispensável para nela se poder actuar, devendo ser entendido o relacionamento entre os diferentes elementos que a compõem e o seu comportamento (Telles 1997), e cabendo ao arquitecto paisagista conseguir

a transversalidade entre os conhecimentos englobados, identificando em que medida cada um desses conhecimentos se espacializa na paisagem, nomeadamente através de metodologias integrativas (Magalhães 2007), a etnobotânica pode ainda ser entendida como disciplina que contribui para o estudo de aspectos particulares da paisagem e das dinâmicas que nela se desenvolvem, encontrando-se assim na abrangência da arquitectura paisagista.

Outro ponto de similaridade surge com a relação homem-mundo vegetal, por si só, tanto pelo recurso à botânica, e a todos os aspectos que esta aporta, como pelo estudo dos usos das plantas e das suas múltiplas formas de conjugação, pelas comunidades humanas.

### **III.IV HOMEGARDEN ENQUANTO JARDIM**

*Homegarden*, jardim e todas as terminologias utilizadas como seus sinónimos descrevem uma mesma realidade – espaços que têm como fim principal a produção hortofrutícola, que são também lugares de repouso, de intimidade e em simultâneo de sociabilidade (Carapinha 1995). Contudo, o termo utilizado por cada uma das disciplinas é diferente. Enquanto a etnobotânica emprega o primeiro, a arquitectura paisagista categoriza estes espaços recorrendo a termos como jardim, horta, horto e quintal.

Caldeira Cabral (2003) descreve “jardim”, como a porção de espaço exterior – prolongamento da casa, ao ar livre – que o homem mais intensamente adaptou às suas necessidades e prazeres, constituindo ainda o elemento de ligação entre a casa e a paisagem. Carapinha (1995) refere também que entre os conceitos de jardim e paisagem se desenham relações estreitas, constituindo o jardim um espaço “onde se está na natureza e com a natureza”.

Ao longo dos tempos, diversas semânticas foram atribuídas ao termo jardim, como o termo “horto” (com essência de traços mediterrânicos; remete para um pequeno espaço fechado, onde se pratica uma cultura intensiva de verduras, frutos e flores para consumo diário, e, por vezes, como espaço também de recreio, além de produção; apresentando-se como uma parcela de terreno cercada, de pequena dimensão), “quintal” (este com uma ligação mais forte com a habitação, situando-se na continuidade desta, onde se cultivam hortaliças, legumes, plantas ornamentais e árvores frutíferas, sujeitas a técnicas de produção) e “horta” (maior que o horto) (Carapinha 1995).

### **III.V CONSERVAÇÃO**

As preocupações da etnobotânica e da arquitectura paisagista confluem ainda na questão da necessidade – ou mesmo urgência – de preservação e conservação dos diversos valores naturais e culturais – objecto de estudo de ambas – e daqueles em que ambos se conjugam.

Tal como já referido, uma das aplicações da etnobotânica incide precisamente no aspecto da conservação, de todos os parâmetros que são alvo do seu estudo (Cotton 1996). De acordo com Carvalho (2005), muitas das práticas tradicionais são válidas como ferramentas de gestão.

Referindo Caldeira Cabral (2003), a conservação da paisagem assume grande importância no trabalho da arquitectura paisagista, devendo o seu ordenamento reflectir preocupações com todos os seus níveis – ecológicos e biológicos, e antrópicos, sociais e culturais.

## CAPÍTULO IV | METODOLOGIAS EM ANTROPOLOGIA, ETNOBOTÂNICA E *HOMEGARDENS*

### IV.I RECOLHA DE INFORMAÇÃO | TRABALHO DE CAMPO

A maioria da informação recolhida pelos etnobotânicos é de cariz cultural e relatada pelos informantes, implícita e explicitamente, com conceitos e categorias particulares do indivíduo, os quais podem ou não corresponder aos conceitos e categorias do investigador (Alexiades 1996). O investigador deve posicionar-se “dentro” para compreender e, em simultâneo, estar “fora” para racionalizar a experiência e poder construir um objecto científico legítimo (Caria 2003). De modo a minimizar reinterpretações e reformulações inconscientes por parte do investigador, da informação e experiências transmitidas pelos informantes, são utilizadas metodologias e técnicas específicas de trabalho de campo – baseadas em conceitos antropológicos – na recolha de dados culturais particulares (Alexiades 1996).

Ao longo do estudo, o investigador é confrontado com situações muito variadas, para cada das quais são utilizados determinados procedimentos de recolha. Devem ser tidas em consideração quatro categorias de recolha de informação – localização (área de estudo), tempo (presente em todas as situações de trabalho de campo, cada comunidade apresenta os seus próprios ritmos), eventos (tomar atenção aos comportamentos das pessoas observadas) e pessoas (informantes). Para cada uma existem técnicas de selecção, adaptadas e utilizadas consoante as necessidades do estudo (Burgess 1984).

No estudo de *HG* a programação do trabalho de campo requer habitualmente uma visita em cada estação do ano, com o propósito de acompanhar os ciclos das plantas ao longo de um ano, e de distribuir o tempo requerido para as entrevistas em várias visitas. Em termos históricos, deve ser empregue uma abordagem diacrónica que permita um entendimento das dinâmicas associadas a este tipo de espaços, nomeadamente com a recolha de dados sobre a área e as suas transformações nos períodos mais recentes (Vogl et al. 2004).

### IV.II METODOLOGIAS

As metodologias apropriadas utilizadas em etnobotânica são extremamente diversas, uma vez que a própria disciplina da etnobotânica é inerentemente multidisciplinar (Cotton 1996). Ao longo do estudo a informação é recolhida com base na aplicação de diferentes métodos

analíticos – qualitativos e quantitativos. A escolha de um destes métodos, ou a conjugação dos dois, varia de acordo com os objectivos do estudo, das condições do local, natureza da relação entre o investigador e a população local, e experiência do investigador. Muitos investigadores optam por abranger uma combinação de ambos, a qual tem vindo a resultar de forma mais útil, numa recolha de dados precisa e completa (Martin 1996; Cotton 1996).

O estudo dos *HG* constitui uma óptima oportunidade para utilizar técnicas formais e informais na recolha de dados tanto qualitativos como quantitativos (Vogl et al. 2004).

Na maioria dos casos, o sucesso na recolha de dados etnobotânicos resulta da observação próxima e constante de uma população, o que só pode ser conseguido com uma participação de longo termo na sua vida quotidiana (Cotton 1996). Muitos dos métodos utilizados consomem bastante tempo, tornando-se impraticável a aplicação de todos de uma só vez, levando os investigadores a repartirem o tempo entre várias visitas de campo, com períodos em “casa”, nos quais aproveitam para analisar os dados recolhidos (Martin 1996).

No presente sub-capítulo são apenas abordadas as metodologias utilizadas no caso de estudo desta dissertação, e referida em que medida cada uma contribuiu para os resultados apresentados posteriormente – apesar de inúmeras outras terem sido estudadas durante o tempo de elaboração da parte teórica da presente tese, e de preparação do trabalho de campo.

## OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante refere-se à partilha de vivências com a população, durante diversas alturas do seu quotidiano – actividades de subsistência como cozinhar e trabalhar no campo – e baseia-se na observação das relações homem-planta, sendo particularmente importante na documentação dos usos destas, pois é recolhida informação altamente confiável (Alexiades 1996; Martin 1996). Ao envolver-se nas actividades da comunidade, o investigador assiste em primeira mão a uma situação social, de um ponto de vista participativo (Burgess 1984).

Nos estudos em *HG* todas as visitas devem ser complementadas por observação das tarefas neles desenvolvidas – preparação de terras, mondas, rega, colheitas, e por aí em diante. Durante estes períodos é possível verificar a precisão de declarações feitas durante as entrevistas, e por ventura ter contacto com conhecimentos que nelas tenham sido esquecidos, ou que só se revelem em contexto de trabalho nas hortas ou quintais (Vogl et al. 2004).

Em relação ao caso de estudo, a utilização desta metodologia foi fundamental na recolha de conhecimentos acerca de recursos naturais – nomeadamente junto da informante-chave durante visitas ao “campo” – e de procedimentos relacionados com as plantas, como tarefas desenvolvidas nos *HG* e práticas de gestão dos mesmos. Serviu ainda de método complementar na obtenção de dados referentes a pormenores do espaço, como suas utilizações e atributos físicos; tempo passado e aos responsáveis pelos *HG*; e ainda de confirmação de informação proveniente de entrevistas, como composição e usos das plantas.

## ENTREVISTAS

As entrevistas constituem a melhor forma de aprender acerca de atitudes e valores, e daquilo que as pessoas dizem fazer (Bernard 2006). São elaboradas num espectro de menos a mais formal (Bernard 2006; Madden 2010), sendo as mais informais e menos estruturadas, normalmente, as mais utilizadas na prática etnográfica (Madden 2010).

É através da entrevista que o etnobotânico recolhe os diferentes aspectos epistemológicos, simbólicos e pragmáticos relativos aos usos das plantas, situando-os num contexto significativo. Para uma pergunta ser válida, esta tem de possuir o mesmo significado para quem a transmite e para que a recebe, isto é, necessita de ser formulada de uma forma culturalmente apropriada. Geralmente as questões não devem ser nem demasiado complicadas, nem demasiado curtas ou ambíguas, nem os entrevistadores perguntarem questões que explicitamente ou implicitamente remetam para uma resposta, uma vez que podem levar a respostas distorcidas ou erróneas (Alexiades 1996).

De acordo com Spradley (1979), as entrevistas devem conter uma série de etapas que contemplam tipos de comportamento a ter com o entrevistado. A validade da entrevista enquanto método de investigação depende do contexto em que se desenvolve e das capacidades do entrevistador. O investigador deve colocar questões, ouvir repostas, ler linguagem corporal, estudar as dinâmicas de interação, e em simultâneo registar as respostas dos informantes e as suas próprias impressões (Martin 1996). A forma como se conduz a entrevista, a maneira como são feitas as perguntas e recolhidas as respostas têm um grande impacto na qualidade, quantidade e significado da informação recolhida (Alexiades 1996).

É imprescindível que o investigador conheça os aspectos locais e limites culturais, particulares do grupo em estudo, a partir dos quais se pode construir uma relação harmoniosa e empática com a população informante, devendo ser adoptada uma postura de observação cuidada e atenta, com valores de respeito e sensibilidade pelos limites pessoais de cada informante (Alexiades 1996). A relação ideal entre o etnobotânico e o informante começa, normalmente, com uma certa apreensão e termina com total disponibilidade e participação. A melhor informação é recolhida após largos períodos de tempo, quando, à medida que se vão familiarizando, a confiança mútua e o entendimento são desenvolvidos, sentindo-se os informantes mais confortáveis e seguros na discussão dos tópicos em maior detalhe, e em trazer à conversa novos tópicos, o que permite ao investigador fazer uma verificação cruzada das suas observações reiteradamente (Alexiades 1996; Spradley 1979).

### Entrevistas abertas | Entrevistas não estruturadas

As entrevistas abertas são essencialmente conversas informais que não possuem qualquer estrutura ou controlo, durante ou após as quais o investigador regista o que foi dito ou observado (Alexiades 1996; Cotton 1996). Esta técnica é particularmente útil na incitação de confiança com os informantes em fases iniciais, na abordagem de questões sensíveis,

condução de estudos mais profundos acerca de aspectos culturais dos usos das plantas, e no desenvolvimento de orientações formais para entrevistas semi-estruturadas (Bernard 2006).

Em termos práticos, na presente dissertação, a aplicação deste método revelou-se importante nas primeiras abordagens tidas com alguns informantes, e de substancial relevo na recolha de conhecimentos sobre os recursos naturais, nomeadamente sobre as “plantas do campo”, e na caracterização daquela paisagem, “antigamente” – desde há 60/70 anos – e agora, e das transformações que sofreu durante este período – informações recolhidas aquando das visitas ao “campo” efectuadas com a informante-chave.

#### Entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas semi-estruturadas, apesar de deterem parte da flexibilidade das entrevistas não estruturadas, baseiam-se numa lista de tópicos que o investigador pretende tratar e são particularmente úteis após serem identificadas questões específicas de pesquisa, que necessitem de ser aprofundadas. Antes de se iniciar a entrevista, essa série de perguntas predeterminadas deve ser preparada, formando a base do “guião de entrevista”. Durante a conversa algumas destas podem ficar pelo caminho, podendo, por outro lado, surgir novas. Para a formulação destas questões é importante ter uma prévia interacção com a comunidade, incluindo observação de tarefas quotidianas (Alexiades 1996; Cotton 1996; Martin 1996).

Esta metodologia serviu de base a muitos dos resultados alcançados, nomeadamente acerca de tópicos como a caracterização dos *HG* (física e cultural), tocando em aspectos como a proveniência das plantas e o destino da produção e a troca de conhecimentos; a relação estabelecida entre os informantes e os *HG*, como informação sobre as razões que os levam a possuir estes espaços; a caracterização da aldeia e as transformações ocorridas na paisagem – antigos modos de vida e dependência dos recursos naturais e transformações no tipo de uso do solo na freguesia. A utilização deste tipo de entrevista permitiu também complementar dados recolhidos, concernentes às informações pessoais e sociais dos informantes; a alguns usos das plantas e dados sobre a sazonalidade da vegetação; aos pormenores do espaço (*HG*) como a sua alteração ao longo do tempo; e à relação com as “plantas do campo”.

#### Entrevistas estruturadas

Interacções estruturadas ou sistemáticas envolvem inquirir o mesmo tipo de perguntas a um grupo seleccionado de informantes. Esta aproximação é tida como formal ou quantitativa e baseia-se num conjunto fixo de questões, normalmente directas e fechadas, apresentadas a vários informantes (Alexiades 1996; Martin 1996). Devem ser reservadas para alturas mais avançadas da pesquisa, quando o etnobotânico se encontra mais confiante no entendimento da cultura local e com maior habilidade na colocação de questões certas (Alexiades 1996). Este tipo de entrevista é o que permite maiores dados para utilizar em quantificação e análise estatística (Alexiades 1996; Martin 1996).

Em *HG*, neste tipo de entrevista, devem ser abordadas questões acerca dos atributos destes espaços, das espécies presentes e seus usos, e sobre o informante (Vogl et al. 2004).

No presente caso de estudo foram empregues entrevistas estruturadas principalmente na recolha de informações pessoais e sociais dos informantes, como atributos socio-económicos, educação hortícola/agrícola; usos das plantas dos *HG* e do “campo” inseridas nestes espaços e nomes vernaculares das espécies; procedimentos relacionados com as plantas, como relativos aos momentos de plantação e colheita, técnicas e práticas de gestão e razões na escolha das plantas presentes nos *HG* (sua proveniência e factores de escolha). Efectuadas após as entrevistas semi-estruturadas, contribuíram ainda para clarificar alguns tópicos que não tinham sido respondidos anteriormente.

#### Análise de domínio cultural – *Free Listing*

As técnicas de análise de domínio cultural consistem no estudo de como as pessoas de uma comunidade agrupam coisas, como objectos físicos ou conceitos (Bernard 2006).

No estudo de *HG* estas técnicas permitem investigar a variação da importância das plantas entre os informantes, e caracterizar a variação dos seus conhecimentos e práticas (Vogl et al. 2004), dando melhores resultados quando aplicadas após o estabelecimento de uma relação de proximidade e confiança com a comunidade, e depois de se ter uma maior noção das práticas e conhecimentos locais (Martin 1996).

A técnica *free listing*, na qual se pede aos informantes para listar o que sabem relativamente a certo tópico, é exemplo de ferramentas analíticas (Bernard 2006; Martin 1996).

A sua utilização foi particularmente útil para os resultados obtidos neste trabalho, referentes às relações estabelecidas com as “plantas do campo”, mais precisamente na “listagem” dos seus nomes comuns e usos; e na recolha de características de transformação da aldeia e da sua paisagem envolvente.

#### INVENTÁRIO DE ESPÉCIES DE PLANTAS

A recolha de plantas é uma das tarefas mais básicas da prática etnobotânica. Quando colhidas, funcionam como exemplares para a sua correcta identificação científica e correspondência com a nomenclatura local (Martin 1996).

Com o intuito de servir os propósitos enunciados, no presente caso de estudo o levantamento da vegetação presente nos *HG* foi conseguido pela recolha de *voucher specimens* – comprovantes de espécimes de plantas, que devem ser recolhidos de todos os *taxa* encontrados nos *HG* da área de tudo, preferencialmente de indivíduos férteis, devendo ser feita uma identificação preliminar dos espécimes nos *HG*, posteriormente enviados para um herbário que colabore com a investigação (Vogl et al. 2004).

A recolha de espécimes de todas as espécies é uma tarefa difícil e muitas vezes inalcançável. Por vezes encontra-se apenas um indivíduo de uma espécie num jardim, pelo que retirá-lo pode conduzir ao seu desaparecimento no *HG*, ou até mesmo, na região. Nestes casos, a planta deve ser fotografada (Martin 1996; Vogl et al. 2004).

No caso das “plantas do campo” procedeu-se de igual forma, ao longo de todas as visitas feitas ao “campo” com a informante-chave.

## MAPEAMENTO

A elaboração de mapas e desenhos durante o trabalho de campo de índole etnográfica e antropológica é abordada por vários autores (Chambard 1979; Conklin et al. 1980; Kuznar and Werner 2001; Roberts 2012), constituindo ferramentas importantes na recolha de dados e uma forma de entendimento do espaço (Roberts 2012), em questões como, no caso dos *HG*, o estudo do seu zonamento (Vogl et al. 2004). Como exemplo, pode ser elaborada uma planta do jardim, com indicações relativas a dimensões dos canteiros/parcelas, posição das plantas, localização da casa e existência de muros ou cercas (Martin 1996), como também mapas da paisagem local (Roberts 2012).

Os referidos aspectos foram contemplados no caso de estudo do presente trabalho, tendo esta técnica assumido grande relevância na definição de tipologias de *HG*; na caracterização de alguns atributos físicos destes espaços, como a sua área; e na análise das transformações ocorridas nos *HG*, na aldeia e paisagem envolvente.

## IV.III ÁREA DE ESTUDO | INFORMANTES

### CASO DE ESTUDO

Qualquer lugar por mais inesperado que seja é passível de estudo etnobotânico (Castro 1996).

A escolha do tipo de *HG* a ser estudado deve ser feita atendendo aos interesses pessoais do investigador, aos fundos e tempo disponíveis e ao tipo de questões e hipóteses a colocar, com a clarificação do que é ou não incluído no universo de estudo (Vogl et al. 2004). Pode escolher-se primeiramente as aldeias, dentro destas, os *HG*, e só posteriormente os informantes (Reyes-García et al. 2010) ou após a visita a vários domicílios e na concordância, ou não, em participar no estudo por parte dos proprietários, selecionam-se as parcelas a estudar (Martin 1996).

A caracterização da área de estudo deve atender a fontes secundárias como etnografias, mapas e considerações geográficas – que descrevam a região, o seu estado de conservação e a população local – (Martin 1996), e bibliografia botânica e ecológica local (Castro 1996).

Por consequente, no presente trabalho, foram pré-selecionadas as aldeias que se localizavam na zona pretendida – sítios rede natura 2000 Cabrela e Monfurado, no Alentejo (devido ao propósito inicial de relacionar este estudo com a gestão de áreas classificadas, mas que foi delegado para plano inferior no decorrer da investigação, por emergirem outros, mais enquadrados com as suas tónicas principais) – e visitadas, com o intuito de, através de uma apreensão inicial, mais intuitiva e de observação, perceber quais teriam maior potencial para o estudo. Seguidamente procurou-se obter aconselhamento junto de entidades locais, como bibliotecas municipais e associações de desenvolvimento rural sobre as aldeias. Acabou por



ser escolhida a aldeia indicada num dos referidos locais, onde a recepção ao tema da tese foi mais entusiasta e interessada – e já que nos restantes não foi mostrado qualquer interesse.

## INFORMANTES

As pessoas que concedem informações etnobotânicas são apelidadas de informadores ou informantes (Castro 1996) ou participantes, variando os critérios utilizados na sua escolha de acordo com as necessidades específicas do estudo e do seu contexto (Cotton 1996).

Os apelidados “informantes-chave” ou especialistas são pessoas com profundo conhecimento acerca de um aspecto particular da cultura local – sobretudo do meio natural e de plantas – e dispostas a partilhá-lo. Entre estes informantes e os investigadores podem ser desenvolvidas conversas mais profundas e relações estreitas (Bernard 2006; Castro 1996; Martin 1996).

É indispensável estabelecer e desenvolver relações fiáveis e respeitosas com os informantes e possuir as técnicas necessárias à recolha rigorosa de dados culturais (Alexiades 1996; Castro 1996), dado que se está a lidar com conhecimento que pode ser visto como pertença intelectual de certos indivíduos, comunidades ou sociedades (Alexiades 1996). As pessoas contactadas devem ser informadas dos objectivos e âmbitos do estudo, sendo-lhes pedida permissão para visitar as suas casas e hortas ou quintais – no caso dos *HG* (Vogl et al. 2004).

A escolha dos informantes no caso de estudo da presente dissertação foi feita de acordo com o método “bola de neve” – o mais comum nos estudos etnobotânicos, que consiste no uso de informantes-chave para localizar mais pessoas na população, às quais é pedido novamente que refiram outras pessoas que detenham conhecimentos, e por aí em diante, sendo eficaz quando se trata de comunidades relativamente pequenas (Bernard 2006). Uma informante que trabalha na aldeia e conhece bem a sua população indicou os primeiros contactos. No decorrer do trabalho de campo, alguns informantes indicaram o nome de outros – mas que normalmente já constavam da indicação feita primeiramente. A selecção dos *HG* para o estudo foi, assim, decorrente da anterior.

Relativamente à caracterização dos informantes, estes são no total 13, dos quais 9 homens, 3 casais – homem/mulher (agrupados por terem sido entrevistados em conjunto) – e 1 mulher. A média de idades é de 67 anos, tendo o informante mais novo 53, e o mais velho 90. A maioria nasceu na freguesia, ou em povoações próximas, e sempre viveram na aldeia, à excepção de alguns casos de migrações para cidades – mas que entretanto voltaram, por se encontrarem na reforma. É possível constatar estes dados pela análise do quadro 1.

**Quadro 1 – Caracterização social dos informantes**

Inf	Sexo	Idade	Naturalidade	Há quanto tempo na aldeia
1	M	75	Sta. Susana	Desde a reforma
2	M   F	68   64	Sta. Susana   S. Cristóvão	Sempre   Desde casamento
3	M	64	Alvalade do Sado	Desde os 8 anos
4	M	68	Sta. Susana	Desde a reforma

5	M   F	68   66	Sta. Susana	Sempre
6	M   F	64   55	Sta. Susana   Cuba	Sempre   Desde casamento
7	M	53	Sta. Susana	Desde reforma
8	M	72	Sta. Catarina	Desde os 17 anos
9	M	77	Sta. Susana	Sempre
10	M	57	Sta. Catarina	Desde os 19 anos
11	F	63	Sta. Susana	Desde a reforma
12	M	90	Sta. Susana	Sempre
13	M	72	Sta. Susana	Sempre

**Legenda: Inf – Informante; M – Masculino; F – Feminino**

Observando o quadro 2, verifica-se que apenas 2 informantes trabalham, no sector terciário, encontrando-se a maioria reformada. Todos referiram ter trabalhado no campo, durante a sua adolescência/juventude – 4 trabalharam já adultos em cooperativas agrícolas ou em actividades relacionadas com a agricultura –, tendo, a maioria, posteriormente adquirido ocupações nos sectores secundário e terciário.

**Quadro 2 – Percurso profissional dos informantes**

<b>Inf</b>	<b>Ocupação actual</b>	<b>Ocupações anteriores</b>	<b>Trabalho no campo</b>	<b>Migração</b>
1	Reformado		Até aos 20 anos	Algarve
2	Reformados	Maquinista da CP	Até se casarem	
3	Reformado	Operário fabril	Na juventude	Setúbal
4	Reformado	Operário fabril	Dos 10 aos 21 anos	Várias cidades
5	Reformados	Trabalhadores sectores 1º, 2º e 3º	Antes se casar   Dos 13 aos 29	
6	Trabalhadores sector 3º		Até se casarem	
7	Reformado por invalidez	Trabalhadores sectores 1º, 2º e 3º	Até aos 14 anos	Lisboa
8	Reformado	Trabalhador sector 3º	Muitos anos	
9	Reformado	Trabalhador sector 1º	Na juventude	
10	Trabalhador sector 3º		Muitos anos	
11	Reformado	Operário fabril	Dos 12 aos 22 anos	Cacém
12	Reformado	Pastor   Queijeiro	Muitos anos	
13	Reformado	Operário fabril	Muitos anos	

**Legenda: Inf – Informante; Sector 1º - Sector Primário; Sector 2º - Sector Secundário; Sector 3º - Sector Terciário**

## PARTE II | CASO DE ESTUDO

### CAPÍTULO V | SANTA SUSANA, ALENTEJO

Santa Susana localiza-se no extremo nordeste do concelho de Alcácer do Sal (figura 1), onde faz fronteira com boa parte do concelho de Montemor-o-Novo, confinando uma pequena parte da freguesia, a sudeste, com o concelho de Viana do Alentejo. Integra, desde 2013, a União das Freguesias de Alcácer do Sal (Santa Maria e Santiago) e Santa Susana, tendo anteriormente sido sede da freguesia com o mesmo nome, a qual apresentava uma área de 16644,6 ha. Pequeno aglomerado populacional inserido numa vasta área rural, contrasta com a realidade urbana da sede de concelho da qual dista apenas cerca de 16 km (CMA 2007; Marçano 2013).



**Fig. 1 – Localização da freguesia no concelho e localização da aldeia na freguesia | Fonte: Google Earth | Tratamento: Autor**

As análises e caracterizações apresentadas posteriormente são feitas em relação à área da freguesia de Santa Susana anterior à sua agregação com as duas freguesias referidas, por uma questão de maior coerência paisagística, dado a recente união englobar realidades bastante diversas – área urbana da cidade de Alcácer do Sal e a zona rural de Santa Susana.

Em cada temática abordada seguidamente, é cruzada, sempre que faça sentido, informação baseada em dados bibliográficos, análise cartográfica e informação proveniente do trabalho de campo efectuado, nomeadamente das percepções dos informantes e das observações feitas.

#### **V.I ENQUADRAMENTO GERAL**

##### **A PAISAGEM DO SUL**

O “Norte” e o “Sul” são geralmente separados pela linha do rio Tejo, que surge como limite climático, enfatizando o contraste do relevo, entre um Portugal húmido e outro mais árido

(Ribeiro 2011). Os campos do “Sul”, assim delimitados a norte pelo vale do Tejo e pela charneca da Beira Baixa, têm o seu término nos montes da serra algarvia (Picão 1983). O “Sul” contém a mais vasta e monótona unidade natural do país, o Alentejo, que é no entanto, mais complexa e heterogénea do que qualquer outra. Esta região detém um carácter maioritariamente mediterrânico (Ribeiro 2011).

#### Clima | Relevo | Vegetação

O “Sul” apresenta um clima mediterrânico, quase sem cariz atlântico. A temperatura aumenta à medida que se caminha para o interior, sendo mais moderada junto ao oceano – uma vez que aí a humidade relativa é mais elevada. Com um Outono de chuvas escassas – as quais regulavam o início dos trabalhos agrícolas após o Verão – e um Inverno de frio e chuva, é sobretudo marcado pelos longos Verões e pela aridez e secura a si inerentes (Ribeiro 2011).

Dominada por “terras baixas” (Ribeiro 2011) e apreendida pela imensidão da “terra lisa” (Ribeiro 2011), é região de planícies e planaltos médios, raramente intercalados com formas de relevo, mais ou menos proeminentes.

No “Sul” são mais abundantes as espécies vegetais mediterrâneas, mais exigentes em calor e secura, muitas com adaptações às condições climáticas e não pertencentes à flora indígena, sendo a sua distribuição e a fisionomia das suas associações reflexo das dinâmicas conjuntas do solo e clima, em simultâneo com uma ancestral e imensa acção do homem. O cunho atlântico surge com certas espécies, como o pinheiro e o tojo, onde as suas ligeiras influências climáticas se conjugam com determinados tipos de solo (Ribeiro 2011).

A susceptibilidade deste território a calamidades naturais como sismos e a presença de mosquitos e outros parasitas transmissores de doenças – nomeadamente na cultura alagada do arroz, na região do vale do Sado –, lado a lado com os antigos modos de vida e hábitos de trabalho das populações, constituem também aspectos de grande relevância (Ribeiro 2011).

#### Actividades económicas | Utilização do solo

Relativamente à economia agrária, em 1945, Orlando Ribeiro (2011) apontava a agricultura como dominante na economia portuguesa, incrementada pela conjugação com a criação de gados e de arvoredos, sendo a sua marca mais possante “os campos” – unidade de exploração agrária destinada principalmente à produção de cereais. O sobreiro, a azinheira e a repartição do terreno em parcelas de produção de trigo, de restolho e de pousio, eram assim característicos, bem como a progressão dos arrozais, e do montado de sobreiro. Incluídas nas culturas arbustivas e arbóreas do “Sul” as matas eram muito raras, com excepção dos pinhais, tendo especial relevância os arvoredos esparsos normalmente subespontâneos, nos quais o montado é a forma mais característica, e ainda a vinha e o olival.

Os cereais de Inverno, as árvores e arbustos constituíam as culturas de sequeiro – forma encontrada para superar a aridez do clima durante o Verão. Ao invés, as culturas de regadio eram aquelas que necessitavam de rega artificial como o arroz, os legumes, e

consequentemente as hortas, e os pomares, ocupando normalmente áreas muito limitadas no conjunto da superfície agrária. Os arrozais exigiam muita mão-de-obra, e eram, por isso, actividade de grande importância (Ribeiro 2011).

A vida pastoril alentejana, caracterizada pelas criações de rebanhos de ovelhas, constituía também actividade de especial relevo.

#### Formas de povoamento | Estrutura de propriedade

No Alentejo, as aglomerações rurais – fundo do povoamento português – eram descritas como andando lado a lado com as vastas áreas de herdades e montes, alternadas com matagais, e encontrando-se as aldeias envolvidas numa rede de latifúndios e de montes distantes, caracterizadas pela pouca população (Ribeiro 2011). Descrição cujos traços gerais são, ainda hoje, dominantes.

#### LITORAL E INTERIOR ALENTEJANO

Apesar de se localizar no concelho de Alcácer do Sal (Alentejo Litoral) a freguesia de Santa Susana faz fronteira com o concelho de Montemor-o-Novo e de Viana do Alentejo (Alentejo Central), como já referido, conjugando inúmeras influências de litoral e interior alentejanos, como se verificará na análise feita seguidamente.

A localização geográfica de Alcácer, que agrega territórios de interior e de litoral, determina uma diversidade de características, nomeadamente nas actividades económicas e em todo o enredo social que daqui advém. O rio Sado e o oceano Atlântico mostram-se como elementos fundamentais na sua história (CMA). Montemor e Viana do Alentejo sendo concelhos de forte cariz interior alentejano, são, desta perspectiva, mais homogéneos.

A cozinha local serve de exemplo a esta complementaridade territorial. A zona de Santa Susana é vista como a “mais alentejana do concelho” (Valagão 2006), que no entendimento dos residentes nada tem a ver com o litoral. A diversidade particular de recursos alimentares disponíveis permite a coexistência de práticas mais tradicionais do interior alentejano (como o vasto uso de ervas aromáticas enquanto condimentos) com a proximidade do rio e do mar (de onde provêm recursos alimentares, como peixe) e dos campos de arroz. O uso do pão, tradicional de zonas de searas, é mais frequente e, consequentemente, as açordas e os ensopados, que são enriquecidos com as ervas aromáticas disponíveis (predominam o poejo e a hortelã-da-ribeira – principalmente junto a cursos de água – os orégãos e os coentros). A alimentação é assim baseada nos recursos provenientes da terra e enriquecida pelos que derivam dos cursos de água (Valagão 2006).

#### **V.II CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA**

A base ecológica desta paisagem é fundamental para as particularidades locais estabelecidas entre a comunidade e o meio em que se insere, da qual são indivisíveis, determinando tipos de

ocupação do solo, vivências quotidianas da população e conhecimentos etnobotânicos, bem como certas características dos *HG*, os quais adquirem identidades específicas.

## UNIDADES DE PAISAGEM

No estudo desenvolvido por Abreu et al. (2004), Santa Susana está incluída no conjunto de unidades de paisagem que integram o grupo “Q – Terras do Sado”, no qual o rio Sado surge como elemento estruturante. Dentro deste, insere-se na “Unidade 97 – Montados da Bacia do Sado”, a qual faz a transição entre o interior alentejano e o litoral. Noutro estudo debruçado sobre a bacia hidrográfica do rio Sado, Moreira et al. (2004) definem também unidades territoriais, encontrando-se parte da freguesia na unidade de “Baixo Sado”, e a maioria na “Zona de Cabeceiras Nordeste”; em termos de zonamento fisiográfico as partes sul e sudoeste encontram-se em zonas de transição – estabelecem a ligação entre cabeceiras e zonas de vale principal, de altitudes <100 m – e a restante em zonas de cabeceiras – com altitudes > 100 m.

## CLIMA

O clima, além de condicionar bastante o tipo de vegetação existente, espontânea e cultivada, é moldador de certos ritmos de vida da comunidade, e determina pormenores nas casas e nos *HG* – como a existência de zonas de descanso para apanhar sombra. A temperatura média anual da freguesia varia entre 15°C e 17°C; a média da temperatura máxima diária encontra-se entre 20°C e 24°C; e a média da temperatura mínima diária entre 10°C e 12°C (CEAP 2013). A precipitação varia entre 500 e 700 mm por ano, e a humidade térmica do ar entre 70 e 75 %, alternado a insolação entre 2800 e 3000 horas por ano, existindo períodos de geada entre 3 e 5 meses ao longo do ano. A média da entalpia varia entre 6 e 7.5, sendo a classe de conforto bioclimático “fresca” (APA 2014). No cruzamento das variáveis climáticas que são consideradas como as que mais condicionam a vegetação, as zonas de classificação USDA com as de deficiência hídrica, Santa Susana localiza-se na zona 9b – temperatura mínima anual extrema entre -3,9°C e -1,1°C – seca (Cortes 2011).

## LITOLOGIA | SOLOS

As formações litológicas existentes são a base para o tipo de relevo que surge na freguesia, bem como condicionantes dos tipos de solo presentes. Variam entre formações sedimentares (arenitos, calcários mais ou menos margosos, areias, cascalheiras, argilas; cascalheiras de planalto, arcoses da Beira Baixa, arenitos, calcários; areias, calhaus rolados, arenitos pouco consolidados, argilas), formações sedimentares e metamórficas (xistos argilosos, grauvaques, arenitos; metavulcanitos; xistos, quartzitos, anfíbolitos; xistos, grauvaques; conglomerados, xistos carbonosos, xistos argilosos; rochas carbonatadas) e formações de rochas eruptivas vulcânicas (pórfiros quartzíferos) (APA 2014).

Os tipos de solo, determinantes para a vegetação existente e condicionadores dos tipos de actividades neles desenvolvidas, são afloramentos rochosos; solos litólicos, não húmicos; litossolos; podzois; solos calcários; solos calcários para-barros; solos argiluvitados pouco

insaturados – solos mediterrâneos; solos hidromórficos; aluviossolos modernos; barros; solos de baixas – caluviossolos; e solos orgânicos hidromórficos – solos turfosos. Em termos de valor ecológico do solo, em grande parte das terras a oeste da aldeia encontram-se solos de elevado e muito elevado valor, embora estes últimos tenham uma área muito pouco predominante na freguesia. Dominam os solos de elevado valor, tendo o conjunto de solos que variam entre valor muito reduzido e valor variável uma área próxima dos anteriores (CEAP 2013). Apresentam um pH predominantemente ácido, entre 5.6 e 6.5 (APA 2014).

## HIDROGRAFIA | HIPSOMETRIA | DECLIVES | MORFOLOGIA DO TERRENO

A hidrografia, a hipsometria e os declives, e a resultante morfologia do terreno – a qual assenta no sistema húmido e no sistema seco e em quatro situações morfológicas: zonas contíguas às linhas de água, cabeços, cabeços em sistema húmido antigo e vertentes (CEAP 2013) – determinaram desde sempre, o tipo de ocupações antrópicas no território, as actividades económicas a si associadas e consequentes características sociais.

Em termos hidrográficos, a freguesia, localizada na bacia hidrográfica do rio Sado, é atravessada por um dos seus principais afluentes, a ribeira de Alcáçovas, e pelas linhas de água secundárias que nela confluem. Adjacentes às ribeiras mais próximas da aldeia, algumas terras foram sendo aproveitadas pela comunidade para cultivo de hortas – prática cada vez menos frequente. Destaca-se ainda a presença da barragem do Pego do Altar como ponto de importância económica e turística.

A hipsometria, que representa a elevação do terreno, contempla todas as classes que se encontram entre os 5m – mínimo verificado a sudoeste, adjacente à barragem – e os 300m – a nordeste (CEAP 2013).

Através de análise da carta de declives, elaborada pelo CEAP (2013), verifica-se que as áreas menos declivosas surgem junto à albufeira da barragem e na zona sudoeste da freguesia, correspondendo os mais elevados às encostas da ribeira a montante e a jusante da albufeira, e a vales de algumas linhas de água mais secundárias, nomeadamente no quadrante nordeste.

Na área de estudo, dominam as vertentes que confinam com zonas adjacentes a linhas de água com uma expressão relevante, sendo de menor extensão onde os cursos de água são mais encaixados. Os cabeços existentes são, na maioria, largos, embora alguns correspondam quase apenas à linha de fecho; ocorrendo ainda situações pouco pronunciadas de cabeços em sistema húmido antigo (CEAP 2013).

O relevo é relativamente ondulado e associado ao predomínio de montados, com densidades mais fechadas nas zonas declivosas e vales encaixados, e mais abertos nas zonas menos declivosas (Abreu et al. 2004).

## VEGETAÇÃO

Em relação à biogeografia, Santa Susana localiza-se na região mediterrânica > sub-região mediterrânica ocidental > superprovíncia mediterrânica ibero-atlântica > província luso-

estremadurense > sector mariânico-monchiquense, no qual predominam sobreirais e azinhais transformados em montados (Aguiar et al. 1998). Sendo ainda frequentes medronhais nas encostas de vale; vegetação flutuante, galerias ripícolas, tamargais, freixiais e amiais associados às linhas de água e charcos temporários mediterrânicos; e subestepes de gramíneas e anuais (ICNB s.d.).

Ribeiro (2011) refere as piteiras e figueiras-da-Índia; alguns cistos, dos quais ressalta a esteva; a carqueja; algumas urzes; o alecrim, os tomilhos, a alfazema e o rosmaninho; o medronheiro, o loureiro e os *Quercus* de folhagem persistente; o pinheiro manso; a aroeira, a gilbardeira e o loendro; a cana; entre outras, como plantas mediterrânicas, características da paisagem do “Sul”, e que surgem na área em estudo. A influência atlântica ocorre com o tojo – aparece no “Sul” em estreita relação com os solos a si mais favoráveis, e com a proximidade do mar – e o pinheiro – os pinhais de pinheiro-bravo encontram-se aqui em tufos esparsos, onde a aragem atlântica lhes permite suportar ainda o calor estival.

Atendendo às classes de conservação de vegetação natural e seminatural elaboradas pelo CEAP (2013), é possível observar a existência de zonas de vegetação com valor de conservação muito elevado, sobretudo junto a talvegues, mas com uma área não muito expressiva, sendo dominante a vegetação com elevado interesse para conservação, existindo ainda zonas de moderado e baixo nível de conservação, mas nenhuma de muito baixo.

#### CAPACIDADE DE USO DO SOLO

Pela interpretação da carta de solos surge a de capacidade de uso do solo, constituída por classes às quais são associados diferentes tipos de utilização. Em Santa Susana a classe mais dominante é a “limitações severas”, a que corresponde um uso não agrícola, florestal; destacando-se ainda as classes “limitações moderadas”, associadas também a usos florestais, e “condicionada por limitações acentuadas”, associada a utilização agrícola; as classes “sem limitações” e “limitações moderadas” apresentam uma área residual. Zonas com conjugação de classes e de utilizações mais complexas apresentam uma área expressiva (APA 2014).

#### ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO | CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

No decorrer das descrições anteriores é patente a necessidade de salvaguardar os recursos naturais que caracterizam esta paisagem, nomeadamente a sua riqueza biológica – manifesta na dominância de montados e de matos densos em alguns vales, e a eventual presença de lince ibérico (Abreu et al. 2004).

Em termos legislativos, as figuras criadas para o referido fim, imperantes na freguesia são o PDM de Alcácer-do-Sal; SIC Rede Natura 2000 de Cabrela; IBA de Cabrela; PROT do Litoral Alentejano e Plano de Ordenamento das Albufeiras.



### V.III ALTERAÇÕES E CARACTERIZAÇÃO DAS COMPONENTES SÓCIO-ECONÓMICAS

As características de povoamento e os aspectos sociais, no Alentejo, foram determinados, em grande parte, pela estrutura da propriedade, pela sua modelação ao longo dos tempos, e pelos modos de exploração de terras e cultivo a si inerentes, associados às actividades económicas propulsionadas pelos diferentes contextos temporais.

#### HERANÇA HISTÓRICA

A presença de populações agro-pastoris, e das marcas derivadas das suas actividades na paisagem mediterrânea remontam ao Neolítico. A produção de cereais, principalmente trigo e cevada, advêm já deste período (Caldas 1997).

As continuadas inscrições humanas no território, com especial relevância dada às práticas pastoris e agrícolas, decorreram na constituição de charnecas, matos e matagais no lugar das florestas primitivas, “combate rural onde se moldou a própria civilização”, tendo-se mantido no entanto, alguma vegetação inerente a estas, no Sul (Ribeiro 2011). O predomínio do montado nestas paisagens reflecte uma conjunção positiva de factores sociais, actividades económicas e tipo de uso do solo – como pelo interesse alimentar da bolota, da azinheira e do sobreiro – que resultou, não só na preservação deste sistema característico, levando também a que o “monumento vegetal” inerente à floresta primitiva fosse mantido (Caldas 1997).

O “Sul” foi a “larga porta de entrada de todas as influências culturais mediterrâneas”, onde as civilizações com este cariz – fenícia e grega, romana e árabe – aqui deixaram as marcas mais profundas (Ribeiro 2011). Os Celtas introduziram a vinha, a oliveira, a figueira e a amendoeira; a romãzeira, a palmeira e a tamareira passaram a ser incluídas com os Cartagineses, bem como plantas aromáticas e medicinais como o alho e a cebola. Concomitante aos romanos, são introduzidas várias culturas hortícolas como feijão-frade, pepino, melão, abóboras, alface, espargos, acelga, cenoura, rabanete, salsa, coentros, cominhos, segurelha, e alcachofra; e espoletado, especialmente neste território, o cultivo do trigo, da vinha, da oliveira e das árvores de fruto como macieira e pereira, ameixeira, cerejeira, ginjeira, pessegueiro e damasqueiro. A presença mourisca fez-se aqui sentir mais intensamente, e reflecte-se nomeadamente nos vocábulos e na toponímia utilizados. Os árabes introduziram novas plantas – a alfarrobeira, o limoeiro, a laranjeira azeda, o sorgo, a melancia, várias variedades de feijão e espinafres, e quiçá o arroz –; incrementaram a cultura da oliveira; e desenvolveram grandemente um engenhoso aproveitamento das águas com a técnica do regadio, e as a si associadas noras, canais de rega, e talhões de legumes ou pomar. Com a “Expansão Marítima” assiste-se a uma revolução agrária, impressa na aclimação de plantas exóticas, nomeadamente de batata e tomate (Caldas 1997; Ribeiro 2011).

Muitas destas culturas foram-se adaptando às condições ecológicas locais, e passaram por um processo de “naturalização”, sendo actualmente consideradas espécies locais “naturalizadas”.

A difusão do milho grosso, de sequeiro, dá-se a partir do século XVII neste território, e faz-se em detrimento do milho-miúdo e do centeio e a favor da decadência de soutos; tendo só sido suplantado pela grande expansão do trigo iniciada no fim do século XIX (Ribeiro 2011).

Atendendo a Valagão et al. (2006) a cultura alimentar local, do concelho de Alcácer do Sal, resulta das memórias e saberes legados pelos diversos povos que por ele passaram, os quais, além das espécies vegetais e animais, deixaram técnicas de produção agrícola e saberes culinários, nomeadamente os inerentes ao uso de ervas aromáticas, e as tradições da alimentação mediterrânea, baseada na trilogia que combina pão, azeite e vinho.

## ESTRUTURA DE PROPRIEDADE

A paisagem agrária foi sofrendo transformações ao longo dos tempos. Este território adquiriu particularidades inerentes a cada povo que por ele passou, tendo a estrutura da propriedade sido moldada, sobretudo, pelos diferentes regimes políticos e administrativos de cada época, e dominada, desde há muito, pelo latifúndio. Ao abordá-lo, contribui-se para uma melhor contextualização da aldeia e, em última análise, dos *HG* em estudo.

### O latifúndio | Herdades, montes e foros

O latifúndio, entidade amplamente complexa, constitui uma estrutura socio-económica, na medida em que é gerada pela conjugação indissociável de aspectos económicos e sociais (H. Barros 1980; Sevilla-Guzmán 1980). Em termos económicos destaca-se o “gigantismo empresarial” praticado em explorações agrárias de enormes extensões (Sevilla-Guzmán 1980). A componente social é marcada pela disparidade económica entre proprietários – latifúndio vinculado normalmente a uma só pessoa ou família, muito rica e dominante – e trabalhadores – grupo maioritário, com nível de vida muito pobre – (Silva 1980; H. Barros 1980), verificando-se um “sistema local de domínio de classes, através de relações sociais de dependência específica” (Sevilla-Guzmán 1980). Este regime de utilização da terra traduz-se no cultivo assente em trabalho assalariado, ou na cedência de parcelas a seareiros, recorrendo o latifundiário à modalidade que lhe traga o mínimo de riscos, investimento e mão-de-obra, e o máximo rendimento (Baptista 2010; Pereira 1980).

O fenómeno da concentração da propriedade fundiária relaciona-se originalmente com condições geoclimáticas específicas – que se verificam em regiões como o Alentejo – mas é influenciado sobretudo por causas sociais e económicas, que ocorrem desde os primórdios das explorações agrícolas e pecuárias (Silva 1980).

A existência deste tipo de propriedade remonta ao Império Romano – a herdade e o monte alentejanos são os resquícios do latifúndio romano, a *villa* rústica (Ribeiro 2011), mas é a partir do período da Reconquista que se vão delineando os seus traços principais. Após este período de lutas constantes, os primeiros reis portugueses adoptaram o sistema de doações de grandes domínios a magnatas e a ordens religiosas ou militares com o intuito de consolidarem uma região, que assolada pelas guerras, se encontrava árida e pouco povoada. A terra ficou assim imobilizada e os limites das propriedades fixados antes do seu povoamento (Oliveira e

Galhano 1992; Ribeiro 2011). A zona de Alcácer do Sal esteve sujeita à Ordem Militar de Santiago nos séculos XII e XIII (CMA 2007), época a partir da qual entrou em vigor o direito foraleiro que se manteve até ao século XV. Os foros – parcelas de terra transferidas de um dono para um foreiro, o qual através da prestação de uma certa pensão, os podia vender, arrendar, doar ou hipotecar – advêm deste período e constituem um tipo de propriedade inerente às herdades (Ribeiro 2011). A época de estado centralizado de índole mercantil, entre o século XV e o início do século XIX, favoreceu a concentração do poder do aparelho estrutural fundiário então existente, passando os latifúndios das ordens para o Estado. Estas propriedades foram posteriormente adquiridas em hasta pública pela classe burguesa, no decorrer do século XIX, já durante o tempo de estado parlamentar (Silva 1980; Ribeiro 2011). Contudo, a exploração prosseguiu com base no arrendamento (Silva 1980; Pereira 1980). Dá-se, desta forma, no século XIX, a privatização da propriedade a sul do Tejo e a criação da paisagem extensiva latifundiária (Caldas 1997). Ainda neste século, nas charnecas do “Sul”, proliferam as courelas – resultantes de divisões de herdades, no todo ou em partes, dadas geralmente a uma família com aforamento. Os foros, localizados no meio de matagais ou incultos e uma das formas recentes de ocupação do solo, permitiam a instalação de colonos, vindos de aldeias próximas ou de terras do Norte. O monte constituía ainda outra entidade de concentração do povoamento relacionada com a grande unidade agrária, no qual viviam tanto os exploradores do solo, como os trabalhadores rurais permanentes e temporários (Ribeiro 2011).

O século XX é marcado por vários momentos decisivos numa nova fase do latifúndio, e inerentemente nas consequentes alterações das dinâmicas sociais e económicas do “Sul”. Os grandes domínios fundiários ocorreram nas décadas de 1940 e 1950, caracterizadas principalmente pela economia do trigo. O crescente êxodo rural, o esgotamento de muitas das terras, e o incremento da mecanização determinaram a degradação do seu regime, marcando toda a década seguinte. O capitalismo agrícola sobrepôs-se ao latifúndio tradicional (Baptista 2010). No Alentejo, a primeira investida contra o latifúndio gerou-se pouco depois do 25 de Abril de 1974 com ocupações de grandes explorações por parte dos trabalhadores rurais e a formação de “Unidades Colectivas de Produção” (Pereira 1980). Os titulares dos grandes domínios fundiários retraíram-se no cultivo da terra explorada directamente e na dimensão das áreas arrendadas (Baptista 2010). Com a Reforma Agrária cada unidade colectiva integrava várias herdades, adquirindo dimensões maiores do que as dos latifúndios anteriormente existentes (A. Barros 1980). A Contra-Reforma Agrária, em 1977, desmantelou muitas unidades colectivas de produção, aplicando um modelo fundiário de média dimensão, tendo os grandes domínios fundiários sido reconstituídos, com a excepção da distribuição de algumas parcelas de terra a pequenos e médios agricultores (Baptista 2010).

À semelhança do referido, na freguesia de Santa Susana, atendendo a Marçano (2013), além das vastas herdades existentes e dos seus montes – habitados pelos proprietários ou rendeiros, e por vezes por trabalhadores em habitações contíguas – existiam também os foros. Após o 25 de Abril de 1974 formaram-se duas cooperativas agrícolas em terras ocupadas

pelos trabalhadores, entretanto já extintas. Apesar da sua existência, não ocorreram grandes alterações no sistema fundiário, uma vez que em 1979 se encontravam registadas 19 propriedades com dimensão entre 200 e 500 ha, e 5 com dimensão superior. Nas últimas décadas as dimensões destas propriedades agrícolas não sofreram grandes alterações, dado a preferência dos proprietários por as manter indivisas. Os pequenos foros ou courelas existentes actualmente – de dimensões entre 1 e 8 ha – resultam da partilha de algumas terras divididas por herança, mas também por doação e ainda permuta ou aquisição.



**Fig. 2 – Parcelamento das propriedades | Freguesia de Sta. Susana | Fonte: Carta Agrícola e Corográfica de Pery 1890/1905 e Cadastro Geométrico da Propriedade Rústica 1950/51 | Tratamento: Autor**

Observando a cartografia acima apresentada (figura 2), e comparando a forma da estrutura de propriedade entre o início do século XX e os anos 1950, verifica-se um menor parcelamento, com a agregação de algumas herdades – 5 herdades surgem, cada uma, da agregação de 2; e 1 da agregação de 4. Uma vez que não existe cartografia actual não é possível actualizar esta comparação. No entanto, tendo em consideração o estudo de Marçano (2013) e pela informação fornecida pelos informantes, supõe-se que a estrutura não tenha sofrido grandes alterações.

## ACTIVIDADES ECONÓMICAS E UTILIZAÇÃO DO SOLO

### Actividades económicas

Baptista (1980) descreve a realidade económica desta região relativamente ao período entre os anos 1930 e a década de 1960, como assente, sobretudo, nos cereais, no olival, no montado de sobro, e nos gados. A motomecanização não era expressiva, predominando o trabalho agrícola manual e a tracção animal. Como alusão às transformações destas práticas, relativas à produção cerealífera, é descrito que *“antigamente os cereais eram transportados para as eiras por carroças, em molhos; depois passou-se a utilizar máquina de debulhar fixas à eira e*

*só se movimentavam atreladas a tratores, máquina que separava o trigo da palha; mais tarde vieram as enfardadeiras, máquinas de onde saíam os fardos e agora usam-se ceifeiras”* (informantes 5). Até aos anos 1960 o trigo era a produção dominante, dando o Estado apoios e subsídios nesse sentido, em detrimento de outras produções como as pecuárias. Assistia-se à “Campanha do Trigo”, mas também ao crescimento dos montados e às tiradas de cortiça, ao incremento dos regadios de arroz, de tomate e de melão (Caldas 1997).

As referidas culturas são contemporâneas da juventude de muitos dos informantes. Segundo alguns deles, a produção de tomate era feita sobretudo por mulheres, bem como a de arroz – *“em Janeiro andavam as trabalhadoras descalças nos talhões de arroz, nos viveiros; em Maio, altura de muitos mosquitos, faziam plantações de recua para não pisarem o que plantaram; e em Setembro eram feitas as ceifas à mão”* (informantes 5). Sendo que nas restantes *“trabalhavam homens e mulheres juntos no campo”* (informantes 2), embora houvesse divisão de tarefas – *“as mulheres apanhavam as azeitonas já enrugadas, o restelo”* (informante 11). A sementeira de melanciais e meloais era feita em terrenos cedidos pelos lavradores da aldeia aos trabalhadores, e os campos eram dominados pelos cereais.

As medidas políticas derivadas de todas estas questões imprimiram grandes marcas na paisagem alentejana, com o desbravamento de terras e o alargamento das áreas de cultivo com arroteamento de incultos, que chegou a ser indiscriminado, o aumento de uso de adubos e fertilizantes, bem como o esgotamento dos solos, e o simultâneo aumento do povoamento (Marçano 2013; Pais et al. 1976).

A Reforma Agrária e a formação das unidades colectivas de produção, após o 25 de Abril, melhoraram as oportunidades de trabalho para os trabalhadores rurais desempregados, e constituíram, sobretudo, uma esperança na inversão dos tempos de miséria e repressão, que até ali tinham marcado o Alentejo. Paralelamente, os assalariados agrícolas melhoraram os seus direitos no trabalho e beneficiaram de novos apoios sociais (Baptista 2010). Contudo, o sistema de gestão de terras praticado não sofreu grandes modificações (A. Barros 1980).

Com a entrada de Portugal na CEE, em 1986, iniciou-se uma nova fase no panorama agrícola e, consequentemente, social e económico alentejano. Destaca-se a aplicação da Política Agrícola Comum (PAC), e a sua reforma de 1992, que consagra a distribuição de subsídios ao invés da produção, resultando numa gestão da grande maioria da superfície agrícola utilizada integrada nas grandes herdades, direccionada para a maximização de uma renda fundiária, sem objectivos de produção (Baptista, 2010).

Na região de Santa Susana, a partir desse momento, as culturas de tomate tornaram-se pouco comuns e as de arroz muito reduzidas, tendo o regime extensivo de exploração das terras com vista a aumentar a rentabilidade sido dominante ao longo do tempo. Contudo a agricultura manteve-se a ocupação dominante da população durante todo o século XX e no virar para o século XXI, existindo também alguma exploração de gado bovino e caprino, tal como pequeno comércio (Marçano, 2013).

O Alentejo rural sofreu uma profunda transformação na sequência do anteriormente referido e derivado de uma série de outros factores, deixando de ser predominantemente agrícola e adquirindo cada vez mais uma dependência da articulação com o sistema urbano, em que cidades e vilas estruturam a sua vida social e económica. Surge ainda outra realidade com a venda de terras de grandes proprietários tradicionais a grupos e empresas capitalistas que muitas vezes estabelecem explorações muito intensivas, com pesadas consequências ambientais e sociais. A questão dos grandes empreendimentos turísticos contribui também, muitas vezes, para a dissociação com o rural envolvente. Assiste-se assim, à grande presença das explorações no controle do espaço, ao recuo da área efectivamente agricultada e à acentuada quebra do Alentejo agrícola nos planos de produção e do trabalho (Baptista, 2010). Contudo algumas destas políticas têm vindo a ser reequacionadas e procuradas estratégias de desenvolvimento, que passam também pela valorização dos recursos locais – como exemplo, a iniciativa comunitária LEADER (Cristóvão 2005).

Em Santa Susana, a partir dos anos 1990 muitos proprietários começaram a candidatar-se a apoios comunitários para a agricultura, criação de reservas de caça e explorações bovinas, apresentando rendimentos elevados, derivados principalmente de explorações agrícolas e agropecuárias. A utilização de maquinaria agrícola foi sendo e é crescente, acompanhada pela contratação dos apenas necessários trabalhadores rurais. Alguns lavradores arrendam parte das suas propriedades a outros proprietários ou rendeiros (Marçano 2013).

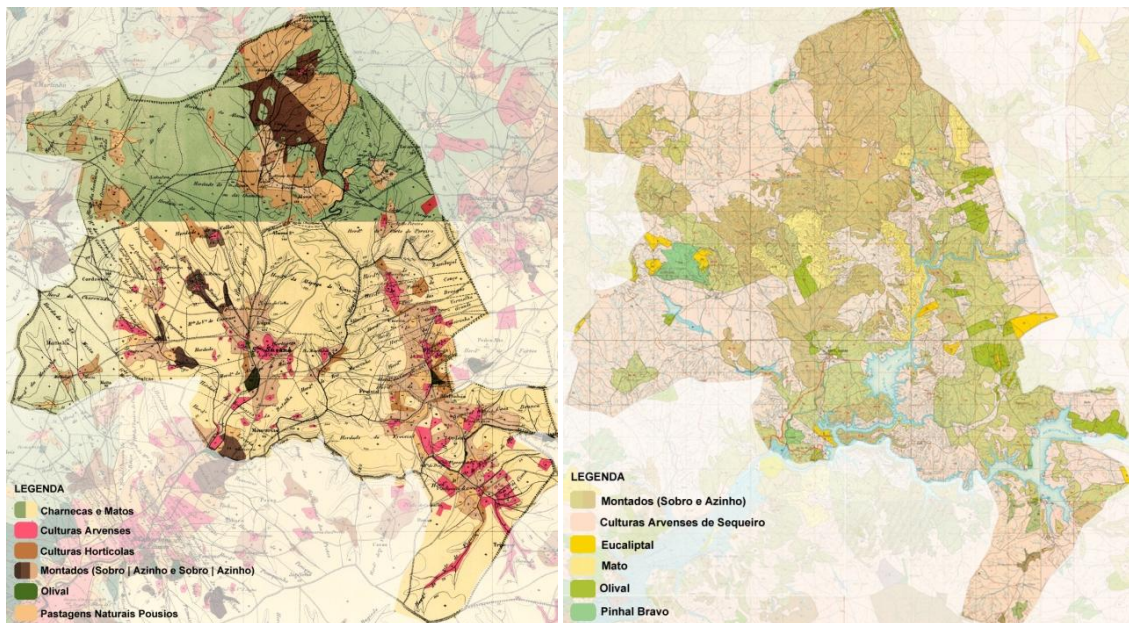
A leitura feita pela maioria dos informantes recai sobretudo na discrepância entre a quantidade do que era produzido antigamente e actualmente, em paralelo com a ideia de que os subsídios, vocacionados para a produção animal, não foram bem aproveitados e tendo sempre em linha de conta a quantidade de trabalho de uma e de outra época – *“antigamente os montes eram todos cultivados”* (informantes 6), *“havia muita produção e muito trabalho; agora não se produz quase nada; se não fosse os subsídios não tinham lá nada, é uma pena”* (informante 9), *“os subsídios são para o gado, não dão emprego às pessoas, 1 trabalhador chega para tomar conta de 2 ou 3 herdades”* (informante 3); *“agora a produção de cereais é quase inexistente nas herdades; o que é semeado é mais para a alimentação do gado, por causa dos subsídios; já houve subsídios para não plantar”* (informantes 5).

#### Ocupação e tipo de usos do solo

Informação recolhida, datada do início e meio do século XX, e século XXI, permite observar as alterações que a freguesia foi sofrendo neste período, no que diz respeito aos usos do solo.

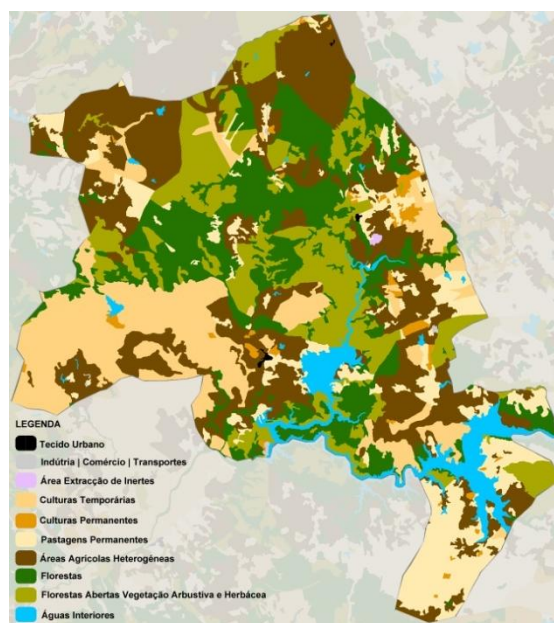
Analisando a cartografia apresentada na figura 3, é possível constatar que no início do século XX existia um predomínio bastante significativo de charnecas e matos, seguido, em menor área, pelos montados. Esta realidade sofreu acentuadas transformações, patentes na carta referente à altura de meio século, em que passam a dominar os montados a par das culturas arvenses de sequeiro, o que vai de encontro aos dados referidos anteriormente, referentes às actividades económicas, como o desbravamento de matos e o incremento da produção cerealífera.





**Fig. 3 – Alterações nos usos do solo | Fonte: Carta Agrícola e Corográfica de Pery 1890/1905; Carta Agrícola e Florestal de Portugal 1958/62| Tratamento: Autora**

Segundo Abreu et al. (2004), há cerca de 10 anos, verificava-se uma coerência razoável de usos, em termos da sua diversidade e complementaridade, e das características biofísicas – com a ocupação em planaltos marcada por culturas arvenses de sequeiro e pastagens; por pequenas áreas de regadio; e algumas manchas dispersas e pequenas de olivais e policultura associados aos assentos de lavoura e aos pequenos núcleos populacionais. Contudo, a tendencial expansão de plantações de eucalipto e o crescente abandono das actividades do sector primário podem vir a pôr em causa a sustentabilidade desta área.



**Fig. 4 - Alterações nos usos do solo | Fonte: COS 2007 | Tratamento: Autora**

A carta de 2007 (figura 4) indica uma diminuição das áreas de culturas temporárias de sequeiro, e um crescimento das áreas de diversos tipos de florestas e áreas agrícolas heterogéneas – como sistemas agro-florestais. Predominam, na freguesia, as florestas e as culturas temporárias; tendo expressão considerável as florestas abertas de vegetação arbustiva e herbácea, e as áreas agrícolas heterogéneas; seguem-se as pastagens permanentes e as águas interiores; o tecido urbano, as áreas de extracção de inertes, as áreas de indústria/comércio/transportes, e as culturas permanentes, têm expressão residual.

## POPULAÇÃO

Na medida em que as actividades económicas modelam o tipo de ocupação do solo e influenciam as comunidades, as quais, além de parte integrante da paisagem, imprimem nesta marcas profundas, são aqui descritos os aspectos mais decisivos respeitantes a esta relação.

### Actividades económicas e população

Na história agrícola portuguesa as questões relacionadas com a produção cerealífera nacional foram sempre uma constante, nomeadamente a sua insuficiência e as implicações sociais adjacentes (Pais et al. 1976). Os tempos de fome e miséria que assolaram o país durante certos períodos da primeira metade do século XX devem-se a uma conjuntura de factores, que advêm desde os últimos tempos da Monarquia – altura em se assistia a uma grave dificuldade no abastecimento de produtos alimentares (Van Rossum 2011).

O “sobe e desce” de momentos de produção de cereais – períodos de incremento da mesma e outros de grandes dificuldades – e inerentes medidas políticas aplicadas no limiar do século XIX, e ao longo da primeira metade do século seguinte, fez-se sentir muito directamente na vida das populações de trabalhadores rurais. Apesar de em alturas de maiores dificuldades terem sido aplicadas medidas na tentativa de evitar grandes crises, a instabilidade social era constante, da qual advieram, em períodos de maior aperto, conflitos sociais.

Os momentos que melhor retratam este facto iniciam-se com a aplicação da Lei da Fome ou Lei Benemérita – consoante o que significava para trabalhadores ou para proprietários –, em 1899 (Pais et al. 1976; Van Rossum 2011). Segue-se a preferência de trabalho assalariado em detrimento da mecanização – mesmo após o grande incremento desta no início do século XX – de modo a responder ao desemprego maciço existente, mas que resulta na diminuição dos salários reais, gerando agitações sociais. A Campanha do Trigo – instituída em 1929 já pela mão do Estado Novo – nunca chegou a resultar no autoabastecimento contínuo pretendido, apesar do esforço aplicado, assistindo-se a desequilíbrios na produção e colheitas sempre irregulares. Embora se tenha verificado em 1934 e 1935 uma superprodução, no ano seguinte esta já diminuía. Acrescendo ao esgotamento progressivo do solo, assistiu-se ao abandono de muitas terras arroteadas e ao conseqüente decréscimo de produção (Pais et al. 1976).

Todavia, a produção de trigo prosseguiu nas décadas seguintes no Alentejo e em Santa Susana (Marçano 2013). Na freguesia, a construção da barragem do Pego do Altar, entre 1935



e 1949, essencial para o desenvolvimento da cultura de regadio de arroz, possibilitou uma diminuição temporária do desemprego na zona (CMA 2007; Marçano 2013).

A partir de 1943 aumentam os conflitos rurais em todo o Alentejo, como consequência do agravamento das condições de vida e de trabalho dos anos anteriores (Pereira s.d.). O problema do trabalhador alentejano era essencialmente o do emprego e não a ânsia de posse da terra (Pereira 1980 a). Os concelhos de Alcácer do Sal e Montemor-o-Novo são marcados por conflitualidades permanentes até meados da década de 1960 – mais frequentes em Montemor, onde o poder da estrutura fundiária e o inerente domínio social eram maiores (Pereira s.d.). O ambiente social em Santa Susana terá sido influenciado pelas dinâmicas dos dois concelhos, tendo-se registado na freguesia uma revolta de trabalhadores com exigências de aumento de salários, no pequeno povoamento de Barrancão – localizado na fronteira com Montemor (Marçano 2013). No fim da década de 1960 os movimentos migratórios, tanto para o estrangeiro como para as cidades, permitiram que os conflitos decrescessem, uma vez que o declínio na oferta de mão-de-obra tinha permitido a valorização das jornas do campo e consequente aumento dos salários e melhoria no nível de vida dos trabalhadores rurais (Pais et al. 1976). Na sequência do 25 de Abril de 1974 assiste-se a uma tentativa de alteração social interna, com a ocupação de terras e a criação de cooperativas agrícolas (Marçano 2013).

A produção de cereais é apontada pela maioria dos informantes como maior fonte de emprego no “antigamente” – *“antes semeavam muito mais; trigo, cevada”* (informante 8), *“havia muito trabalho com as produções de cereais principalmente, e de arroz”* (informantes 2), *“as plantações de cereais no Verão e arroz no Inverno davam trabalho a muita gente”* (informante 13), *“iam às 90 e tal mulheres trabalhar nos arrozais”* (informante 8); mas também *“as de tomate”* que *“eram feitas também pelas meninas finas; o ordenado era 12 escudos”* (informante 11). Como referido no ponto anterior, em relação às consequências sociais das actividades económicas que marcaram o rural nas últimas décadas do século XX, destaca-se uma menor necessidade de mão-de-obra, apesar do desenvolvimento do turismo e de outras actividades relacionadas com este meio. A saída continuada da população activa e o crescente envelhecimento, são factores que contribuem também para a realidade social local, sendo ainda dada conta de outro aspecto – *“com o aparecimento do fundo de desemprego muitas pessoas na aldeia, capazes de trabalhar, deixaram de o fazer para o receber”* (informante 11).

Marçano (2013) faz uma análise social de Santa Susana, baseada sobretudo nas dinâmicas socio-económicas que marcaram o século XX. Seguindo uma “linha de hierarquia social”, os principais grupos constituídos são: os grandes proprietários, latifundiários ou lavradores, donos das herdades; os seareiros ou rendeiros, que no tempo das campanhas cerealíferas desbravavam as terras para cultivo e as cultivavam intensivamente, sendo estas arrendadas; e os trabalhadores rurais, o mais numeroso, que trabalhava em troca de uma jorna, tendo um padrão de vida muito pobre e de extremas dificuldades. A percepção de alguns informantes vai de acordo ao referido pela autora. Aludindo aos seareiros, *“antigamente nas herdades muitos trabalhadores desbravavam o campo, para se fazer sementeira de grão, cevada, trigo, arroz e*

*mais tarde tomate*” (informantes 5); *“os donos davam bocados de terra para se semear; muitas pessoas da aldeia viviam só disso”* (informante 9). Além dos referidos “grupos”, os pastores são também mencionados – *“Os pastores e as famílias não passavam fome, tinham direito a vários bens familiares e às domingueiras; mas a vida era muito mais pobre”* (informante 11).

Actualmente, segundo dados do INE (2012), a população economicamente activa na freguesia (empregados e desempregados) apresenta um total de 115 pessoas, das quais 69 são homens e 46 mulheres. O conjunto da população empregada é de 105 indivíduos (64 homens, 41 mulheres), empregando o sector primário 46 pessoas, o secundário 13 pessoas, e o terciário 46 pessoas – 24 em actividades de natureza social e 22 em actividades económicas. O total da taxa de actividade em 2011 era de 32,6%. Em termos de desemprego existem 10 indivíduos nessa situação (5 homens, 5 mulheres), 4 dos quais estão à procura do primeiro emprego e 6 à procura de novo emprego. A taxa de desemprego em 2011 era de 8.7%.

Em termos do nível de escolaridade atingido referente à população residente, este é nulo para 75 pessoas (32 homens e 43 mulheres); pré-escolar: 4 pessoas das quais 3 são homens; 1º ciclo do ensino básico: 180 (97 homens, 83 mulheres); 2º ciclo do ensino básico: 23 (15 homens, 8 mulheres); 3º ciclo do ensino básico: 24 (13 homens, 11 mulheres); ensino secundário: 22 (9 homens, 13 mulheres); e ensino superior: 24 (11 homens, 13 mulheres). A taxa de analfabetismo é de 19,01% (INE 2012).

### Demografia

O Alentejo que na época romana era uma das regiões mais povoadas tornou-se, depois dos conflitos da Reconquista, numa vasta área pontuada por raros núcleos de povoamento; tendo permanecido desta forma até meados do século XIX, altura do espoletar das extensas culturas cerealíferas, da economia dos montados e das plantações de oliveiras (Ribeiro 2011).

Ao nível da freguesia de Santa Susana, de acordo com a análise de dados de Marçano (2013), desde 1864, parece indicar um lento crescimento populacional até 1900. Em 1911, a população aumentava cerca de 70%, com a existência de 117 residentes na aldeia. O valor máximo de natalidade é atingido nos anos 1930, apresentando os dados relativos a 1940 um aumento brusco da população, com uma taxa de variação populacional positiva de 227% em relação a 1911 – facto presumivelmente explicado pela política de povoamento das décadas anteriores, pelo desbravamento dos campos e a construção da barragem do Pego do Altar; à população local, juntaram-se migrantes das Beiras e do Algarve. O declínio populacional inicia-se nos anos 1950 – devido ao uso de máquinas agrícolas, parte da população migra para destinos como Lisboa, Setúbal e Sines, onde se intensificavam os processos de industrialização. O declínio progressivo da população activa e mudança de mentalidades relativas à natalidade conduziram a um nível de natalidade mais baixo. Os censos de 1964 confirmam o decréscimo populacional na aldeia. A partir dos anos 1970 surge um novo panorama demográfico, marcado pela intensificação do declínio da natalidade, cujos números são ultrapassados pelos de registos de óbito. Em 1991 existiam 633 habitantes, verificando-se em 1992 uma grande superioridade numérica de homens – tendência que diminui em 2012.

De acordo com os Censos de 2011 (INE 2012), o total da população residente da freguesia de Santa Susana é de 353 pessoas, das quais 180 são homens e 167 mulheres, facto que concorre para a referida inclinação demográfica. Verifica-se ainda o despovoamento de alguns lugares, acompanhando a tendência do concelho de Alcácer do Sal (Marçano, 2013).

A população presente apresenta um total de 339 indivíduos – 172 homens e 167 mulheres. Relativamente às famílias, 168 são clássicas – das quais, 128 são núcleos familiares (pessoas casadas, em união de facto, monoparentais, filhos) e 40 sem núcleo familiar – e nenhuma institucional.

Corroborando o anteriormente descrito, Marçano (2013) refere que se observa na freguesia um padrão cultural de ocupação dos alojamentos por membros da mesma família e que, devido à migração e ao decréscimo populacional, alguns dos alojamentos se encontram sub-ocupados ou somente habitados esporadicamente.

Os informantes descrevem uma sequência demográfica semelhante – *“a geração dos nossos pais tinha muitos filhos”* (informantes 5); *“as famílias eram bem mais numerosas”* (informante 11); *“antigamente a escola da aldeia tinha muitas crianças, da aldeia e dos montes, agora fechou; no monte Berlonguinho até havia escola primária tal era o número de crianças”* (informante 8); *“o monte da Courela tinha umas 20 e tal pessoas, agora está abandonado”* (informante 11); *“nos trabalhos do campo havia muita gente”* (informante 8) e *“os montes também tinham muitas pessoas”* (informante 11); *“nos anos 1960/70 o trabalho começou a diminuir, e por causa das indústrias muitas pessoas saíram da aldeia para Lisboa, Amadora, Setúbal, Algarve”*; *“com o 25 de Abril surgiram as cooperativas que estavam muito mal organizadas e muitos dos que tinham ido para o Algarve voltaram”* (informante 11) *“agora como não há trabalho as pessoas saem de cá”* (informantes 6).

Em termos de estrutura etária, a distribuição dos grupos etários, concernentes ao total da população residente, é de 20 indivíduos no grupo entre 0 e 14 anos; 20 indivíduos no grupo entre 15 e 24 anos; 165 indivíduos entre 25 e 64 anos; e 148 no grupo com 65 e mais anos. Observa-se assim, uma população envelhecida. A variação total entre estes resultados, de 2011, e os anteriores, de 2001, é de - 29,54 %, tendo ocorrido uma diminuição da população total em todos os grupos etários (INE 2012).

## POVOAMENTO

### Aldeia

As origens mais antigas de Santa Susana são desconhecidas, sabendo-se contudo, que em 1565 já era capela curada e datando a sua igreja matriz desse século (Marçano, 2013). De influência maneirista, pensa-se ter sido erguida pela Ordem de Santiago (CMA 2007). A “Memória Paroquial Da Freguesia de Santa Susana” de 1758 refere também a presença da igreja e da paróquia, bem como a existência da aldeia, não sendo esta, no entanto, descrita.

Oliveira e Galhano (1992) e Ribeiro (2011), em estudos sobre o Sul referem que em muitos casos as aldeias surgiram depois do período da Reconquista estranguladas no latifúndio, habitadas por trabalhadores rurais assalariados que serviam as herdades mais próximas, situando-se algumas na terra de qualquer grande proprietário.

Em Santa Susana, no final do século XIX verificavam-se todos os aspectos supracitados – a aldeia era posse de dois grandes proprietários, sendo que um deles era dono de grande parte das casas onde viviam os trabalhadores (Marçano 2013). Apesar de a CMA (2007) referir que o núcleo de casas mais antigas da aldeia foi originalmente construído “há mais de um século”, com o intuito de alojar temporariamente trabalhadores agrícolas, não se conhece a altura exacta em que foram edificadas. Todavia, as razões que conduziram à sua origem parecem ser evidentes.

A torre sineira da igreja foi-lhe acrescentada nos anos 1920 e nos anos 1950 foi edificada a sociedade recreativa (imagem no anexo III), onde se localiza o coreto e o teatrinho (CMA 2007).

As alterações da aldeia durante o século XX foram também descritas pelos informantes. A aldeia tinha apenas duas ruas, e pertencia a dois grandes latifundiários; encontrando-se os montes das herdades em seu redor todos habitados, em parte, pela imensa quantidade de trabalhadores rurais: “a aldeia era mais pequena, as ruas a sul da igreja são as mais recentes” (informante 8) e “a parte do bairro da escola para baixo é o mais recente” (informantes 6); “em 1973 ainda não havia água nem luz” (informante 11). A partir dos anos 1990, estas casas foram sendo vendidas aos moradores (Marçano, 2013).

Na figura 14 do capítulo seguinte (pág. 64) é possível constatar as referidas alterações e o crescimento da aldeia.

Verifica-se na aldeia, a influência das linhas gerais de caracterização dos povoados do vale do Sado, pequenos e distanciados; com habitações que se agrupam, encostadas umas às outras, “em comboio”, de tipo pobre e singelo (Sindicato Nacional dos Arquitectos 1961: 345), sendo as aldeias geralmente limpas e bem arruadas, de casas térreas imaculadamente caiadas (Oliveira e Galhano 1992). Bem como o referido Ribeiro (2011) em relação às casas típicas do Sul – de forma simples e função mais especializada apresentam, por regra, construção de um só piso, destinada apenas à habitação. As paredes rebocadas e caiadas, adornadas com cores vivas, nomeadamente pelo azul forte em barras assimétricas são características de Santa Susana, tal como do Sul (Ribeiro 2011; Marçano 2013).

#### Pequenos aglomerados

Além da aldeia de Santa Susana, a área da freguesia é ainda pontuada por exíguos aglomerados populacionais – Barrancão, Foros de Corte Pereiro e Vila Nova de Santa Susana.

No pequeno aglomerado de Barrancão, verificou-se um ligeiro crescimento de casas entre os anos 1940 e 1970, mantendo-se semelhante nos dias de hoje. Os restantes, como Foros de

Corte Pereiro, não sofreram grandes alterações em todo este período. De origem relativamente recente, surge o pequeno aglomerado turístico Vila Nova de Santa Susana, a norte da aldeia.

Na altura das grandes explorações agrícolas e como consequência da necessidade de pessoal, os montes em redor da aldeia possuíam também casas e instalações onde viviam os trabalhadores rurais que nelas laboravam, em semelhança do que acontecia por todo o Alentejo como é referido por Oliveira e Galhano (1992) e pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos (1961). Actualmente a maioria encontra-se abandonada.

Nessa altura *“todos os montes em redor da aldeia, 7 no total tinham uma gurita – marco geodésico – no ponto mais alto; quando lá se estava devia ser possível observar os outros 6”* (informante 11). Numa visita de campo encontrou-se um deles, em bom estado de conservação.

## CAPÍTULO VI | OS HOMEGARDENS



**Fig. 5 – Localização dos HG estudados na aldeia | Fonte: Google Earth | Tratamento: Autora**

Foram estudados 25 HG (figura 5), tendo os dados aqui analisados sido obtidos a partir do trabalho de campo efectuado, nomeadamente com recurso a observação participante em momentos pontuais de pequenas tarefas nos HG, e com a informante-chave; e entrevistas, de menos a mais formais, à medida que se ia estabelecendo maior confiança com os informantes (nas primeiras abordagens foram realizadas entrevistas abertas, bem como nas visitas feitas ao campo com a informante-chave); depois entrevistas semi-estruturadas, feitas, na maioria,

nos próprios *HG* e na casa dos informantes, e, excepcionalmente, nas ruas da aldeia; e entrevistas estruturadas na fase mais adiantada da investigação, nomeadamente com recurso a *free listing*, em relação às plantas silvestres e às características de transformação da aldeia e paisagem envolvente. Sobretudo na fase intermédia, foram inventariadas as espécies presentes nos *HG*, com a recolha de *voucher specimens* e registos fotográficos, quando esta não era possível – as espécies foram cientificamente identificadas com a ajuda do herbário do CBAA do ISA. Recorreu-se também a mapeamento dos *HG*.

A diversidade de plantas presentes nos *HG* é marcada pela sazonalidade inerente à escolha das mesmas. O trabalho de campo desenvolvido entre Agosto e Janeiro permitiu ter a percepção de que a rotação de culturas é sazonal e influenciada sobretudo por dois grandes períodos climáticos - o invernos e o estival. O primeiro – ordem em consonância com o calendário do trabalho de campo efectuado – surge com o início do Outono e das chuvas a si associadas, prolongando-se até ao fim do Inverno/início da Primavera, altura em que as culturas escolhidas já não necessitam de tanta água. Este é o evento indutor da passagem para o período seguinte, no qual as plantas passam a ser regadas, terminando no fim do Verão com práticas associadas à limpeza da terra e à preparação da mesma para a retoma deste ciclo de produção. Esta característica estacional é particularmente relativa às plantas hortícolas, e não tanto às aromáticas e medicinais e às ornamentais. Contudo, a maioria das plantas anuais pertencentes a estas duas categorias tem de ser semeada/plantada todos os anos inserindo-se assim no ciclo anteriormente descrito. Caso curioso sucede com os coentros (*Coriandrum sativum* L.) – planta de ciclo anual – que são semeados várias vezes durante todo o ano, de modo a se ter sempre a “planta adulta” pronta a consumir.

## **VI.1 CARACTERIZAÇÃO FÍSICA**

Uma das temáticas que deve ser tocada no tratamento dos dados recolhidos nos *HG* é precisamente a sua caracterização física, nomeadamente os seus atributos (Vogl et al. 2004).

De modo a poder medir algumas das características abordadas (área total e área cultivada), entre outros propósitos, foram mapeados todos os *HG*. Primeiramente foram elaborados esboços dos mesmos – da disposição, organização da vegetação existente e de todos os componentes presentes – e seguidamente, com recurso a fotografias tiradas nos vários locais de estudo (consentidas pelos informantes), ao *software Google Earth* e também a uma base do loteamento da aldeia, em *software AutoCAD* fornecida pela CMA, procedeu-se ao desenho de cada *HG* neste último *software*. Os desenhos resultantes serviram também de base à análise de possíveis tipologias de desenho de *HG*, apresentada mais adiante no presente sub-capítulo.

### **ATRIBUTOS**

Os aspectos relativos à estrutura do espaço aqui referidos, descritos no quadro 3, são: 1) se o *HG* se encontra anexo ou não à residência do informante, e no último caso qual a distância, em metros, à mesma – a maioria dos *HG* não se encontra anexo, o que se deve em grande parte

ao facto de vários informantes tomarem conta de um ou mais *HG* de outras pessoas, além do que se encontra anexo à casa onde habitam; 2) a sua área total, em m<sup>2</sup> – média de 352 m<sup>2</sup>, tendo o maior 1380 m<sup>2</sup> e o menor 49 m<sup>2</sup>; 3) a área cultivada, na altura da recolha de dados do trabalho de campo, em percentagem relativamente à área total – média igual a 63%, percentagem mais elevada de 91% e a mais baixa 20%; 4) o tipo de estrutura de delimitação – muro baixo em alvenaria caiado e/ou rede de arame; 5) e a orientação ou exposição ao sol – maioritariamente a Sul.

O declive é também um atributo relevante nesta caracterização, mas uma vez que é uniforme entre todos os *HG* estudados – apresentam ligeiros declives, quase insignificantes – não é aqui descrito em relação a cada um.

**Quadro 3 – Atributos físicos caracterizadores dos *HG***

<b>HG</b>	<b>Informante</b>	<b>Anexo ou Distância (m) à Residência</b>	<b>Área Total (m<sup>2</sup>)</b>	<b>Área Cultivada (%)</b>	<b>Estrutura de Delimitação</b>	<b>Exposição Solar</b>
<b>HG 1</b>	Informante 1	35	342	90,6	Mb   R	Todas
<b>HG 2</b>	Informantes 2	100	681	68,3	R	Todas
<b>HG 3</b>	Informante 3	A	567	51,1	Mb   R	E   S
<b>HG 4</b>	Informante 4	140	174	71,8	R	S   O
<b>HG 5</b>	Informantes 5	30	125	56,0	Mb   R	S
<b>HG 6</b>	Informantes 5	15	102	78,4	Mb   R	S
<b>HG 7</b>	Informantes 5	15	138	72,5	Mb   R	S
<b>HG 8</b>	Informantes 5	A	125	71,2	Mb	S
<b>HG 9</b>	Informantes 6	A	130	76,9	Mb	S
<b>HG 10</b>	Informantes 6	250	1380	65,2	R	Todas
<b>HG 11</b>	Informante 7	120	59	47,5	Mb	S
<b>HG 12</b>	Informante 7	140	855	62,0	Mb (parte)	Todas
<b>HG 13</b>	Informante 8	250	701	42,8	R	Todas
<b>HG 14</b>	Informante 8	A	104	43,3	Mb   R	N
<b>HG 15</b>	Informante 9	A	180	48,9	Mb   R	S
<b>HG 16</b>	Informante 9	18	49	67,3	Mb	S
<b>HG 17</b>	Informante 9	25	410	85,4	Mb   R	Todas
<b>HG 18</b>	Informante 10	A	75	20,0	Mb	S
<b>HG 19</b>	Informante 10	60	152	69,1	Mb   R	S
<b>HG 20</b>	Informante 10	19	126	63,5	Mb   R	S
<b>HG 21</b>	Informante 10	77	557	69,1	Mb   R	N   E   S
<b>HG 22</b>	Informante 11	A	1141	67,5	Mb   R	Todas
<b>HG 23</b>	Informante 12	A	165	55,2	Mb   R	S

<b>HG 24</b>	Informante 13	A	172	58,1	Mb   R	S
<b>HG 25</b>	Informante 13	54	281	71,2	Mb   R	S

**Legenda:** A – anexo; Mb – muro baixo; R – rede de arame; N – norte; E – este; S – sul; O – oeste

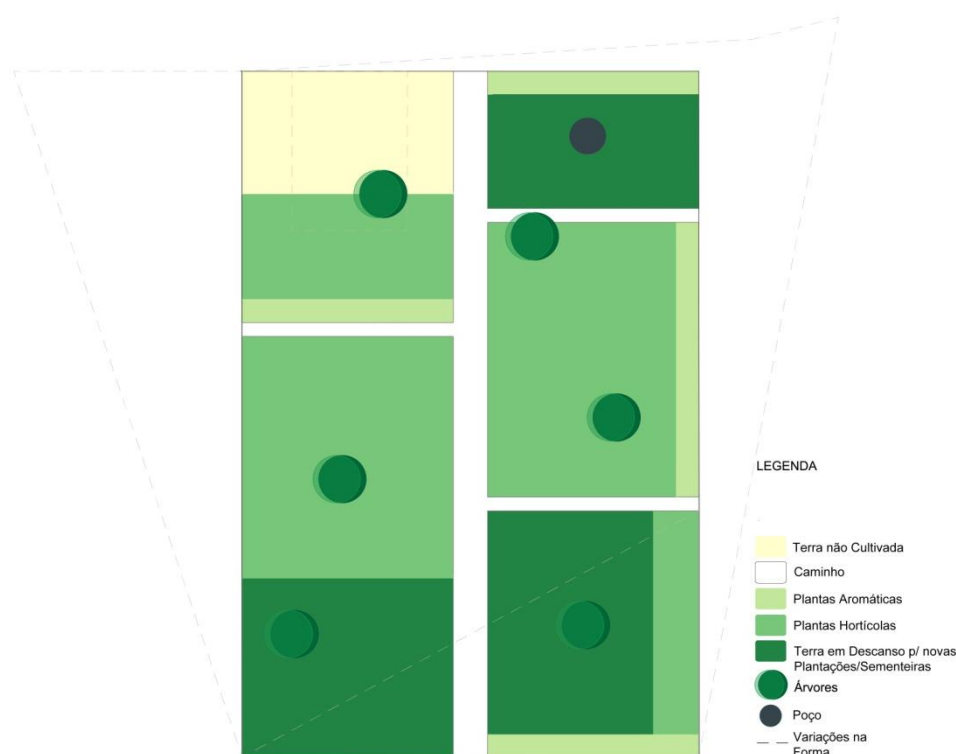
## TIPOLOGIAS DE DESENHO

Como supracitado, a elaboração de desenhos contribui para um melhor entendimento do espaço. Neste sentido, os desenhos de todos os *HG* – e da maneira como se encontram organizados – foram agrupados em tipologias. Para tal, estes foram divididos primeiramente em dois grandes grupos: *HG* não anexos a uma casa (tipologia 1) e *HG* anexos a uma casa (tipologia 2); posteriormente, em cada grupo, foram sobrepostos de modo a encontrar disposições comuns em termos de forma e de composição.

A organização do espaço em tipologias é comum, principalmente, entre as áreas do saber que se debruçam, entre outros tópicos, sobre a forma e os elementos caracterizadores deste. Como exemplo, no âmbito da arquitectura paisagista surge um estudo de tipologias de jardins históricos (Turner 2008) e no da arquitectura, estudos sobre as casas portuguesas (Sindicato Nacional dos Arquitectos 1961; Oliveira e Galhano 1992; Lino 1992). Em cada tipologia aqui apresentada surgem, além de excepções, variantes, tal como em Lino (1992) – que as apresentava em vários exemplos de “casas tipo”.

Exemplos das duas tipologias e de casos variação e excepção são apresentados no Anexo II.

### Tipologia 1



**Fig. 6 – “HG tipo” da tipologia 1 – forma e composição | Fonte: Autora**



Como é possível observar na figura 6, a especificidade definidora desta tipologia é a ausência de uma casa anexa ao *HG*, sendo as suas características tipo relativas à forma a sua configuração rectangular, a existência de um único caminho principal centrado e caminhos secundários perpendiculares a este, ambos em terra, que delimitam os espaços cultivados, também rectangulares; referentes ao conteúdo têm-se o predomínio de zonas de cultivo de hortícolas – que respeitam a sazonalidade supracitada, existindo uma rotatividade nestas áreas, encontrando-se em certas alturas plantas em diferentes níveis de crescimento, bem como partes de terra em descanso para novas plantações – e em algumas bordaduras destas “faixas” de aromáticas, árvores – normalmente fruteiras – dispersas, a existência muito residual de ornamentais, a ausência de criação de animais, a presença de um poço, e uma zona não cultivada. Localizam-se na extremidade da aldeia, em antigos “foros” ou no centro desta, numa zona não construída.

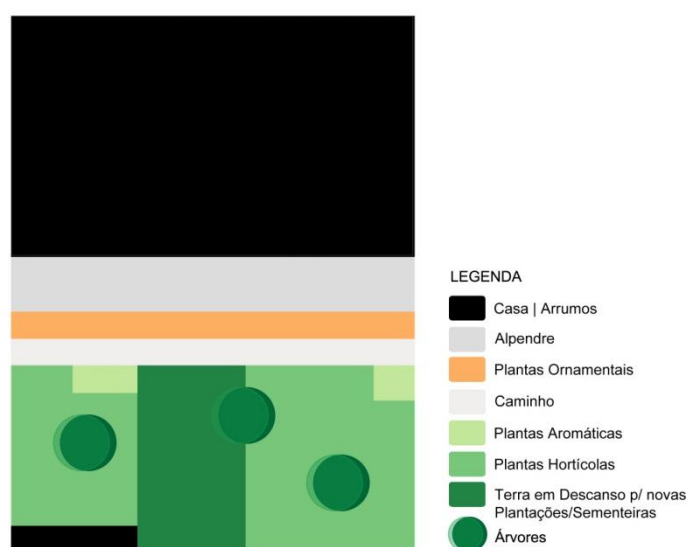
As variantes ocorrem na forma – menos geométrica – e num caminho não centrado; e na composição com a existência de uma zona dedicada somente a plantas ornamentais, e na criação de animais ao ar livre, anexos a barracão de arrumos. Os *HG* excepção são-no sobretudo por questões de forma e organização do espaço e não tanto pela composição, e não detêm qualquer característica peculiar que mereça ser descrita.

### Tipologia 2

Ao invés do cariz que marca a anterior, a presente tipologia tem como principal característica a existência de uma casa anexa ao *HG*, mesmo que esta não seja habitada ou a habitação do informante. Os diferentes arranjos de configuração, encontrados nos vários espaços, levaram à constituição de duas “sub-tipologias”.

Os *HG* excepção são-no tanto por questões de forma/organização como de composição.

### Tipologia 2 | A

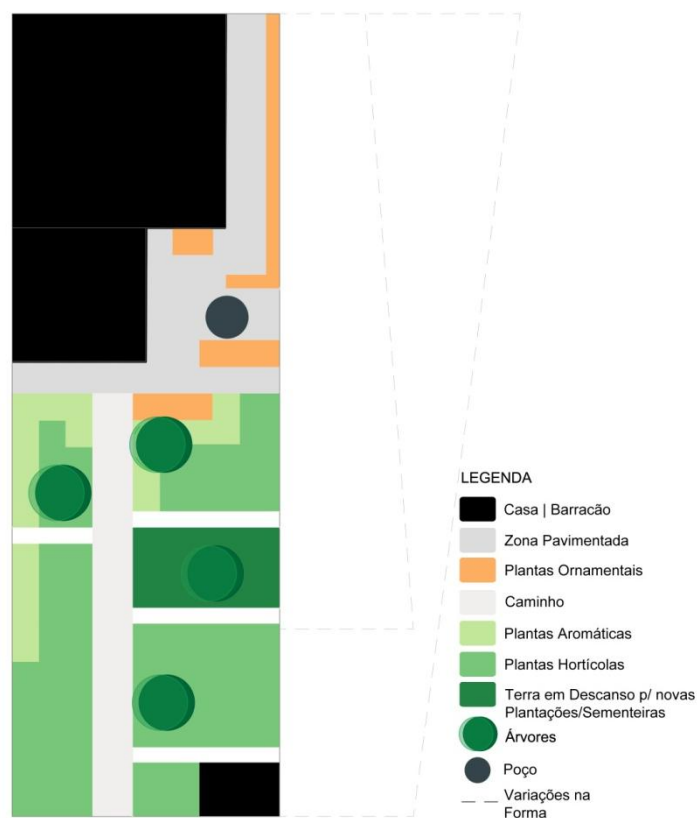


**Fig. 7 – “HG tipo” da tipologia 2|A – forma e composição | Fonte: Autora**

Os *HG* que compõem este grupo localizam-se nos extremos, norte e sul, da aldeia e tanto integram casas construídas recentemente como mais antigas. Apresentam uma forma quase quadrangular, ocupando a casa mais de meia porção do lote, com a existência de um alpendre pavimentado, incluído ou adjacente à mesma, e uma pequena zona de arrumos numa das extremidades opostas. São compostos por um canteiro paralelo à casa, onde se encontram ornamentais intercaladas com algumas aromáticas, seguindo-se a zona cultivada, onde dominam as hortícolas, na bordadura da qual surgem as aromáticas, mais uma vez, sobretudo na zona mais próxima à casa; entre ambas encontra-se o único caminho principal, pavimentado; as árvores são poucas e ligeiramente alinhadas. É possível observar na figura 7 um *HG* “tipo” desta sub-tipologia.

A existência de um segundo canteiro de ornamentais e aromáticas, perpendicular à casa; de um segundo caminho de terra paralelo ao principal; e junção de zona de alpendre com caminho principal, constituem as variantes desta “sub-tipologia”.

## Tipologia 2 | B



**Fig. 8 – “HG tipo” da tipologia 2|B – forma e composição | Fonte: Autora**

Todos os *HG* presentes nesta “sub-tipologia” (figura 8) se localizam no quarteirão central da aldeia – entre a Rua da Eira e a Rua Primeiro de Maio. Em termos estruturais são caracterizados pela forma geral rectangular, a localização da casa numa das extremidades

superiores do lote, delimitando um estreito corredor, a presença de um barracão ou garagem no seguimento desta e de um pequeno capoeiro ou telheiro de arrumos numa das extremidades opostas, existência de um caminho principal não centrado pavimentado, que delinea as áreas com vegetação, nas quais surgem estreitos caminhos de terra, perpendiculares ao principal. Relativamente à composição, as plantas ornamentais são dispostas num canteiro contíguo ao corredor e em vasos ou canteiros na zona pavimentada – que serve como alpendre/área de descanso – adjacente à casa, na qual se encontra também um poço; as hortícolas cultivadas predominam – respeitando os aspectos inerentes à sazonalidade já anteriormente apontada -, localizando-se as aromáticas na bordadura destas, sobretudo na área mais próxima da casa; as árvores, maioritariamente de fruto, encontram-se dispersas; existe ainda um portão em cada extremidade do lote, virada para a rua.

As variações encontradas referem-se tanto à forma – mais larga – como à composição – presença de outra garagem; inexistência de ornamentais ou por outro lado existência residual de hortícolas; ausência de pequeno capoeiro/telheiro de arrumos ou de poço.

Como ressalva, existem informantes que tomam conta de alguns *HG*, mas não são os seus proprietários, não sendo a casa utilizada nem tão pouco a zona pavimentada a ela adjacente, sendo-o apenas as partes cultiváveis, assistindo-se assim a uma separação funcional entre a zona mais habitacional e a de cultivo.

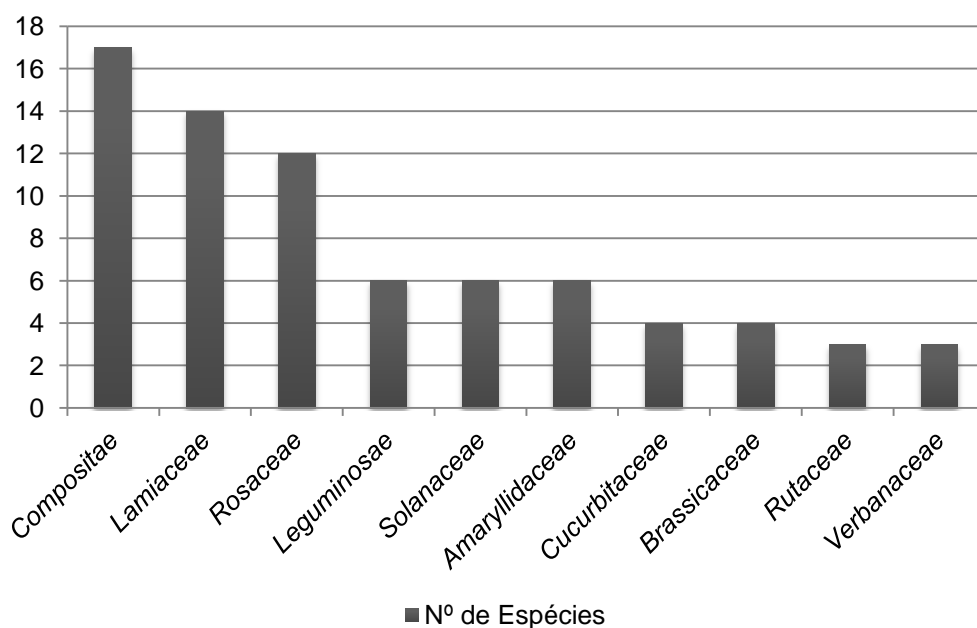
## **VI.II COMPOSIÇÃO | CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS**

### **VEGETAÇÃO EXISTENTE**

A recolha de informação referente à vegetação presente nos *HG* foi conseguida através da inventariação das espécies, com recurso à técnica *voucher specimens* e complementada com observações efectuadas em cada *HG*. Foram ainda utilizadas entrevistas e o método *free listing* na recolha de dados acerca de espécies sazonais – que no momento de trabalho de campo não se encontravam nos *HG*.

No conjunto de todos os *HG*, foram identificadas 142 espécies de plantas cultivadas, distribuídas por 52 famílias botânicas. Alude-se ainda para o facto de se ter encontrado exemplares de plantas pertencentes à mesma espécie, que possivelmente pertencerão a variedades distintas – empregando-lhes os próprios informantes diferentes nomenclaturas. No entanto, estas não foram identificadas, tanto por não passar pelos objectivos do presente estudo explorar a fundo a componente botânica, mas também, devido a lacunas de conhecimento ao nível intraespecífico e dificuldades técnicas na identificação das mesmas.

No Anexo I – Catálogo Etnobotânico – são apresentadas todas as espécies identificadas, os seus usos e informações complementares acerca das mesmas e da sua presença nos *HG*.



**Fig. 9 – Gráfico relativo às famílias botânicas com maior número de espécies**

As famílias mais representadas são as Compostas – com 17 espécies citadas, e uso predominante ornamental; contudo a FC é apenas de 43 informantes, com uma maioria de espécies citadas por menos de 3 informantes o que denota um carácter mais concentrado em relação aos informantes que têm plantas ornamentais – as Labiadas – com 14 espécies citadas, e uso alimentar mais incidente, nomeadamente condimentar, mas também ornamental, simbólico e medicinal; e FC igual a 48, aludindo a um uso mais difundido destas plantas por entre todos os informantes – e as Rosáceas – representadas por 12 espécies de usos maioritariamente alimentares, particularmente árvores de fruto, mas também ornamentais; e FC igual a 49, remetendo para o facto de serem espécies comuns entre os informantes.

As restantes famílias, não incluídas no gráfico anterior (figura 9), apresentam representatividade de apenas 2 espécies ou 1 espécie.

#### CATEGORIAS DE USO

Os dados aqui apresentados respeitantes aos usos das plantas presentes nos *HG*, foram recolhidos sobretudo através de entrevistas, mas também de observação participante.

As mais comuns nos *HG* são as categorias Alimentar e a Ornamental, sendo que a categoria Medicinal ocorre com plantas que se encontram também na Alimentar e a Simbólica está associada a plantas que têm também um uso Ornamental. Como indicado no quadro 4, cada categoria contempla várias subcategorias. As categorias de uso utilizadas foram adaptadas das utilizadas por Carvalho (2006).

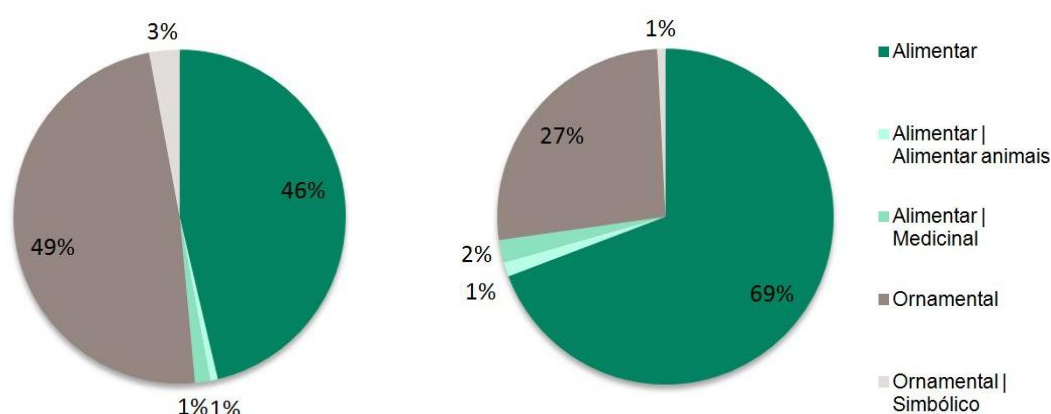
Como pequena ressalva, a denominação “chás” refere-se na realidade a “infusões” - uma vez que “chá” diz respeito apenas a infusões da planta *Camellia sinensis* (L.) Kuntze –, mas é aqui empregue por ser a terminologia utilizada pelos informantes.

**Quadro 4 – Categorias de uso e correspondentes subcategorias das plantas presentes nos HG**

Categoria	Subcategorias	Número Informantes	FC	Número Espécies
<b>Alimentar</b>	Frutas   Hortícolas cozinhadas e/ou cruas   Condimentos   Chás   Doces   Marmeladas	13	351	63
<b>A   A Animal</b>	Galinhas   Patos   Pombos	13	7	1
<b>A   Medicinal</b>	Aparelho Respiratório   Coração e Sistema circulatório	10	4	3
<b>Ornamental</b>	Bordaduras   Canteiros   Pérgolas   Vasos	13	137	68
<b>O   Medicinal</b>	Sistema Urinário   Desinfecções	1	2	2
<b>O   Simbólico</b>	Superstições e Rituais   Simbolismos	1	3	3
<b>O   Tecnológico</b>	Ambientadores	1	1	1
<b>Total</b>			508	142

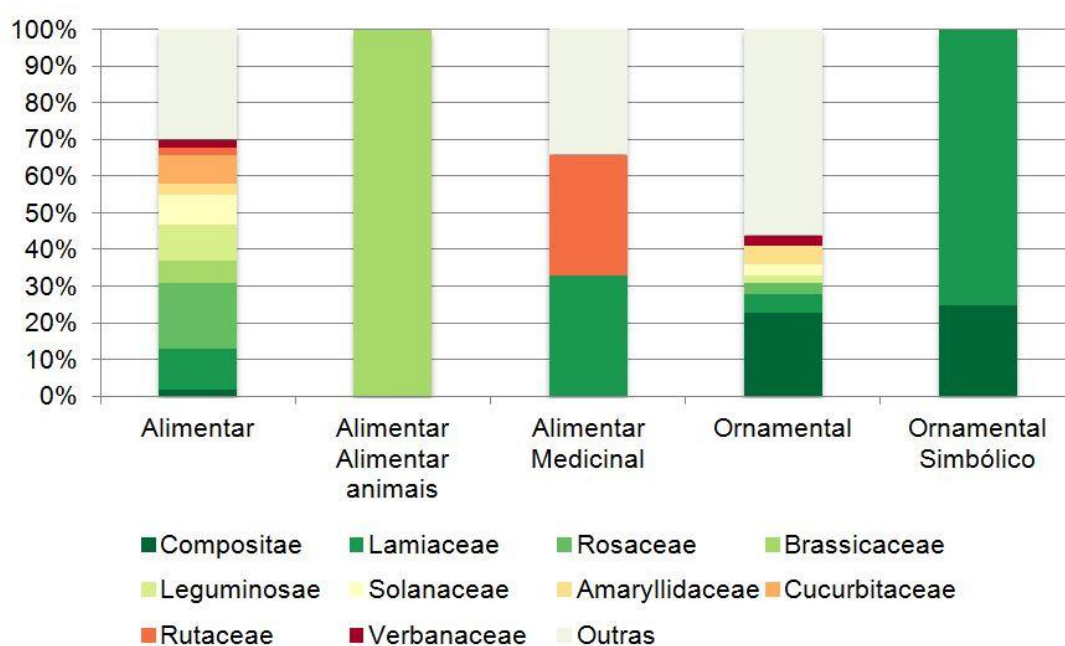
Legenda: Nº de Informantes - que têm espécies de cada categoria nos seus HG; FC - Frequência com que o uso de certa espécie é citado pelos informantes; Nº de Espécies - associadas a cada categoria de uso; A – Alimentar; O - Ornamental

Observando os gráficos da figura 10, constata-se um evidente domínio das categorias de uso alimentar e ornamental na distribuição do número total de espécies. Contudo as plantas de cariz alimentar foram citadas muito mais vezes pelos informantes do que as ornamentais. Os restantes usos apresentam um valor residual que não ultrapassa, em conjunto, os 5% em ambos os gráficos.



**Fig. 10– Gráfico de distribuição do nº total de espécies pelas principais categorias de uso | Gráfico de distribuição da FC relativa a cada categoria de uso | Fonte: Autora**

Concernente à distribuição das famílias botânicas, por categoria de uso, como representado na figura 11, a categoria de uso alimentar contempla quase todas as famílias, com uma distribuição mais ou menos homogênea das mesmas, destacando-se a família *Rosaceae*. Relativamente à alimentação animal apenas uma espécie é referida pelos informantes daí que só esteja presente uma família – *Brassicaceae* – nesta categoria. Em termos de plantas de carácter alimentar e medicinal, foram também citadas somente três espécies – uma da família das *Lamiaceae*, outra da *Rutaceae* e outra da *Oleaceae* (uma das famílias menos representadas). Dentro das famílias com maior número de espécies citadas as *Compositae* são as que mais contribuem para a categoria ornamental, distribuindo-se as outras famílias presentes nesta categoria de forma quase equitativa. O total das plantas com uso ornamental e simbólico é igual a 4, pertencendo 3 espécies às *Lamiaceae* e uma à família *Compositae*.



**Fig. 11 – Distribuição das famílias botânicas mais representadas, pelas categorias de uso**

## AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS

Cada informante enumerou, ao longo das entrevistas, uma ou mais origens de conhecimentos (quadro 5).

Todos referiram ter aprendido as práticas agrícolas e hortícolas com familiares, principalmente com os pais, facto indissociável da ocupação quase exclusivamente rural da geração mais velha. O trabalho no campo, referido pela quase totalidade dos informantes como fonte de conhecimentos práticos, foi uma realidade que marcou as suas infância, adolescência e início da idade adulta, e em alguns casos até o percurso de vida até aos dias de hoje.

Em relação a fontes exógenas ao conhecimento apreendido localmente, apenas dois informantes referiram tê-lo adquirido através de cursos – nomeadamente formação agrícola e

de “curas” em Alcácer do Sal (informante 10); e curso de jardinagem, em Lisboa, onde “comecei a tomar contacto com livros e revistas de jardinagem, plantas e jardins, que dão muitas ideias” (informante 11) – e só uma informante, precisamente a informante 11, referiu e mostrou com grande apreço vários livros, revistas e fascículos, que se debruçavam sobretudo em plantas ornamentais, jardinagem e nos usos de plantas em geral. Esta informante foi também a que mostrou mais disponibilidade e interesse para falar de plantas silvestres e das suas antigas aplicações aquando da época de maior “trabalho no campo”.

Porém não seria de estranhar que outros informantes o tivessem obtido através das últimas fontes referidas, bem como pela televisão e outros meios de comunicação, uma vez que no contexto actual a informação proveniente destes meios chega com grande facilidade às pessoas, e com boa receptividade à generalidade dos informantes – em algumas entrevistas foi possível comprová-lo quando o tema dos programas de televisão ou rádio surgia espontaneamente. A aquisição de conhecimento mostra-se assim um processo dinâmico que vai advindo de diversas fontes, não só “locais” – apreendidas através da experiência prática desta geração, principalmente no campo e passada pelas gerações anteriores –, como também exógenas – tal como em Frazão-Moreira et al. (2009), acerca de duas áreas protegidas estudadas, no Norte de Portugal, considera-se que não tem sentido, a nível local, separar o “conhecimento ecológico local” daquele que “advém de livros”.

**Quadro 5 – Número de informantes que referiram cada tipo de aquisição de conhecimentos**

<b>Aquisição de Conhecimentos</b>	<b>Número de Informantes</b>
Família	13
Trabalho no Campo	12
Cursos agrícolas/hortícolas/jardinagem	2
Revistas/Livros/etc.	1

## COMPOSIÇÃO

Tendo por base os resultados concernentes à vegetação presente nos *HG* e seus usos (quadro 6), elaborou-se a seguinte análise.

A média do número total de espécies por *HG* é aproximadamente 23 e a moda igual a 14. Todavia, o *HG* com maior número de plantas tem 103, e o menor 6. Em todos é possível encontrar tanto espécies autóctones como exóticas, contemplando as primeiras todas as categorias de uso, e as últimas apenas a categoria alimentar, a ornamental e a ornamental e simbólica. Na maioria dos *HG* estudados predominam as espécies da flora portuguesa, embora sem grandes discrepâncias.

Quadro 6 – Espécies presentes por HG por categoria de uso

HG	Nº Total Espécies	Espécies Flora Portuguesa						Espécies Exóticas			
		Total	A	A AA	A M	O	O S	Total	A	O	O S
HG 1	23	15	12	1	1	1	-	8	8	-	-
HG 2	39	22	14	1	1	6	-	17	13	4	-
HG 3	18	8	5	1	1	1	-	10	9	1	-
HG 4	22	13	9	1	1	2	-	9	9	-	-
HG 5	8	5	2	-	-	2	1	3	3	-	-
HG 6	12	7	3	-	-	3	1	5	3	2	-
HG 7	14	8	5	1	2	-	-	6	6	-	-
HG 8	31	12	7	1	-	4	-	19	11	8	-
HG 9	45	18	11	1	-	5	1	27	19	8	-
HG 10	15	8	7	1	-	-	-	7	7	-	-
HG 11	15	10	7	1	1	1	-	5	5	-	-
HG 12	17	11	9	1	1	-	-	6	6	-	-
HG 13	19	13	10	1	1	1	-	6	6	-	-
HG 14	10	7	5	-	-	2	-	3	3	-	-
HG 15	22	7	6	1	-	-	-	15	13	2	-
HG 16	6	3	2	1	-	-	-	3	3	-	-
HG 17	13	8	7	-	1	-	-	5	5	-	-
HG 18	9	4	3	-	-	1	-	5	5	-	-
HG 19	19	6	4	1	1	-	-	13	13	-	-
HG 20	14	7	6	1	-	-	-	7	7	-	-
HG 21	14	9	6	1	1	1	-	5	5	-	-
HG 22	103	51	16	1	2	30	2	52	22	28	2
HG 23	27	11	6	1	1	2	1	16	11	5	-
HG 24	33	15	10	1	-	4	-	18	12	6	-
HG 25	18	7	5	1	-	1	-	11	11	-	-

Legenda: A – Alimentar; AA – Alimentação animal; M – Medicinal; O – Ornamental; S - Simbólico

#### Espécies mais comuns

Foram consideradas as espécies enunciadas por 7 ou mais informantes, encontrando-se no quadro 7, 24 espécies (11 da flora portuguesa e 13 exóticas), cerca de ¼ do número total de espécies descritas nos HG. Entre elas o uso alimentar é claramente dominante.



**Quadro 7 – Espécies mais comuns referidas pelos informantes como existentes nos HG**

Nome Científico	Nome Comum	Flora Portuguesa	Categoria de Uso	Nº de Informantes
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface		A	13
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentros	x	A	13
<i>Brassica oleracea</i> L.	couve	x	A   AA	13
<i>Capsicum annum</i> L.	pimento/pimentão		A	13
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	salsa	x	A	13
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomateiro	x	A	13
<i>Spinacia oleracea</i> L.	espinafres	x	A	12
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão/feijão-verde		A	10
<i>Mentha x piperita</i> L.	hortelã/hortelã-mansa	x	A	10
<i>Olea europaea</i> L.	oliveira	x	A   M	10
<i>Allium sativum</i> L.	alho	x	A	9
<i>Vicia faba</i> L.	favas		A	9
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranjeira		A	9
<i>Brassica napus</i> L.	nabos		A	9
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégãos	x	A	9
<i>Solanum tuberosum</i> L.	batata	x	A	8
<i>Brassica napus</i> L.	nabiças		A	8
<i>Capsicum annum</i> L.	piripíri		A	8
<i>Brassica oleracea</i> L.	repolho	x	A	8
<i>Allium cepa</i> L.	cebola		A	7
<i>Aloysia citriodora</i> Palau	doce-lima		A	7
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	limoeiro		A	7
<i>Fragaria x ananassa</i> (Duchesne ex Weston) Duchesne ex Razier	morangueiro		A	7
<i>Rosa</i> sp. L.	roseira/rosa		O	7

**Legenda: A – Alimentar; AA – Alimentação animal; M – Medicinal; O – Ornamental**

## CONSIDERAÇÕES NA COMPOSIÇÃO

No decurso das entrevistas, foi possível perceber que considerações são tidas pelos informantes, aquando da escolha da vegetação a colocar nos seus HG.

### Proveniência das plantas

Cada informante enumerou uma ou mais proveniências das plantas que produz (quadro 8). Todos referiram guardar sementes de algumas plantas, de ano para ano, sobretudo de certas

hortícolas e ornamentais, observando-se uma origem “própria” das mesmas. Sementes e “podas” (estacas/ramos da planta) são trocadas algumas vezes entre vizinhos. Nos mercados – usualmente mensais que ocorrem em cidades próximas como Vendas Novas – são adquiridas preferencialmente plântulas de hortícolas, que são posteriormente plantadas nos HG. Quase a totalidade dos informantes mencionou comprar sementes a vendedores locais, também nas cidades mais próximas – drogarias e casas agrícolas, especialmente em Alcácer, mas também em Montemor. É ainda referida a aquisição de sementes em grandes superfícies (híper e supermercados), quase exclusivamente de ornamentais. Directamente do campo são colhidas e colocadas nos HG essencialmente plantas aromáticas e ornamentais.

**Quadro 8 – Números de informantes que referiram a proveniência das plantas, e o estado de crescimento da planta quando é adquirida**

Proveniência	Estado de crescimento da Planta	Número de Informantes
Directamente do “campo”	“Podas”	5
Mercados	Semente	1
	Plântula	3
“Própria”	Semente	13
Supermercados	Semente	2
Troca com os vizinhos	Semente	5
	“Podas”	4
Vendedores locais	Semente	12

#### Razões na escolha das plantas

Na escolha das plantas e na decisão de continuar a produzir umas e/ou introduzir novas, os informantes optam por espécies que vão de encontro aos propósitos dos HG, e inerentemente aos seus e às suas preferências, mas também ao aspecto prático de serem produzidas com relativa facilidade. Para a alimentação são escolhidas – de entre as espécies disponíveis nos mercados, entre vizinhos, sementes que vão sendo guardadas, etc. – as plantas mais apreciadas, as que dão mais jeito e maior resultado – *“Guardo variedade de tomate há 40 anos, vinda de horta que tinha na ribeira. Gosto de manter a mesma variedade que dá resultado”* (informante 4); *“Como se dão bem aqui, tenho várias plantas que não se usavam antigamente, e que começaram a aparecer e são moda, também por influência dos supermercados e dos mercados. As pessoas vão lá, e depois querem pô-las nos quintais, como brócolos, couve-flor, beringelas, curgetes, couve-nabo, couve-nabiça; diospiro”* (informante 11) – sendo também o hábito um factor indicado.

Reyes-García, et al. (2014-b), num estudo acerca de conhecimento agrícola, e resiliência dos sistemas de conhecimento tradicional, levado a cabo em diversas zonas rurais de Espanha,

mencionam que alguns informantes atribuem as variações na composição dos seus *HG* às alterações de hábitos alimentares e à maior acessibilidade a mercados e outras superfícies, espoletadas nas últimas décadas do século XX, bem como a conveniência e maior facilidade de produção, levando-os a adquirir novas variedades comerciais e a produzir, em simultâneo, as variedades locais que vinham a ser produzidas anteriormente. Estes factores vão de encontro às razões e percepções referidas anteriormente no presente caso de estudo, em particular com a última citação da informante 11.

Percebe-se que algumas plantas constituem, de forma não muito assumida e porventura inconsciente, uma herança alimentar – como os coentros e os orégãos – certamente relacionada com o meio ecológico e o contexto cultural do local.

A escolha das plantas ornamentais parece recair sobre as que são mais apelativas e que despertam maior preferência, entre as que se encontram disponíveis em locais de habitual frequência, como drogarias, mercados e supermercados, mas esta é também condicionada pelo seu ciclo de vida – *“O facto de algumas plantas serem anuais leva a que por vezes se deixem de plantar novamente, e deixar as que não o são”* (informante 11).

Em termos de algumas aromáticas e medicinais a sua colocação nos *HG* encontra-se associada a uma certa nostalgia de tempos antigos e ao simbolismo que estas possuem, ou recai simplesmente no gosto das características da planta.

#### Espécies consideradas tradicionais/locais

Para a grande maioria dos informantes a já existência e produção de certas plantas e o surgimento de outras é visto como natural, não existindo uma diferenciação entre espécies “tradicionais” e espécies introduzidas mais recentemente. Todas as espécies são percebidas de igual forma, como “normais” ou habituais.

Somente dois informantes consideraram espécies tradicionais ou locais, como *“as sementes que ficam de uns anos para os outros”* (informante 4); e *“as nabiças, espinafres e coentros, laranjeiras, limoeiros, pessegueiros, pereiras, romaneiras são espécies locais; e o melão e melancia e os pereiros selvagens eram muito plantados no campo”* (informante 11).

### **VI.III PRÁTICAS UTILIZADAS**

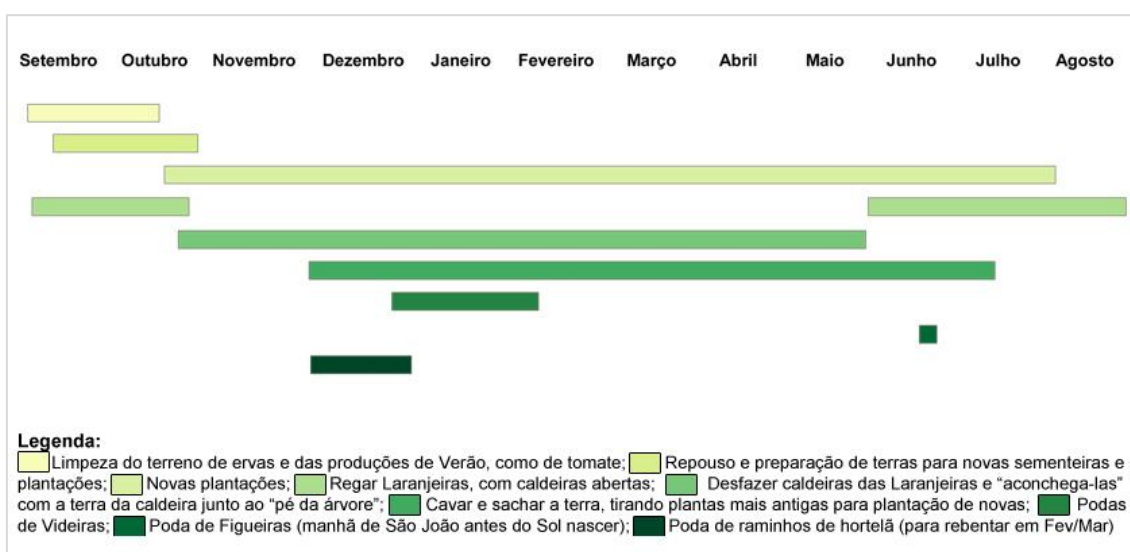
As metodologias empregues na recolha dos dados referentes às práticas utilizadas pelos informantes nos seus *HG* e aos procedimentos relativos às plantas foram sobretudo, a observação participante e as entrevistas.

#### **TÉCNICAS DE CULTIVO**

Os informantes recorrem a técnicas geralmente manuais, às quais estão mais acostumados e que vão de encontro aos resultados que pretendem ter. Algumas passaram das gerações

anteriores, e outras surgiram com a prática ou por observação de como vizinhos ou familiares fazem.

Além das práticas apresentadas na figura 12, foram ainda enunciadas outras relativas à forma de cultivo e cuidado a ter com as plantas. As leiras – “*quadrado de terra onde se semeiam plantas, como coentros*” (informantes 5), onde se semeiam apenas plantas que posteriormente são plantadas noutra local – são uma forma de cultivo muito comum, existindo várias em cada *HG*, consoante as necessidades. Os locais onde, normalmente são plantadas as culturas, são apelidados de talhões – “*quadrado de terra maior, com quatro ou cinco metros*” (informantes 5) – embora também se semeie neles quando se pretendem quantidades maiores. Os regos são também muito utilizados.



**Fig. 12 – Calendarização de algumas das técnicas referidas | Fonte: Autora**

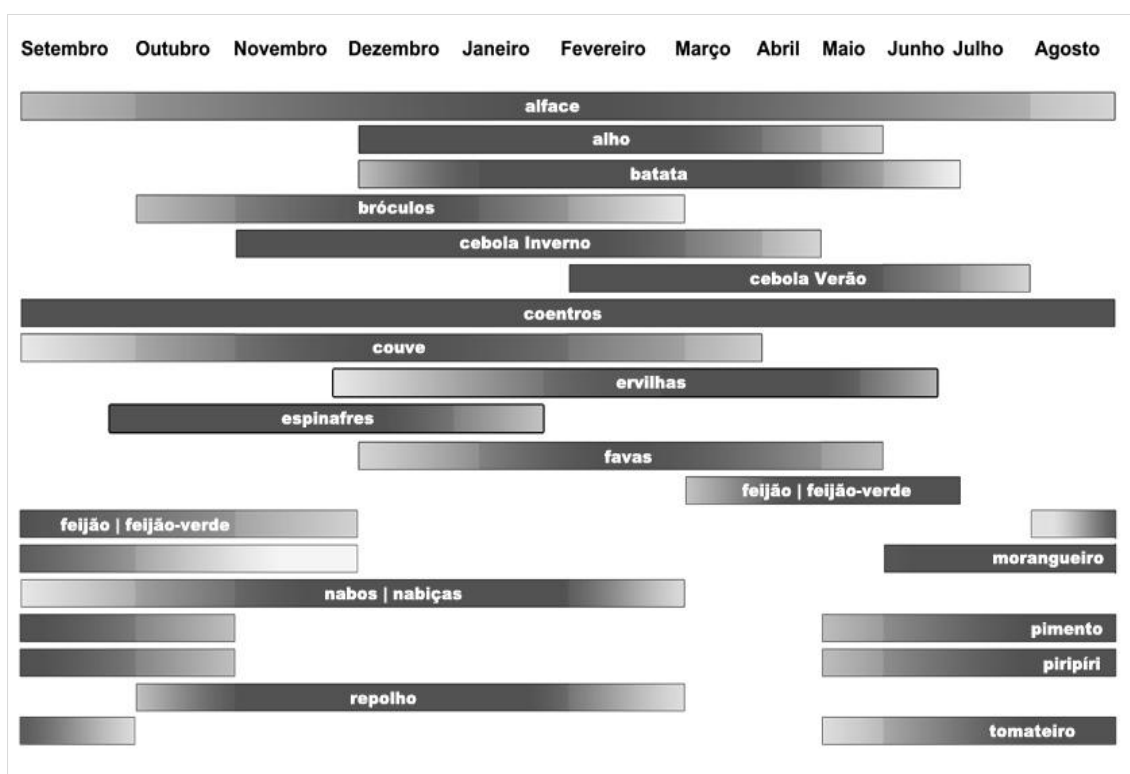
No que se refere às formas de cultivo, batatas e favas semeiam-se num rego de terra com auxílio de enxada, tendo-se raspado bem a terra antes; sementes de espinafres e coentros espalham-se na terra aleatoriamente e cobrem-se de seguida com terra com auxílio de ancinho; couves, brócolos, cenouras, flores de papel, cravos são semeadas primeiramente em leiras, para serem posteriormente plantadas noutra parte do *HG*; nabos são semeados muito juntos, para se ir tirando para consumo e, em simultâneo, deixar os que ficam na terra irem crescendo; debulham-se os “dentes de alho” maiores, com casca, e semeiam-se afastados uns dos outros, num rego de terra, com a parte mais larga em baixo.

Alguns cuidados são referidos: árvores devem ser podadas para darem fruto; plantações devem ser feitas à noite (prática que previne, de facto, o choque térmico nas plantas no momento da plantação), abrindo-se regos, onde se põe a água para rega, também feita preferencialmente à noite; deve-se deixar a terra descansar, pelo menos um ano, para a produção seguinte nessas terras ser maior; fios e fitas de plástico são colocados ligeiramente

elevadas sobre as culturas, como as de couves e repolhos, de modo a afastar pardais e outros pássaros; cair parte de tronco das árvores, com a finalidade de evitar que as formigas subam por elas.

## PLANTAÇÃO E COLHEITA

Geralmente o ciclo de vida de cada planta é respeitado pelos informantes, sendo os momentos de plantação e de colheita muitas vezes adaptados às instabilidades climáticas actuais - “*Tudo feito com o rigor do tempo; na minha horta é a natureza*” (informante 4); “*Antigamente o tempo era diferente, mais constante, e mais fácil para a agricultura*” (informante 11).



**Fig. 13 – Cronograma respeitante ao ciclo de algumas hortícolas, desde altura em que são semeadas ou plantadas até quando são colhidas | Fonte: Autora**

Foram referidos os momentos de plantação/sementeira e colheita de algumas plantas (figura 13). As sementes de cebola de Inverno são semeadas no São Martinho e colhidas na Primavera; a cebola de Verão semeia-se no Entrudo e colhe-se no Verão; faz-se leira com cebolo semeado em Novembro, para em Dezembro/Janeiro se plantar noutro sítio. Os alhos maiores da colheita guardam-se para depois serem semeados em meados/fim de Dezembro - “*Natal bico de pardal*” (informantes 5 e 6). Em Setembro são semeadas leiras de couve nabo, couves e alfaces, para serem plantadas em Outubro. Batatas e favas são semeadas em Dezembro/Janeiro, colhidas em Maio/Junho quando rama está a secar, e Abril/Maio, respectivamente - “*Abril as dá, Maio as tira*” (informantes 5).

Algumas plantas hortícolas são semeadas e/ou plantadas várias vezes ao ano, de modo a estarem sempre disponíveis. Isto acontece com grande frequência, com os coentros, que apesar de espigarem no Verão – altura em que se corta a rama para guardar as sementes – vão sendo sempre semeados – “vão sempre sendo semeados de 15 em 15 dias mais ou menos” (informante 13); e em menor número com alfaces e outras plantas condimentares como a salsa, que se encontram disponíveis em grande parte do ano.

## TÉCNICAS DE PROPAGAÇÃO

Todos os informantes referiram guardar sementes de ano para ano, constituindo esta técnica a forma de propagação mais utilizada. A maioria das sementes guardadas pelos informantes corresponde a plantas hortícolas com usos alimentares – coentros, salsa, favas, feijão, espinafres, pepino, alface, cebola, couve, abóbora, tomate –, sendo também armazenadas algumas ornamentais – sécias, zinias, flores de papel, girassol.

Através de algumas entrevistas, e por observação foi possível reparar que a multiplicação vegetativa nomeadamente pelos métodos de estacaria (colocação de estacas de arbustos ou árvores em garrações com água durante o tempo necessário a ganharem raízes para poderem ser posteriormente plantadas), e enxertia (especialmente em árvores de fruto), é também uma técnica de propagação utilizada, embora por um número mais reduzido de informantes – respectivamente 3 informantes para cada técnica.

Na prática de estacaria, é, por vezes, feito um golpe na base da estaca e nele inserido uma semente de um tipo de cevada – *Hordeum vulgare* L. – antes de se plantar, uma vez que, segundo uma informante, ajuda a planta a enraizar de forma mais eficaz. Isto acontece, porque a cevada, como outros cereais, libertam hormonas de enraizamento as quais facilitam este processo.

## PRÁTICAS DE GESTÃO

### Rega

Relativamente à rega foram referidas diferentes origens do recurso água, bem como variadas técnicas (quadro 9).

Os poços são a fonte de água mais recorrente, existindo na maioria dos HG. O processo de rega a partir de poços é efectuado com recurso a dois sistemas diferentes, auxiliados por mais do que uma ferramenta. Ambos se servem de bombas hidráulicas para retirar a água do poço, sendo o mais utilizado, auxiliado por tubos ou mangueiras que passam a água directamente para os regos e/ou caldeiras. Nos casos em que o HG possui depósitos ou tanques, estes servem como reservatórios de água após a saída do poço, a qual passa posteriormente por tubos ou mangueiras até chegar aos regos e/ou caldeiras.

Quando o HG não dispõe de um poço, a origem da água é a rede pública de abastecimento. O sistema utilizado recorre a mangueiras ou tubos que conduzem a água até ao local a regar, sendo, por vezes, utilizados regadores manuais, nomeadamente para regar as leiras.

Todos os informantes referiram que estes sistemas de rega são apenas utilizados na época estival.

**Quadro 9 – Número de informantes que referiu cada fonte de água; forma de regar; e instrumentos de rega**

Rega		Número de Informantes
Origem	Poço	12
	Rede pública de abastecimento	4
Processo	Caldeiras – Árvores de fruto (citrinos)	4
	Regos – Hortícolas	13
Instrumentos	Mangueiras	8
	Tubos gota-a-gota	1
	Tubos	9
	Regador - Leiras	2

#### Limpeza de ervas daninhas

Concernentes à limpeza de ervas daninhas, apenas 3 informantes referiram a monda manual, e 1 a sacha. Contudo através da observação efectuada é possível afirmar a grande maioria o faz, valendo-se de ambas as práticas.

#### “Curas”

O recurso a fertilizantes ou adubos – naturais ou artificiais – e a fitofármacos foi também abordado. O quadro 10 apresenta os resultados referentes a um total de 11 informantes. Apenas 3 referiram usar geralmente “curas” – *“eu não acredito na biologia, não se come nada sem curas”* (informante 3).

Os informantes que usam “curas” – fertilizantes ou fitofármacos – em apenas 1 ou 2 culturas, vêem-se como mais próximos da natureza e no geral referem que não gostam nada de “curas”, utilizando-as pontualmente (como adubo de fundo nas batatas; nematodocidas – granulado para caracóis – e inseticidas – produto para lagartas das couves). Neste grupo alguns mencionaram, e foi também observado, o uso de matéria orgânica como fertilizante, proveniente tanto de estrume como resultante da decomposição de restos vegetais (como folhas e material vegetal resultante das limpezas da terra). Esta é feita nos quintais ou adquirida a conhecidos – o estrume *“é metido na terra antes das sementeiras para fortalecer a terra”* (informante 4); *“depois endireita-se a terra e plantam-se as plantas”* (informante 9); *“aproveito folhas das árvores que caem para pôr debaixo da terra. Quando preciso mando vir estrume curtido das vacas”* (informante 11).

**Quadro 10 – Número de informantes que aplicam de forma diferente “curas”**

Recurso a “curas”	Número de Informantes
Usa “curas” em 3 ou mais culturas	3
Usa “curas” em 1 ou 2 culturas	5
Usa “curas” em 1 ou 2 culturas e estrume	3

#### Organização da distribuição das plantas cultivadas no espaço

Não pondo em causa as zonas de cultivo definidas nas tipologias de desenho dos *HG* já expostas, a rotação cultural de ano para ano – nas zonas destinadas a hortícolas – é recorrente. A principal motivação para se efectuar esta prática deve-se a uma ideia generalizada de que esta é melhor para as plantas e dá melhores resultados de produção – *“vão-se mudando as culturas de sítio, para que nos anos seguintes cresçam bem”* (informante 3); *“para não estarem na mesma terra”* (informante 9); *“plantas gostam de mudar de sítio”* (informante 7); *“até agradecem se se mudar de sítio de ano para ano”* (informante 8). De facto, esta prática é benéfica para as culturas uma vez que minimiza a permanência de doenças e pragas associadas a determinada planta, no local onde é plantada, diminuindo também os efeitos da capacidade alelopática de certas plantas – acção prejudicial de uma planta sobre outra mediante a libertação de compostos químicos (Moreira e Monteiro 2004).

Alguns informantes referiram que certas hortícolas não devem crescer juntas – *“Culturas que dão por cima não devem ser colocadas junto das que se dão por baixo, porque uma ou outra não se vai dar (ex. feijão e alhos)”* (informante 11), uma vez que a sombra causada pelas culturas mais altas às mais baixas impede o seu crescimento – ou que não é benéfico plantar determinada planta na terra onde antes esteve outra – *“há plantas que não gostam de ser plantadas no mesmo sítio”* (informante 13). Alhos, favas – *“Dizem que a fava amacia a terra”* (informantes 6), facto que se deve à propriedade das leguminosas, como as favas, de fornecerem azoto à terra –, tomateiros, feijão e batatas foram plantas citadas como sujeitas a rotação cultural de ano para ano.

#### Tempo passado | Responsáveis

O tempo passado nos *HG* está intimamente ligado ao tipo de ocupação actual dos informantes, designadamente se estão numa situação de reforma e consequentemente têm mais tempo livre ou não. A manhã é a altura do dia mais privilegiada, principalmente durante o Verão. Quem tem horários de trabalho fixos durante a semana, dedica à horta os tempos que sobram deste. Alguns informantes explicaram nas primeiras entrevistas, que devido a motivos de saúde houve alturas recentes em que passaram menos tempo a cuidar dos seus quintais e hortas, com a preocupação de que fosse traçada alguma opinião relativamente ao estado dos mesmos – *“havia de ter cá estado o ano passado, estava muito mais bonita a horta; agora não tenho cá quase nada para se ver”* (informante 4). Tal foi prontamente explicado como não sendo de todo um dos objectivos do trabalho, e essa preocupação não surgiu nas conversas seguintes.



Na maioria dos casos, uma só pessoa é responsável pelo *HG* – sobretudo homens. Contudo, em algumas situações, é o casal por igual que gere o espaço, existindo por vezes, divisão de tarefas. Num caso, foi observada a ajuda de um amigo na realização de alguns trabalhos.

No quadro 11 é possível observar a relação entre o tipo de ocupação dos informantes e o tempo passado a cuidar dos *HG*, bem como quem são os responsáveis pelo espaço.

**Quadro 11 – Ocupação, tempo passado a cuidar e quem cuida dos *HG***

Inf	Ocupação	Tempo passado	Responsável
1	Reformado		Ele
2	Reformados	Manhãs   Fins de tarde	Os dois
3	Reformado	Manhãs	Ele
4	Reformado	Manhã   Depois de almoço   Fins de tarde	Ele
5	Reformados	Manhãs	Os dois
6	Trabalhadores Sector 3º	Tempo que sobra do emprego	Os dois   Mais ele
7	Reformado por invalidez	Manhãs   Parte da tarde	Ele   Ajuda de amigo
8	Reformado	Manhãs	Ele
9	Reformado	Manhãs	Ele
10	Funcionário da Junta de Freguesia	Tardes   Tardes e parte das manhãs ao fim-de-semana	Ele   Ajuda da esposa
11	Reformada	Manhãs   Fim da tarde	Ela
12	Reformado	Parte do dia, todos os dias	Ele
13	Reformado	Manhãs	Ele   Ajuda da esposa

#### **VI.IV HOMEGARDENS E DINÂMICAS DA PAISAGEM**

*“Os alentejanos têm as hortas no sangue”* (informante 11)

Os *HG*, tal como a aldeia onde se localizam e a paisagem em que se inserem, são reflexo das diversas dinâmicas ecológicas, mas principalmente sociais e económicas que marcaram particularmente o século XX e se prolongam até aos dias de hoje. Seguindo esta linha de pensamento, o estudo dos *HG*, e das suas alterações ao longo deste período, é indissociável do contexto em que se insere, logo do estudo daquela paisagem.

Os dados aqui descritos, relativos às dinâmicas dos *HG*, da aldeia e da paisagem em que se inserem, advêm sobretudo das entrevistas efectuadas, mas também de observações (nomeadamente no respeitante aos conhecimentos de recursos naturais), *free listing* (informações e usos das “plantas do campo” e caracterizações acerca das transformações da aldeia e dos “campos”) e mapeamento (da evolução da aldeia e seus *HG*). Durante as variadas

visitas ao campo, feitas na companhia da informante-chave, foram ainda recolhidos *voucher specimens* de “plantas do campo”, posteriormente identificados.

## AGORA

A relação que as pessoas estabelecem com estes espaços actualmente – nomeadamente a sua importância e outros tipos de utilizações que têm – é aqui abordada.

### Importância

Uma ou mais razões foram apontadas pelos informantes como motivadoras da existência e posse de *HG* (quadro 12). Todos referiram não ter uma dependência profunda dos produtos que advêm dos *HG*, embora 5 tenham dito que estes dão uma grande ajuda em termos económicos. A alimentação e o facto de consumirem produtos produzidos por eles e possuírem conhecimento acerca da sua origem são, a par do sentimento recreativo e de se estar entretido, as razões mais citadas – “*é mais entretenha, apesar de também dar jeito*” (informante 3). A necessidade de sentir que se tem uma vida activa, e da prática de exercício físico foram também razões indicadas, bem como o gosto por si só das práticas agrícolas e de pertencer e observar os processos que vão acontecendo na horta – “*porque faz jeito e porque gostamos, é bom ver as plantas a crescer*” (informantes 6); “*Sempre gostei muito disto, gosto mesmo disto, entretém muito, e para não estar fechado em casa; hoje em dia dá muito jeito*” (informante 4).

O destino dos produtos resultantes dos *HG* é unânime entre todos os informantes: consumo próprio e oferta – principalmente a familiares e vizinhos.

**Quadro 12 – Razões apontadas pelos informantes para possuírem *HG***

Razão para ter <i>Homegarden</i>	Número de Informantes
Ajuda económica	5
Alimentação	10
Entretenimento   Recreação	10
Exercício físico   Vida “activa”	4
Gosto	4

### Utilizações

Como analisado anteriormente nas “Tipologias de desenho” (página 44), o espaço total dos *HG* é dividido em várias zonas pelos informantes, podendo existir mais do que uma utilização secundária (quadro 13).

As zonas de cultivo – quer directamente na terra ou em canteiros – são comuns a todos e claramente as que detêm maior área. Contudo, são dadas outras utilizações aos *HG*, nomeadamente a criação de animais e a presença de animais domésticos, e a existência de pequenas zonas pavimentadas ou alpendres, destinadas a descanso e lazer, onde são

colocadas cadeiras principalmente durante o Verão – “*para apanhar uma sombrinha*” (informante 9) – mas também durante o Inverno quando o Sol aparece. Este foi o aproveitamento secundário mais observado, intimamente ligado ao clima da região, mas também à configuração das casas – como na descrição de Ribeiro (2011) “com aberturas frequentes também nas traseiras (...) um poial de pedra, à entrada da porta, convida ao descanso pela fresca da tarde”, que remete para este uso. Apesar de ser possível encontrar plantas ornamentais em todos os *HG* – dando uns informantes mais importância a estas do que outros –, e zonas destinadas a estas plantas, apenas num se observa uma parte de “jardim” – enquanto espaço em que é dado ênfase não só às plantas mas também à sua componente estética – com presença de elementos ornamentais como estatuária, pérgolas, tanques e pequenas pontes com função decorativa aliada à funcional.

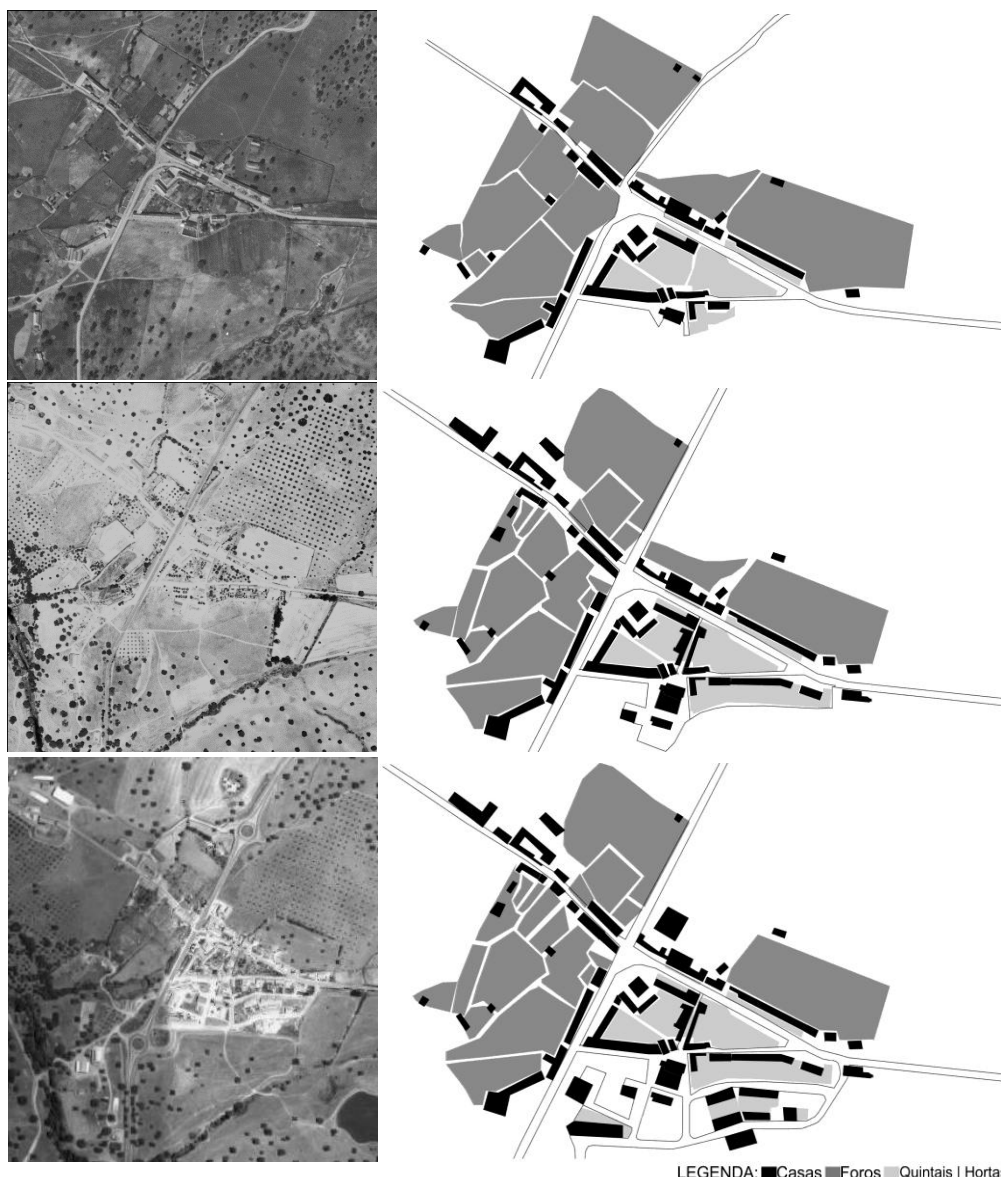
**Quadro 13 – Número de *HG* com cada tipo de utilizações secundárias**

<b>Outras utilizações dos <i>homegardens</i></b>	<b>Número de <i>homegardens</i></b>
Criação de animais (galinhas, patos, pombos, etc.)	7
Presença de animais domésticos (cão, gato)	2
Zona de descanso/Lazer	10
“Jardim” (presença de elementos ornamentais como estatuária/pérgolas)	1

## DO ANTIGAMENTE AO AGORA

São tidas em conta as alterações que foram ocorrendo no contexto local, ao longo do século XX e até à actualidade, incidindo nas características dos *HG* antigamente, por comparação com o que caracteriza os actuais, e em paralelo com as modificações nos aspectos sociais.

Apesar de ser possível observar através de fotografias aéreas de diferentes datas do referido período, como patente na figura 14, as alterações na aldeia e na ocupação do solo e interpretá-las com uma perspectiva que dê destaque aos *HG* (“foros”, “quintais”, “hortas” e “quinchosos”), esta análise deve muito às percepções e informações dadas pelos informantes.



**Fig. 14 – Evolução da aldeia e seus *HG* 1951 – 1986 – 2010 | Diagramas elaborados pela autora sobre Fotografias aéreas | Fonte: '51 e '86 - DGT; 2010 - Google Earth**

### Contexto histórico recente dos *HG*

Numa tentativa de compreensão da importância que os *HG* têm para as pessoas e das causas que levam à sua presença ou ausência em outras alturas das suas vidas, foram colocadas questões acerca do número actual de *HG*, da sua forma de aquisição, e das suas alterações mais recentes, bem como da sua existência no passado e em que locais (quadro 14).

Como já referido anteriormente, grande parte dos informantes toma conta, além do (s) seu (s) *HG*, de um ou mais *HG* de outrem – maioritariamente de pessoas que têm casa e lote anexo na aldeia, mas habitam noutro local e só a visitam esporadicamente; mas também de parcelas de terreno que não estavam a ser utilizadas pelos proprietários e são delegadas ou oferecidas a quem tenha interesse em tomar conta delas. Os informantes que têm *HG* anexo à habitação nos dois quarteirões mais recentes da aldeia – entre a Rua Primeiro de Maio e a Rua Manuel

Martins de Carvalho – adquiriram-nos por compra – principalmente entre os anos 60 e os anos 90 do passado século –, sendo que alguns foram comprados com a casa já construída e outros sem, tendo esta sido construída posteriormente. É também aqui que se encontram muitos dos *HG* “delegados”. Os *HG* que se encontram no centro da aldeia – entre a Rua da Liberdade e a Rua Primeiro de Maio –, sem qualquer habitação contígua, constituíam – de acordo com o referido por alguns informantes – um único, pertencente a uma só pessoa, e que foi à sua morte dividido pelos herdeiros. Alguns destes ofereceram ou delegaram as parcelas. Tal como neste caso, na periferia da aldeia, a oeste, existem alguns foros que foram também divididos para heranças.

**Quadro 14 – História recente de cada *HG***

<i>HG</i>	Informante	Há quanto tempo tem o <i>HG</i>	Forma de Aquisição	Alterações do <i>HG</i>
<i>HG 1</i>	Informante 1	Desde sempre	Herança	<i>HG</i> pertencia a terreno maior, dividido após morte do dono
<i>HG 2</i>	Informantes 2	5 anos	"Delegação"	
<i>HG 3</i>	Informante 3	30 anos	Compra	<i>HG</i> pertencia a “foro”, dividido após morte do dono
<i>HG 4</i>	Informante 4	30 anos	Herança	
<i>HG 5</i>	Informantes 5	Poucos anos	"Delegação"	
<i>HG 6</i>	Informantes 5	Poucos anos	"Delegação"	
<i>HG 7</i>	Informantes 5	Poucos anos	"Delegação"	
<i>HG 8</i>	Informantes 5	20 anos	Compra	
<i>HG 9</i>	Informantes 6	20 anos	Compra	<i>HG</i> pertencia a “foro”, dividido após morte do dono
<i>HG 10</i>	Informantes 6	6 anos		
<i>HG 11</i>	Informante 7	4/5 anos		
<i>HG 12</i>	Informante 7	4/5 anos		
<i>HG 13</i>	Informante 8	10 anos	"Delegação"	
<i>HG 14</i>	Informante 8	1 ano	Compra	
<i>HG 15</i>	Informante 9	40 anos	Compra	
<i>HG 16</i>	Informante 9	5 anos	"Delegação"	
<i>HG 17</i>	Informante 9	20 anos	"Delegação"	<i>HG</i> pertencia a terreno maior, dividido após morte do dono
<i>HG 18</i>	Informante 10	15 anos	Compra	
<i>HG 19</i>	Informante 10	20 anos	"Delegação"	
<i>HG 20</i>	Informante 10	20 anos	Oferta	<i>HG</i> pertencia a terreno maior, dividido após morte do dono
<i>HG 21</i>	Informante 10	20 anos	Oferta	

<b>HG 22</b>	Informante 11	34 anos	Compra	Inicialmente utilizado todo para produção   Construiu casa e edifício anexo posteriormente
<b>HG 23</b>	Informante 12	40 anos	Compra	
<b>HG 24</b>	Informante 13	40/50 anos	Compra	
<b>HG 25</b>	Informante 13	40 anos	"Delegação"	

#### "Hortas da ribeira" | "Quinchosos"

A grande maioria dos informantes referiu ter tido hortas e quintais desde sempre – *"praticamente nasci numa horta"* (informante 8) –, mas em diversos locais e diferentes daqueles onde têm os *HG* actuais (quadro 15). Todos os *HG* estudados se localizam na aldeia, em contraponto com os anteriores que se situavam nos montes, onde trabalhavam, junto a uma ribeira a oeste da povoação, mas relativamente próxima desta ("Ribeira de Santa Susana" de acordo com a carta militar de 2006 e "Ribeira Poço da Campa" segundo a informante 11); e nas imediações da aldeia, nomeadamente nos "foros". Estas localizações são inerentes às condições de vida da altura e da adaptação das pessoas aos recursos – naturais e de índole social – que tinham disponíveis.

Porém, 3 informantes possuem ainda hortas na ribeira, às quais se dedicam apenas no Verão, razão pela qual estas não foram contempladas nos *HG* estudados integralmente.

**Quadro 15 – Informantes e *HG* actuais e antigos**

<b>Inf</b>	<b>Nº de <i>HG</i> actuais estudados</b>	<b>Outros <i>HG</i> actuais</b>	<b><i>HG</i> anteriores (nº desconhecido)</b>
1	1	1 Junto à ribeira	Montes   Junto à ribeira
2	1		Junto à ribeira
3	1		Imediações da aldeia
4	1		Junto à ribeira
5	4		
6	2		Junto à ribeira   Imediações da aldeia
7	2		Imediações da aldeia
8	2		Junto à ribeira
9	3		Montes   Imediações da aldeia
10	4	1 Junto à ribeira	Junto à ribeira   Imediações da aldeia
11	1		Montes   Aldeia
12	1	1 Junto à ribeira	Junto à ribeira   Imediações da aldeia
13	2		

De acordo com vários informantes, antigamente – na “época do trabalho no campo” - quase toda a gente tinha hortas de Inverno – os “quinchosos”, nos montes e na aldeia – e hortas de Verão – “hortas da ribeira”. Ambos eram espaços cedidos pelos grandes lavradores, donos das terras, aos seus trabalhadores. Estes HG constituíam locais de produção de plantas essenciais à alimentação dos trabalhadores rurais – *“tinha de se cultivar para poder comer”* (informante 11); *“Antigamente a miséria era grande, tinha de se ter horta, e comer plantas do campo”* (informante 4).

Os “quinchosos” – pequenos espaços de cultivo, hortas ou quintais – existiam nos montes, delimitados por canas e silvas, onde trabalhava muita população rural, e também na aldeia, junto às casas.

As “hortas da ribeira” eram muito utilizadas, e mostram um inteligente aproveitamento conjunto dos recursos naturais - de um local ecologicamente propício às hortas - e do benefício relativo à cedência de terras por parte dos latifundiários. *“Antigamente quase todas as pessoas tinham hortas ao pé da ribeira, em talhões, e utilizava-se a água da ribeira para rega”* (informantes 6); *“toda a gente tinha hortas ao pé da ribeira, um bocadinho de terra; existiam hortas dos dois lados da ribeira; muitas utilizavam “pegos” que nunca secavam, era a Ribeira “Poço da Campa”; antes estava mais limpa, as crianças tomavam lá banho; o poço junto à ribeira, no caminho para a ribeira, servia para lavar roupa, mas não se bebia dessa água; utilizava-se canas e silvas para vedação entre hortas, os “valados”; a ribeira passa por baixo da Ponte de Manuel Louro, muito antiga; antigamente eram todas ocupadas, agora existem poucas hortitas, mas ainda há quem cultive ali, de Verão; muitas estão abandonadas devido à morte ou por falta de capacidades de quem tomava conta delas”* (informante 11); como razão na diminuição destas hortas é ainda referido que *“os herdeiros já não querem hortas ao pé da ribeira, para terem o gado mais à vontade”* (informante 10).

Além dos HG estudados é possível observar em toda a aldeia pequenos quintais e hortas, tanto anexos às casas mais antigas na Rua da Liberdade, como nos dois quarteirões mais recentes a sul. De acordo com os informantes 2 *“no fim dos anos 70 começou-se a ter mais quintalinhos na aldeia”*. Contudo pela interpretação feita da observação de fotografias aéreas anteriores a esta data é possível verificar a existência de talhões cultivados no centro da aldeia. Deduz-se que os *“quintalinhos”* se referem apenas aos quintais das casas que começaram a ser construídas por volta dessa altura, acrescendo aos “quinchosos” que já existiam na aldeia.

#### “PLANTAS DO CAMPO” – CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS

Os conhecimentos etnobotânicos de recursos silvestres por parte da população reflectem, em parte, as dinâmicas sociais e as estabelecidas entre a comunidade e a natureza, que marcaram aquela paisagem em grande parte do século XX.

No presente ponto, recua-se aos antigos modos de vida que implicavam uma, mais ou menos profunda, dependência dos recursos naturais disponíveis localmente; são expostas as

percepções dos informantes acerca do tema; e os conhecimentos etnobotânicos de “plantas do campo” e de recursos micológicos, sendo ainda feita uma ponte com os *HG* estudados.

#### Antigos modos de vida | Dependência de plantas e outros recursos naturais

O recurso a plantas silvestres e outro tipo de recursos naturais, mais acentuados em determinados períodos relacionados com factores socioeconómicos e culturais, e actividades particulares, e o seu consumo presente, são tópicos abordados em vários estudos de cariz etnobotânico na Península Ibérica (Pardo-de-Santayana et al. 2007; Carvalho e Morales 2010; Tardío e Pardo-de-Santayana 2008; Reyes-García et al. 2014-a; Tardío 2010; Menendez-Baceta et al. 2012; Solà et al. 2014).

Referindo-se ao Sul, Ribeiro (2011) advoga que o aproveitamento de produtos florestais na alimentação é característico deste território, nomeadamente os usos da bolota doce da azinheira, muito consumida pela população mais pobre nos anos de maiores dificuldades, no século XVIII, e as engordas das varas de porcos com a bolota dos montados.

Tendo em conta as percepções dos informantes, enquadradas nas descrições sociais referidas no capítulo anterior do presente caso de estudo, era muito usual o consumo de recursos alimentares silvestres na aldeia de Santa Susana e nos campos que a circundam, uma vez que a população rural trabalhava dia-a-dia no campo e tinha acesso directo a este meio e aos seus recursos. Os períodos de maiores necessidades alimentares e de maior pobreza são apontados como aqueles em que este consumo era maior. O estudo coordenado por Valagão (2006), levado a cabo em todo o concelho de Alcácer do Sal, vai de encontro a este facto. Nenhum informante referiu ter passado fome, mas a época foi descrita como de grandes dificuldades - *“Havia muita fome antigamente, muitos patrões nem deixavam os trabalhadores apanhar bolotas”* (informante 3); *“Antigamente a miséria era grande, tinha de se ter horta, e comer plantas do campo”* (informante 4).

Além destes, a proximidade com a terra levava a que todo o tipo de recursos naturais, transformados ou não, que pudessem constituir algo de útil e funcional fossem utilizados – *“antigamente tudo era aproveitado”,* como exemplo *“o almagre - partículas mais finas de terras vermelhas de barro, misturadas com água, eram utilizadas no caiar de chaminés e ombreiras de portas; fazia-se todas as sextas-feiras, agora já não é tão habitual”;* *“os bostias de vaca - excrementos de vaca utilizados na fertilização da terra nas hortas; as pessoas iam buscá-los ao campo, aos locais onde existiam vacas”* (informante 11). Por observação em alguns barracões/arrecadações de *HG* estudados, e também pelas conversas tidas foi possível perceber que a apicultura era também comum, não tendo deixado de o ser até há relativamente pouco tempo – alguns informantes ainda tinham toda a parafernália necessária à actividade, não armazenada, e muitos boiões com mel seu; *“Antigamente muitas pessoas faziam mel artesanalmente; as colmeias encontravam-se junto a moitas de rosmaninho”* (informante 11); *“Antigamente produzia, e vendia; agora já não tanto”* (informante 13).



A apanha de recursos micológicos era também muito popular, verificando-se ainda hoje mas com menor frequência, sobretudo entre os homens. A colheita de cogumelos destinava-se quase exclusivamente para venda - facto associado à perigosidade relativa aos cogumelos e a um certo receio de que mesmo parecendo espécies comestíveis, não o fossem – enquanto a de túberas era também utilizada na alimentação.

As vedações constituem um elemento que apresenta algumas consequências negativas, na perspectiva dos informantes. Antigamente não existiam vedações nas herdades – só “*as propriedades imediatamente anexas à aldeia eram delimitadas por canas e parreiras*” (informante 11) – o que resultava, por um lado na necessidade de mais mão-de-obra para os trabalhos com os animais, e por outro – facto aqui com maior relevância – na maior facilidade na recolha de plantas e outros recursos silvestres por parte da população, uma vez que os campos se encontravam “abertos”. Actualmente todas as herdades se encontram vedadas – “*primeiro, as herdades passaram a ser delimitadas por silvas, e agora têm cercas de madeira e arame farpado*” (informante 11); “*põem o gado entre cercas e não é preciso dar trabalho a quase ninguém*” (informante 9) – verificando-se também uma grande dificuldade na recolha de recursos silvestres – “*Agora como as herdades estão todas vedadas já não se apanha tanto, cogumelos*” (informante 10).

De nota relevante, a percepção por parte da informante-chave de que a geração anterior à sua detinha uma imensa sensibilidade para com a natureza, os seus ciclos e recursos – maior que a da sua, e muitíssimo maior que a das gerações mais novas – vai de encontro ao referido por Carvalho e Morales (2010), num estudo no nordeste português, de que as gerações que viviam com maior dependência dos recursos naturais e da paisagem aprenderam, desde cedo, “a descobrir e a entender os sinais da natureza e a observar alterações na paisagem”. Valagão (2006), debruçando-se sobre o concelho de Alcácer do Sal, faz alusão à mesma ideia, referindo que se verificava uma estreita dependência entre a produção, a colheita e o consumo familiar, ritmados pelos ciclos agrícolas e sazonais, constituindo o aproveitamento tradicional dos recursos existentes uma forma de gestão e conservação da paisagem.

#### Percepções relativas às plantas – A que são associadas

As plantas do campo são associadas pelos informantes a diversos tipos de sentimento, desde os mais nostálgicos aos de rejeição de uma época difícil.

Transversal a um maior número de informantes surge um certo revivalismo do passado, no qual as plantas do campo são associadas sobretudo a alturas de pobreza, mas sem a presença de um sentimento de rejeição e de revolta para com ambas – as plantas e a época. Os referidos períodos são assumidos como pertencentes a uma parte da vida que teve de ser assim, continuando estes informantes a manter uma percepção positiva das plantas - “*Na pobreza comia-se mais a natureza*” (informante 4) –, mesmo que muitas já não sejam colhidas ou tão utilizadas como antigamente - sucede-se também por uma questão prática de menor necessidade e maior acessibilidade a outros produtos alimentares. Na sequência destes sentimentos, a afeição profunda pelas plantas do campo surge – com um número residual de

informantes - adjacente a um saudosismo do passado, e ao universo da “tradição”, para o qual este remete, bem como a um revivalismo da infância.

Apreensões positivas encontram-se também inerentes ao simples gosto pela natureza, pela sua contemplação e dos seus ciclos – *“Na Primavera adoro ver as plantas no campo; é uma coisa mais ou menos controlada”*, referindo-se ao aparecimento espontâneo “controlado” das plantas (informante 8) –; e ao facto de grande parte dos informantes notar substancial diferença entre o sabor destas plantas, especialmente as aromáticas, e as adquiridas com outras origens - *“tem outro cheiro e paladar, o que vem do campo”* (informante 9) *“melhores, o sabor é diferente, muito melhor”* (informante 10); são ainda tidas por informantes que olham para as plantas como já não tão apreciadas e caídas em desuso, facto atribuído à natural passagem do tempo e ao despontar de novos hábitos, e não por representarem algo de negativo - *“Agora as pessoas já não gostam tanto das comidas de antigamente”* (informantes 2).

Nos antípodas surge, com um número residual de informantes, uma forte associação destas plantas – principalmente as que serviam de base à alimentação – a tempos maus, de grandes dificuldades, com um sentido de repulsa - *“Não gosto muito dessa altura”* em que se alimentava com estas plantas (informante 3). Com as plantas aromáticas este sentimento não se verifica, possivelmente porque como não eram alimentos base, mas sim mais secundários, não marcaram tanto aquela época. Assiste-se ainda a uma relativa desvalorização dos possíveis usos medicinais de algumas destas plantas, tal como os mais velhos e que viveram mais esses tempos de maior dependência do campo, os acreditavam.

#### Recursos referidos

Apesar de actualmente se verificar uma diminuição substancial no consumo de recursos silvestres – justificada também pela questão de menor necessidade e maior acessibilidade a outros produtos, principalmente alimentares – várias plantas foram enumeradas como pertencentes ao “campo”, tal como alguns dos seus usos quer passados ou presentes.

Para este inventário foram feitas visitas de campo com recolha de material vegetal com uma informante, e questionados os outros acerca destes recursos. Nalguns casos foi possível observar as plantas colhidas e/ou inseridas nos quintais. Quando apenas era referido o nome vernacular da planta ou recurso micológico foi pedida uma descrição da mesma, de modo a perceber se aquelas a que se referiam estavam em conformidade com as já positivamente identificadas. Como complemento foram consultados livros que abordam a temática da etnobotânica na região em estudo - Valagão (2006); Salgueiro (2013). Cada informante enumerou e descreveu, assim, as plantas que conhecia e utilizava no passado ou ainda utiliza, provenientes e colhidas directamente no campo.

Foi identificado um total de 69 espécies, 60 plantas e 9 fungos, distribuídas por 39 famílias.

Analisando o gráfico da figura 15, as Labiadas são a família mais representada – que surgia em segundo nos *HG* – aqui com um total de 8 espécies, tendo estas sido citadas 42 vezes. As Compostas surgem seguidamente com 6 espécies, com uma FC igual a 18. As demais famílias

presentes no gráfico têm uma correspondência de 3 ou 2 espécies apenas, com uma FC conjunta igual a 28. As restantes famílias têm uma representatividade de apenas 1 espécie.

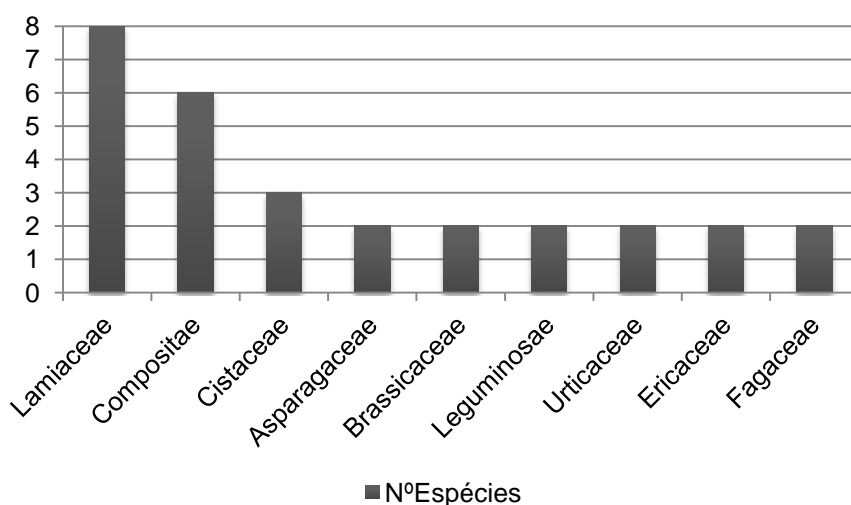


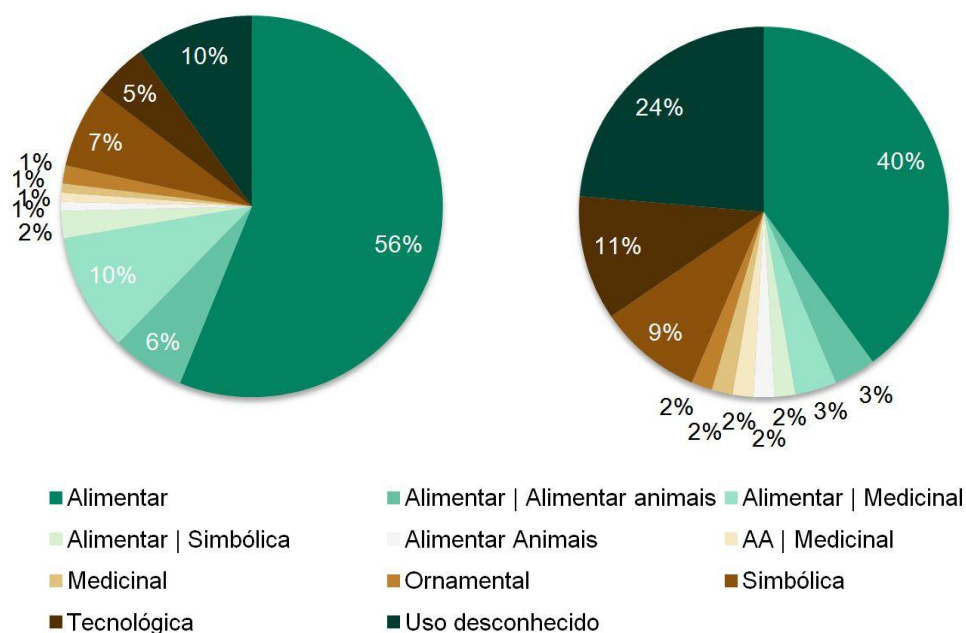
Fig. 15 – Gráfico relativo às famílias botânicas mais representadas

#### Categorias de Uso

Foram citadas diversas categorias de uso, como é possível observar no quadro 16, encontrando-se algumas espécies em mais do que uma categoria de uso (o seu total é 69, como anteriormente referido, e não 77 como se encontra no quadro 16), e apresentando 13 das espécies identificadas apresentam um uso desconhecido. A frequência de citação (FC) assume um total de 166.

Quadro 16 – Categorias de uso das “plantas do campo”

Categoria	Subcategorias	Número Informantes	FC	Número Espécies
<b>Alimentar</b>	Condimentos   Chás   Frutas   Flores   Licores   Verduras e Recursos Silvestres   Recursos Micológicos	13	107	32
<b>A. Animal</b>	Galinhas   Patos   Perus   Porcos	6	12	6
<b>Medicinal</b>	Aparelho Respiratório   Aparelho digestivo   Coração e Sistema circulatório   Cabelo   Desinfecção e Cicatrização   Dores de cabeça e febres   Sistema Urinário	10	19	10
<b>Ornamental</b>	Planta cortada para decoração	2	3	2
<b>Simbólica</b>	Superstições e Rituais   Simbolismos	3	8	6
<b>Tecnológica</b>	Combustíveis e Iluminação   Mobiliário   Processo elaboração de enchidos e queijos   Vedações	2	7	6
<b>Uso Desconhecido</b>		2	16	16
<b>Total</b>			166	77



**Fig. 16– Gráfico de distribuição da FC relativa a cada categoria de uso | Gráfico de distribuição do número total de espécies por cada categoria de uso**

Tal como se verificou com a vegetação presente nos *HG*, relativamente à distribuição do número total de espécies, o uso com maior destaque é o alimentar, seguido pelas plantas com uso desconhecido, uso tecnológico e uso simbólico. A categoria ornamental, com um valor muito baixo, é a que apresenta maior disparidade com o valor apresentado nos *HG*. Em termos de FC, o uso alimentar foi, em consonância com o número de espécies, o mais citado. Contudo, as categorias de uso desconhecido, uso conjunto alimentar e medicinal, e uso simbólico apresentam uma distribuição mais ou menos uniforme entre si, seguidas pela categoria conjunta alimentar e alimentar animais, e pela tecnológica. Os restantes tipos de uso foram muito pouco citados. Como se pode observar nos gráficos presentes na figura 16.

Relativamente aos recursos micológicos, apesar de serem comestíveis e de uso alimentar, os informantes que referiram os cogumelos apenas os vendiam para esse fim e não os consumiam, sendo as túberas e silarcas os recursos deste tipo consumidos pelos informantes.

#### Espécies mais citadas

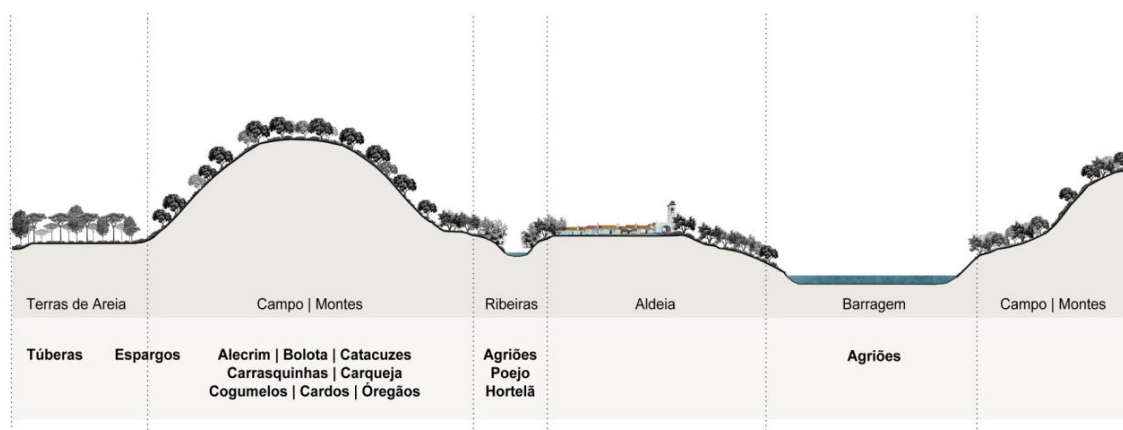
O quadro 17 contém as plantas mais citadas pelos informantes. As mais populares são as carrasquinhas e os orégãos, continuando actualmente a ser colhidas no campo e utilizadas na alimentação. Algumas das plantas mais citadas foram associadas maioritariamente a usos antigos e só são consumidas esporadicamente no presente. Mais uma vez a categoria de uso alimentar é a mais vulgar.

**Quadro 17 – Espécies de “plantas do campo” mais citadas pelos informantes**

Nome Científico	Nome Comum	Flora Portuguesa	Categoria de Uso	Nº de Informantes
<i>Scolymus hispanicus</i> L.	carrasquinhas; tangarinhas	x	Alimentar	13
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégãos	x	Alimentar	13
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	x	Alimentar   Medicinal	10
<i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	agriões	x	Alimentar	6
<i>Quercus rotundifolia</i> Lam.	bolota; boleta	x	Alimentar   Alimentar animais	6
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	x	Simbólico	5
<i>Mentha x piperita</i> L.	hortelã		Alimentar	5
<i>Rumex crispus</i> L.	catacuzes	x	Alimentar	5
<i>Mentha cervina</i> L.	hortelã-da- ribeira	x	Alimentar	4
<i>Terfezia arenaria</i> (Moris) Trappe	túbera	x	Alimentar	4
<i>Borago officinalis</i> L.	borragem	x	Alimentar   Medicinal	3
<i>Lavandula stoechas</i> L.	rosmaninho	x	Alimentar   Simbólica	3

### Recolha

Os locais ilustrados na figura 17 foram mencionados pelos informantes, como de recolha de algumas “plantas do campo”.



**Fig. 17 – Representação esquemática dos locais de recolha de algumas “plantas do campo”, segundo a designação dada pelos informantes | Fonte: Autor**

Apesar de não ser desenvolvida na presente investigação a tónica das percepções dos ecossistemas por parte da comunidade, verifica-se aqui uma organização, muito generalizada, de diferentes zonas, às quais correspondem plantas específicas. São diferenciadas

principalmente três zonas: as zonas húmidas – ribeiras, barragem e “onde há água” – os montes e as terras de areia.

#### “Plantas do campo” inseridas nos HG

Ao abordar o tema das plantas do campo e dos seus usos e recolha, os informantes foram também inquiridos acerca das plantas que eram trazidas do campo e colocadas nos HG (quadro18). Os usos de algumas das espécies presentes neste grupo divergem entre os que possuem quando são colhidas no campo - associados por vezes a práticas “tradicionais” ou do “antigamente” – dos que adquirem quando são inseridas nos HG. Nestes casos a motivação que leva à introdução de certa planta trazida do campo para o HG, apresenta um carácter mais simbólico ou somente pelo gosto da planta em si, e não tanto pela sua função utilitária – algumas passam de um uso tecnológico para ornamental. Dá-se ainda o caso de plantas que se encontram presentes nos HG porque aqui surgem espontaneamente, tal como no campo, sendo mantidas pelas pessoas – como as beldroegas.

As famílias com maior número de plantas silvestres inseridas nos HG são a *Lamiaceae*, com 6 espécies, e a *Cistaceae*, com 2 espécies. No total, 34% das espécies do campo citadas foram inseridas nos HG, constituindo cerca de 15% da totalidade das espécies neles presentes.

**Quadro 18 – Características das espécies de “plantas do campo” inseridas nos HG**

Família   Espécies	Nome Comum	Flora Portuguesa	Categoria Uso “Campo”	Categoria Uso HG
<b><i>Asparagaceae</i></b>				
<i>Ruscus aculeatus</i> L.	gilbardeiro	x	Ornamental	Ornamental
<b><i>Boraginaceae</i></b>				
<i>Borago officinalis</i> L.	borragem	x	Alimentar   Med.	Med.   Ornamental
<b><i>Brassicaceae</i></b>				
<i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	agrião	x	Alimentar	Alimentar
<b><i>Portulacaceae</i></b>				
<i>Portulaca oleracea</i> L.	beldroegas	x	Alimentar	Alimentar
<b><i>Cistaceae</i></b>				
<i>Cistus ladanifer</i> L.	esteva	x	Tecnológico	Ornamental
<i>Cistus monspeliensis</i> L.	sargaço	x	Tecnológico	Ornamental
<b><i>Compositae</i></b>				
<i>Dittrichia viscosa</i> (L.) Greuter	ciganas	x	Simbólico	Simbólico
<b><i>Cyperaceae</i></b>				
<i>Scirpoidesholoschoenus</i> (L.) Soják	junça	x		Ornamental
<b><i>Ericaceae</i></b>				
<i>Arbutus unedo</i> L.	medronheiro	x	Alimentar	Alimentar

<b>Fagaceae</b>				
<i>Quercus suber</i> L.	sobreiro	x	Alim.animal	Ornamental
<b>Lamiaceae</b>				
<i>Mentha x piperita</i> L.	hortelã-mansa		Alimentar	Alimentar
<i>Mentha cervina</i> L.	hortelã-da-ribeira	x	Alimentar	Alimentar
<i>Clinopodium nepeta</i> subsp. <i>glandulosum</i> (Req.) Govaerts	néveda	x		Ornamental
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégãos	x	Alimentar	Alimentar
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	x	Alimentar   Med.	Alimentar   Med.
<i>Salvia microphylla</i> Kunth	rapazinhos		Alimentar	Simbólico
<b>Lauraceae</b>				
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	x	Alimentar	Alimentar
<b>Oleaceae</b>				
<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl	freixo	x		Ornamental
<b>Typhaceae</b>				
<i>Typha domingensis</i> Pers.	esteiras	x	Tecnológico	Ornamental

## CONCLUSÕES E INVESTIGAÇÕES FUTURAS

### CONCLUSÕES

Respondendo aos objectivos do estudo propostos ao início:

#### 1. Caracterização dos *HG* em todas as suas vertentes

No concernente à caracterização física dos *HG*, em relação aos seus atributos físicos, predominam os que não se encontram anexos à residência do informante, tendo a sua área uma média de 352 m<sup>2</sup> e sendo a área cultivada, em média, 63% da anterior. O tipo de estrutura de delimitação é maioritariamente o muro baixo em alvenaria caiado com rede de arame. E a exposição mais frequente, a Sul. Os *HG* foram ainda agrupados em duas tipologias de desenho – anexos ou não a uma casa – diferindo tanto em forma como em conteúdo, destinando-se uns maioritariamente a plantas com uso alimentar, e os outros tanto a espécies alimentares como a ornamentais, existindo em ambas variações e excepções.

Respeitante à sua composição, a média do número total de espécies por *HG* é de 23, encontrando-se em todos tanto espécies autóctones como exóticas. As espécies mais comuns dividem-se quase equitativamente entre autóctones e exóticas, associadas, sobretudo, ao uso alimentar. A proveniência das plantas é maioritariamente própria, por armazenamento de

sementes, e de origem em vendedores locais – também de sementes. Na escolha das plantas, a decisão de continuar a produzir umas e/ou introduzir novas, os informantes optam por espécies que vão de encontro aos propósitos dos *HG* e às suas preferências.

No tipo de práticas utilizadas, as técnicas de cultivo empregues são geralmente manuais, às quais os informantes estão mais acostumados e que contribuem para os resultados pretendidos. Em relação à plantação e colheita, o ciclo de vida de cada planta é habitualmente respeitado, sendo por vezes adaptadas às instabilidades climáticas actuais. A técnica de propagação mais empregue é a sementeira. Relativamente às práticas de gestão, a rega é feita sobretudo no Verão, tendo a água como fonte poços ou a rede de abastecimento público, valendo-se de diversos processos auxiliados por variados instrumentos; na limpeza de ervas daninhas os informantes servem-se de práticas como a monda manual e a sacha; em termos de utilização de “curas” divergem dois tipos de informantes: os que não gostam de as aplicar, usando muito pontualmente fertilizantes e pesticidas, e os que as aplicam em várias culturas; são tidos cuidados relativos à disposição das plantas cultivadas no espaço, quer por uma questão de rotação cultural de ano para ano, como também por certas plantas terem incompatibilidades em crescer juntas; o tempo passado no espaço é inerente ao tipo de ocupação actual dos informantes, sendo a manhã a altura do dia mais privilegiada.

## 2. Usos de plantas e transmissão de conhecimento | Compreensão da importância dos *HG*

No que diz respeito aos conhecimentos etnobotânicos, os usos mais comuns são os alimentar e ornamental, sendo que as outras categorias – alimentação de animais, medicinal e simbólica – se encontram associadas a plantas que têm também um dos usos anteriores. Em termos de famílias botânicas as mais representadas são as Compostas, as Lamiadas e as Rosáceas, tendo no total sido identificados 142 táxones, distribuídos por 52 famílias. Foram ainda estabelecidas correspondências entre nomes comuns e designações científicas de 95 espécies. Em relação à aquisição de conhecimentos, cada informante referiu, no geral, mais do que uma fonte, destacando-se a aprendizagem com a família, adjacente ao trabalho no campo contemporâneo às idades mais juvenis dos informantes. A transmissão deste tipo de saberes a gerações mais novas parece ser muito exígua, nomeadamente por falta de interesse desta.

A existência dos *HG* prende-se com a importância que apresentam para os informantes. A questão de contribuir para a alimentação – na perspectiva de que se conhece os produtos ingeridos – o cariz recreativo e de entretenimento foram os mais apontados; são ainda vistos como fonte de ajuda económica, bem como local de práticas da vida “activa” e de transposição do gosto particular que têm por estes espaços. O destino dos produtos neles produzidos é o consumo próprio e oferta – nomeadamente a familiares e vizinhos. Além do espaço destinado às plantas, são dadas outras utilizações aos *HG* – como zonas de descanso e lazer; criação de animais; presença de animais domésticos e zona com elementos ornamentais.



### 3. Dinâmicas entre os *HG* e a paisagem envolvente

Durante grande parte do século XX o fenómeno latifundiário dominou esta paisagem; a população rural trabalhava em grande número nas herdades e diversos montes por elas espalhados, sendo, consequentemente, a actividade económica dominante, a agricultura, a qual se reflectiu no padrão de uso do solo. Em termos sociais existiam grandes discrepâncias entre os diferentes estratos sociais, tendo os trabalhadores rurais um nível de vida muito pobre. Apesar de, como refere Ribeiro (2011), às tendências latifundiárias corresponder a cultura extensiva, em Santa Susana as dinâmicas descritas do século XX até à actualidade, mostram a presença de pequenas parcelas de terra para cultivo, principalmente, de hortícolas, tanto inseridas em determinadas partes do campo, como na aldeia. Além da existência, segundo os informantes, de uma certa tradição de cultivo de hortas, o facto mencionado só foi possível, em parte, devido a uma conjugação particular de factores ocorridos neste contexto. De acordo com vários informantes na “época do trabalho no campo” quase toda a gente tinha hortas de Inverno – os “quinchosos”, nos montes e na aldeia – e hortas de Verão – “hortas da ribeira”. Ambos eram espaços cedidos pelos grandes lavradores, donos das terras, aos seus trabalhadores, e constituíam locais de produção de plantas essenciais à sua alimentação.

Tendo em conta as percepções dos informantes, era muito usual o consumo de recursos alimentares silvestres, uma vez que, ao trabalhar dia-a-dia no campo, a população rural tinha acesso directo aos mesmos. Além destes, a proximidade com a terra levava a que todo o tipo de recursos naturais, transformados ou não, que pudessem constituir algo de útil e funcional fossem utilizados, sendo os períodos de maiores necessidades alimentares e de maior pobreza apontados como aqueles em que este consumo era maior.

Actualmente, em termos da estrutura de propriedade, apesar de algumas herdades terem passado para posse de cooperativas agrícolas – entretanto já extintas – não se verificaram grandes alterações na sua malha; apenas alguns foros agora existentes, nas imediações da aldeia, resultaram de divisão de terras por morte dos proprietários. Relativamente às actividades económicas, verifica-se uma produção muito mais baixa, com menor necessidade de mão-de-obra, apesar de a agricultura continuar a ser a actividade mais dominante a par da produção de gado. A população rural melhorou substancialmente o seu nível de vida; contudo, a quase inexistência de empregos e o êxodo rural levaram a um significativo decréscimo populacional. A aldeia é actualmente maior e alguns montes encontram-se abandonados. Alguns informantes foram adquirindo por compra, principalmente entre os anos 1960 e os anos 1990, lotes com uma casa já construída, ou sem ele, tendo-a construído posteriormente, com espaço para *HG* – na parte mais recente da aldeia. Em relação aos quinchosos dos montes, estes desapareceram; existindo ainda um exíguo número de hortas junto à ribeira.

Enquanto elemento de estudo das referidas dinâmicas, as plantas do campo são associadas pelos informantes a diversos tipos de sentimento, desde os mais nostálgicos aos de rejeição de uma época difícil. Apesar de actualmente se verificar uma diminuição substancial no consumo de recursos silvestres – justificada também pela questão de menor necessidade e maior

acessibilidade a outros produtos, principalmente alimentares – várias plantas foram enumeradas como pertencentes ao “campo”, tal como alguns dos seus usos quer passados e/ou presentes. Foram identificados 60 táxones, pertencentes a 33 famílias botânicas, associados sobretudo a usos alimentares, mas também a usos tecnológicos e simbólicos, medicinais e de alimentação animal, surgindo, mais uma vez, plantas associadas e mais do que um uso. Foram ainda indicados recursos micológicos, num total de 9 e pertencentes a 6 famílias distintas, destinados maioritariamente para venda. Em conjunto, foram citados 68 nomes vernaculares pelos informantes. Algumas destas plantas foram introduzidas nos *HG*, divergindo, por vezes, o uso que possuem quando são só colhidas no campo, dos que adquirem aquando da inserção nos *HG*. As motivações para este facto surgem associadas a simbolismos ou simplesmente pelo gosto da planta em si. No total, 34% das espécies do campo citadas foram introduzidas nos *HG*.

No total foram identificados 177 táxones – tanto de plantas cultivadas, silvestres e fungos – pertencentes a 67 famílias botânicas, e foi estabelecida correspondência entre 141 espécies e 178 nomes vernaculares.

Os *HG* constituem reservatórios biológicos e culturais, sendo locais privilegiados na observação da relação homem-natureza. Apresentam uma importância única e profunda na vida da comunidade – enquanto um todo, e na de cada informante – e assumem um papel fundamental na sua história, podendo-se afirmar que são o elemento que melhor faz a ligação entre um passado recente e uma actualidade, de realidades sociais bem diferentes. Isto é, são espaços de diversidade cultural e ecológica, únicos e dinâmicos, e os que, porventura, melhor reflectem as transformações verificadas na paisagem local, nos últimos 60/70 anos.

Os resultados obtidos na presente dissertação ilustram o referido em inúmeros estudos deste domínio, verificando-se aqui aspectos transversais a variadas zonas do mundo – muitos destes estudos foram indicados na parte teórica, como Galhena et al. (2013), Galluzzi et al. (2010), Calvet-Mir et al. (2012) e Engels (2002).

É de salientar, novamente, a importância que estes resultados detêm, bem como dos estudos desenvolvidos acerca de âmbitos semelhantes ao do presente, nomeadamente na preservação de conhecimento ecológico local, uma vez que se assiste a um perigo de perda dos mesmos, facto verificado em Santa Susana, tal como é descrito em inúmeras investigações debruçadas noutras regiões (principalmente ocidentais) – como em Carvalho (2005).

## **CONTRIBUTO DE INVESTIGAÇÕES DESTE CARIZ | PERSPECTIVAS FUTURAS**

As indicações de futuros estudos aqui apontadas passam sobretudo por aspectos de salvaguarda, não só dos recursos naturais, mas também dos que advêm de estudos de cariz semelhante ao do presente, nomeadamente com a incorporação dos mesmos em estratégias de planeamento e gestão da paisagem, nomeadamente aplicadas a áreas classificadas.

Cunningham (2001) aponta para o curioso e irónico facto de que, embora os aspectos de conservação se encontrem directamente relacionados com os valores e comportamentos humanos, nas paisagens por si modificadas e alteradas, a interface conservação-pessoas é recorrentemente negligenciada – nomeadamente dos conhecimentos das comunidades locais.

Tendo em vista o uso sustentável dos recursos naturais – e dos ecossistemas –, bem como a protecção da biodiversidade *in situ* e a preservação do conhecimento local, é fundamental que as instituições responsáveis pela sua gestão e ordenamento – e as práticas por elas impostas – tenham em consideração todas as dinâmicas que ocorrem nos ecossistemas, devendo ser estabelecidas interfaces entre populações locais e unidades de conservação (Hanazaki et al. 2010; Olsson e Folke 2001), bem como uma “cogestão adaptativa” (101)– colaborações entre sistemas flexíveis de comunidades locais, e agências governamentais de ambiente, instituições de ensino, etc. – que beneficie as políticas experimentais de base científica de uma colaboração mais alargada com grupos locais que detêm conhecimentos específicos ao local (Olsson e Folke 2001).Concorrendo para o supracitado, muitas vezes –como no concernente aos sistemas tradicionais de uso do solo – este tipo de conhecimentos demonstram ser mais coerentes com o meio ambiente, com vantagens em relação a usos actuais (Lopes 2005).

Olsson e Folke (2001) sugerem a combinação de informação de base científica com conhecimentos ecológicos locais, através de estratégias de múltipla escala, que contribuam para o desenvolvimento de uma gestão em maior concordância com todos os níveis de complexidade dos processos ecológicos, interligando-os de forma efectiva e tornando os sistemas sociais-ecológicos mais resilientes a possíveis mudanças. Assumir a perspectiva das comunidades locais relativamente às áreas de conservação e aos recursos naturais, constitui um processo fundamental e que contribui grandemente para todos os que directa ou indirectamente concorrem e decidem acerca da gestão destas áreas (Cunningham 2001).

Uma das finalidades do Plano Estratégico para a Biodiversidade 2011-2020 (*Convention on Biological Diversity* 2010) passa, precisamente, pelo respeito do conhecimento e das práticas tradicionais de comunidades indígenas e locais, pertinentes para a conservação e utilização sustentável da diversidade biológica, e pela sua plena e efectiva participação a todos os níveis relevantes - inserindo-se no objectivo estratégico “Melhorar a implementação (da convenção) através do planeamento participativo, gestão de saberes e fortalecimento de capacidades”.

Santa Susana encontra-se no sítio com interesse comunitário RN 2000 de Cabrela, e está próxima do sítio RN 2000 Monfurado, podendo a presente investigação ser empregue em estudos que comportem os conhecimentos aqui enunciados, em linhas estratégicas de gestão concretas para as referidas áreas. Estas passam, por exemplo, pelo incentivo a actividades económicas e turísticas – como o apelidado turismo de natureza e turismo de proximidade, (Lopes 2005) – que potenciem a salvaguarda desejada, bem como de pequenos núcleos museológicos ou nichos de comércio local – de plantas silvestres por exemplo –(Cristóvão 2005) relacionados com estes saberes, proporcionando ainda formas de desenvolvimento sustentado às populações locais. É essencial que as medidas aplicadas contemplem as

comunidades locais como participantes dos programas de conservação (Carvalho e Frazão-Moreira 2011), constituindo a criação de uma rede entre decisores/planeadores e as populações locais aspecto fundamental para o alcance dos objectivos enunciados.

Muitas vezes é nas próprias comunidades que surge o interesse em mostrar e conservar os saberes locais, não sendo uma “imposição” ou tentativa de resgate exógeno. A informante-chave do presente estudo, que tem um “museu” – pequeno anexo no qual coleciona e reúne parafernália referentes às antigas ocupações do campo, bem como os seus trajes e uma série de recursos naturais transformados “à moda antiga” –, como a própria o apelida, no seu *HG*, demonstrou profundo interesse em manter “as tradições”, e só não o torna “oficialmente” visitável – apesar da afluência de alguns grupos de pessoas –, por não ter o apoio e o acesso à rede de pessoas, que poderiam cooperar com tal desejo.

Esta rede, se estabelecida, permitiria perceber e fazer o levantamento das próprias vontades locais em preservar os seus saberes, a essa escala, além da contribuição para o ordenamento da paisagem com a incorporação destes saberes, a escalas maiores.

Para todo este processo contribuem investigações multidisciplinares – das quais a etnobotânica bem como a etnoecologia, e outras disciplinas afins fazem parte – que contemplem metodologias derivadas, por exemplo, da antropologia, geografia, economia e ecologia (Cunningham 2001). Sob a alçada, sobretudo, de estudos de cariz etnoecológicos e etnobotânicos têm vindo a ser desenvolvidos modelos que empregam conhecimento local – mais comumente apelidado de *TEK* – em estratégias de gestão (Hernández-Morcillo et al. 2014; Blaikie et al. 1997; Vandebroek et al. 2011; Heckler 2013; Olsson e Folke 2001), bem como estudos que delineiam as suas linhas de acção, tendo em conta a paisagem (Pinto-Correia e Kristensen 2013).

No âmbito da arquitectura paisagista, além dos estudos etnobotânicos, apresentam grande pertinência os estudos de etnoecologia – estudo de como as comunidades organizam e classificam o seu conhecimento do ambiente e dos processos naturais (Alves e Souto 2010). Debruçados nas percepções das comunidades em relação à organização dos ecossistemas e às suas dinâmicas, são também aqui apontados como de interesse em serem desenvolvidos futuramente, mais uma vez, não só pela riqueza de informação que contêm, mas também para o referido aspecto de conservação de recursos. Como exemplo de objectos de estudo englobados por esta temática tem-se a pedologia, o clima, a geomorfologia, a bioecologia, sendo a definição de ecozonas – zonas ecológicas identificadas pelos informantes – um dos seus objectivos (Alves et al. 2010).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, Alexandre Cancela d'; Pinto Correia, Teresa e Oliveira, Rosário. 2004. "Contributos Para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental". Vol. IV. Lisboa: DGOTDU.
- Agelet, Antoni; Bonet, Maria Àngels e Vallés, Joan. 2000. "Homegardens and Their Role as a Main Source of Medicinal Plants in Mountain Regions of Catalonia (Iberian Peninsula)." *Economic Botany* 54 (3): 295– 309.
- Aguiar, Carlos; Mesquita, Sandra e Honrado, João José. 1998. "Introdução à carta biogeográfica de Portugal (Costa et al. 1998)".
- Alexiades, Miguel N. 1996. "Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A Field Manual". New York Botanical Garden.
- Alves, A.A.M.; Espenica, A.; Araujo, I.A.; Magalhães, M.R.; Telles, G.R.; Cary, F.C. e Caldas, E.C. 1997. "Paisagem". Coleção Estudos - DGOTDU (PT) 2. Lisboa: DGOTDU.
- Alves, Angelo, e Souto, Francisco. 2010. "Etnoecologia Ou Etnoecologias? Encarando a Diversidade Conceitual." In "Etnoecologia Em Perspectiva - Natureza, Cultura E Conservação". Vol. 3. Estudos & Avanços. Recife: Nupeea.
- Alves, Angelo; Souto, Francisco e Peroni, Nivaldo. 2010. "Etnoecologia Em Perspectiva - Natureza, Cultura E Conservação". Vol. 3. Estudos & Avanços. Recife: Nupeea.
- Anderson, E. N.; Pearsall, Deborah; Hunn, Eugene e Turner, Nancy. 2012. "Ethnobiology". John Wiley & Sons.
- Augé, Marc. 2012. "Não-Lugares. Introdução a Uma Antropologia Da Supermodernidade". Letra Livre.
- Balick, Michael J. e Cox, P.A.. 1997. "Plants, People, and Culture: The Science of Ethnobotany". New York: Scientific American Library, W.H. Freeman Publishers.
- Baptista, Fernando Oliveira 1980. "A Economia do Latifúndio. O Caso Português" In "A Agricultura Latifundiária Na Península Ibérica", Afonso de Barros (Org.). Oeiras: Instituto Gulbenkian da Ciência - Centro de Estudos de Economia Agrária.
- . 2000. "O Espaço e o Rural" In "A agricultura portuguesa numa economia globalizada". 3º Congresso Nacional de Economistas Agrícolas. Vol 2. Lisboa. APDEA
- . 2010. "Alentejo E a Questão Da Terra". 1ª ed. 100 Luz Editora.
- Barros, Afonso de. 1980. "As Novas Unidades de Produção da Reforma Agrária e a Transformação da Agricultura Latifundiária em Portugal." In "A Agricultura Latifundiária

- Na Península Ibérica", Afonso de Barros (Org.). Oeiras: Instituto Gulbenkian da Ciência - Centro de Estudos de Economia Agrária.
- Barros, Henrique de. 1980. "O Latifúndio: Tentativa de Caracterização Económica." In "A Agricultura Latifundiária Na Península Ibérica", Afonso de Barros (Org.). Oeiras: Instituto Gulbenkian da Ciência - Centro de Estudos de Economia Agrária.
- Bernard, H. Russell. 2006. "Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches". United Kingdom: Rowman Altamira.
- Blaikie, Piers;Brown,Katrina;Stocking,Michael;Tang,Lisa;Dixon,Peter eSillitoe , Paul. 1997. "Knowledge in Action: Local Knowledge as a Development Resource and Barriers to Its Incorporation in Natural Resource Research and Development." *Agricultural Systems* 55 (2): 217–37.
- Brickell, C. 2003. "Encyclopedia of Garden Plants. 1. A-J. 2. K-Z". Dorling Kindersley. London
- Buchmann. 2009. " Cuban Home Gardens and their role in social-ecological resilience". Springer Science *Human Ecology*37: 705-721.
- Burgess, Robert G. 1984. "In the Field: An Introduction to Field Research".London: George Allen & Unwin.
- Caldas, Eugénio Castro. 1997. "Evolução da Paisagem Agrária". In "Paisagem". Coleção Estudos - DGOTDU (PT) 2. Lisboa: DGOTDU.
- Caldeira Cabral, Francisco. 2003. "Fundamentos Da Arquitectura Paisagista". 2ª ed. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza.
- Calvet-Mir, Laura; Vaqué-Nuñez, Maria eReyes-García,Victoria. 2011. "Landraces in Situ Conservation: A Case Study in High-Mountain Home Gardens in Vall Fosca, Catalan Pyrenees, Iberian Peninsula1." *Economic Botany* 65 (2): 146–57.
- Calvet-Mir, Laura;Gómez-Baggethun,Erik eReyes-García,Victoria. 2012. "Beyond Food Production: Ecosystem Services Provided by Home Gardens. A Case Study in Vall Fosca, Catalan Pyrenees, Northeastern Spain." *Ecological Economics* 74 (February): 153–60.
- Carapinha, Aurora. 1995. "Da Essência Do Jardim Português." Tese de Doutoramento, Évora: Universidade de Évora.
- . 2007. "O Jardim Da Fundação Caloust Gulbenkian: A Poética Da Materialidade E Da Temporalidade." *Philosophica*, no. 29: 115–23.
- Caria, Telmo H. 2003. "Experiência Etnográfica Em Ciências Sociais". Porto: Afrontamento.
- Carvalho, A.M. 2004. "Flora Diversity of Homegardens in the Northeastern Portugal: A Complement for Human Needs, a Farmer's Income and a Conservation Strategy." In "Ninth International Congress of Ethnobiology in collaboration with the 45th Annual

- Meeting of the Society for Economic Botany and the 8th International Congress of Ethnopharmacology". Department of Anthropology, University of Kent, Canterbury.
- . 2005. "Etnobotánica Del Parque Natural De Montesinho. Plantas, Tradición Y Saber Popular En Un Territorio Del Nordeste de Portugal." Tesis Doctoral, Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.
- Carvalho, A.M. e Frazão-Moreira, A.. 2011. "Importance of Local Knowledge in Plant Resources Management and Conservation in Two Protected Areas from Trás-Os-Montes, Portugal." *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 7 (36).
- Carvalho, A.M. e Morales, Ramón. 2010. "Persistence of Wild Food and Wild Medicinal Plant Knowledge in a Northeastern Region of Portugal." In "Ethnobotany in the New Europe". Vol. 14. Environmental Anthropology and Ethnobiology. Berghahn Books.
- Castro, E. Blanco. 1996. "Ideas Metodológicas Relativas Al Trabajo de Campo Etnobotánico." In "Monografías Del Jardín Botánico de Córdoba". Vol. 3. Córdoba: Jardín Botánico de Córdoba.
- Castroviejo, S. 1986-2012. "Flora Ibérica". Vol. 1-8, 10-15, 17-18, 21. Real Jardín Botánico CSIC. Madrid.
- Cauquelin, Anne. 2008. "A Invenção Da Paisagem". Edições 70.
- CEAP - Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista "Prof. Caldeira Cabral". 2013. "Estrutura Ecológica Nacional." *Epic-Webgis-Portugal*. Disponível em: <http://epic-webgis-portugal.isa.ulisboa.pt>.
- Chambard, Jean Luc. 1979. "Atlas d'un Village Indien Piparsod Nord du Plateau Malwa District de Shivpuri Madhya Pradesh".
- CMA - Câmara Municipal de Alcácer do Sal. 2007. Disponível em: <http://www.cm-alcacerdosal.pt/>
- "Colher Para Semear - Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais." 2015. Disponível em: <https://colherparasemear.wordpress.com/>.
- Conklin, H. C.; Lupaih, Pugguwon e Pinther, Miklos. 1980. "Ethnographic Atlas of Ifugao; a Study of Environment, Culture, and Society in Northern Luzon". Elliotts Books.
- Convention on Biological Diversity. 2010. "Strategic Plan for Biodiversity 2011-2020 - Aichi Biodiversity Targets." Disponível em: <http://www.cbd.int/sp/targets>.
- Cortes, Francisco O'Neill. 2011. "O clima de Portugal continental como factor determinante da escolha de vegetação em Arquitectura Paisagista." Mestrado, Lisboa: ISA. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4069>.
- Cotton, C. M. 1996. "Ethnobotany: Principles and Applications". Wiley.

- Cristóvão, Artur. 2005. "Etnobotânica e Desenvolvimento Local. Relato de Um Debate." In "Plantas E Saberes. No Limiar Da Etnobotânica Em Portugal". Lisboa. Edições Colibri e Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Cunningham, Anthony. 2001. "Applied Ethnobotany: People, Wild Plant Use and Conservation." Taylor & Francis.
- Convenção Europeia de Paisagem - Decreto nº 4/2005. D.R. nº 31, Série I-Ade 14 de Fevereiro 2005.
- Delgado-Sousa, Fernanda. 2005. "Panorama da Comercialização e Cultivo das Plantas Aromáticas e Medicinais em Portugal." In "Plantas E Saberes. No Limiar Da Etnobotânica Em Portugal". Lisboa. Edições Colibri e Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Engels, J. 2002. "Home Gardens - A Genetic Resources Perspective." In "Home Gardens and in Situ Conservation of Plant Genetic Resources in Farming Systems: Proceedings of the Second International Home Gardens Workshop", 17-19 July 2001, Witzenhausen, Federal Republic of Germany.
- Eyzaguirre, P.B. e Linares, O.F.. 2001. "A New Approach to the Study and Promotion of Homegardens." *People and Plants Handbook*, no. 7: 30–33.
- Franco, J. 1971;1984. "Nova Flora de Portugal e Açores". Vol. I e II. Escolar Editora. Lisboa
- Franco, J. e Afonso, M. 1994. "Nova Flora de Portugal e Açores". Vol. III. Escolar Editora. Lisboa
- Frazão-Moreira, Amélia, e Fernandes, Manuel Miranda (Org.). 2005. "Plantas E Saberes. No Limiar Da Etnobotânica Em Portugal". A IELTSar Se Vai Ao Longe 12. Lisboa: Edições Colibri e Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Frazão-Moreira, Amélia. 1999. "Apropriação Social Da Natureza Entre Os Nalu Da Guiné-Bissau: A Etnobotânica Num Contexto Em Mudança." Doutorado, Lisboa: ISCTE.
- . 2005. "Os Saberes Sobre as Plantas: Uma Dimensão Antropológica." In "Plantas E Saberes. No Limiar Da Etnobotânica Em Portugal". Lisboa. Edições Colibri e Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Frazão-Moreira, Amélia; Carvalho, Ana Maria, e Martins, Elisabete. 2009. "Local Ecological Knowledge Also 'comes from Books': Cultural Change, Landscape Transformation and Conservation of Biodiversity in Two Protected Areas in Portugal." *Anthropological Notebooks* 15 (1): 27 - 36.
- Galhena, Dilrukshi Hashini; Freed, Russell e Maredia, Karim M. 2013. "Home Gardens: A Promising Approach to Enhance Household Food Security and Wellbeing." *Agriculture & Food Security* 2 (1): 1–13.



- Galluzzi, Gea;Eyzaguirre, Pablo eNegri, Valeria. 2010. "Home Gardens: Neglected Hotspots of Agro-Biodiversity and Cultural Diversity." *Biodiversity and Conservation* 19 (13): 3635–54.
- Gladis, T. 2001. "Ethnobotany of Genetic Resources in Germany - Diversity in City Gardens of Immigrants." In "Home Gardens and in Situ Conservation of Plant Genetic Resources in Farming Systems: Proceedings of the Second Internacional Home Gardens Workshop", 17-19 July 2001, Witzenhausen, Federal Republic of Germany.
- Hanazaki, Natalia; Gandolfo, Elisa;Bender,Mariana;Giraldi,Mariana;Moura, Ezequiel;Souza,Gabriela;Printes,Rafaela; Denardi, Mariana eKubo,Rumi. 2010. "Conservação Biológica E Valorização Sócio-Cultural." In "Etnoecologia Em Perspectiva - Natureza, Cultura E Conservação". Vol. 3. Estudos & Avanços. Nupeea.
- Heckler, Serena (Org.). 2013. "Landscape, Process And Power: Re-Evaluating Traditional Environmental Knowledge". Berghahn Books.
- Hernández-Morcillo, Mónica;Hoberg, Janis;Oteros-Rozas, Elisa;Plieninger, Tobias;Gómez-Baggethun, Erik eReyes-García, Victoria. 2014. "Traditional Ecological Knowledge in Europe: Status Quo and Insights for the Environmental Policy Agenda." *Environment: Science and Policy for Sustainable Development* 56 (1): 3–17.
- Hodgkin, T. 2002. "Home Gardens and the Maintenance of Genetic Diversity." In "Home Gardens and in Situ Conservation of Plant Genetic Resources in Farming Systems: Proceedings of the Second Internacional Home Gardens Workshop", 17-19 July 2001, Witzenhausen, Federal Republic of Germany.
- Howard, P. 2004. "Gender Bias in Ethnobotany: Propositions and Evidence of a Distorted Science, and Promises of a Brighter Future." presented at the Annual Ethnobotany Lecture, School of Anthropology and Conservation - University of Kent.
- Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade. s.d. "Plano Sectorial Da Rede Natura 2000. Sítio - Cabrela." Disponível em: <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/resource/sic-cont/cabrela>.
- Instituto Nacional de Estatística. 2012. "Resultados definitivos Alentejo". Lisboa.
- Kumar, B. M., eNair, P. K. R. 2006. "Tropical Homegardens a Time-Tested Example of Sustainable Agroforestry". Dordrecht: Springer.
- Kuznar, Lawrence A., eWerner,Oswald. 2001. "Ethnographic Mapmaking: Part 1—Principles." *Field Methods* 13 (2): 204–13.
- Lino, Raul. 1992. "Casas portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples." Livros cotovia. Lisboa.
- Lipovetsky, Gilles. 2013. "A Felicidade Paradoxal - Ensaio Sobre a Sociedade Do Hiperconsumo". Edições 70.

- Lopes, Maria Helena. 2005. "Etnobotânica E Conservação Da Natureza." In "Plantas E Saberes. No Limiar Da Etnobotânica Em Portugal". Lisboa: Edições Colibri e Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Lorenzo-Cáceres, J. 2010. "Flora Ornamental Española". Vol. VI
- Madden, Raymond. 2010. "Being Ethnographic: A Guide to the Theory and Practice of Ethnography". SAGE.
- Magalhães, Manuela Raposo. 2007. "Paisagem - Perspectiva da Arquitectura Paisagista." *Philosophica* 29: 103–13.
- Marçano, Isabel. 2013. "Filhos de Engano - Amor, Sexualidade E Grupos Sociais No Alentejo". Lisboa: Edições Colibri.
- Martin, Gary J. 1996. "Ethnobotany: A Methods Manual". London: Chapman & Hall.
- Menendez-Baceta, Gorka; Aceituno-Mata, Laura; Tardío, Javier; Reyes-García, Victoria e Pardo-de-Santayana, Manuel. 2012. "Wild Edible Plants Traditionally Gathered in Gorbeialdea (Biscay, Basque Country)." *Genetic Resources and Crop Evolution* 59 (7).
- Minnis, Paul E. 2000. "Ethnobotany: A Reader". University of Oklahoma Press.
- Moreira, Ilídio e Monteiro, Ana. 2004. "Cadernos de Herbologia ". Lisboa: ISA Press
- Moreira, Ilídio; Saraiva, M.G. e Correia, F.N. 2004. "Gestão Ambiental de Sistemas Fluviais. Aplicação a Bacia Hidrográfica Do Rio Sado". Lisboa: ISA Press.
- Oliveira, Ernesto Veiga de, e Galhano, Fernando. 1992. "Arquitectura tradicional portuguesa". 1a ed. Portugal de perto 24. Lisboa: Dom Quixote.
- Olsson, Per, e Folke, Carl. 2001. "Local Ecological Knowledge and Institutional Dynamics for Ecosystem Management: A Study of Lake Racken Watershed, Sweden." *Ecosystems* 4 (2): 85–104.
- Pais, José Machado; Lima, Aida Valadas de; Baptista, José Ferreira; Jesus, Maria Marques de; e Gameiro, Maria Margarida. 1976. "Elementos Para a História Do Fascismo Nos Campos: A «Campanha Do Trigo»: 1928-38 (I)." *Análise Social* XII (2<sup>o</sup>) (46): 400–474.
- Pardo-de-Santayana, Manuel; Pieroni, Andrea e Puri, Rajindra K.. 2013. "Ethnobotany in the New Europe". Vol. 14. Environmental Anthropology and Ethnobiology. Berghahn Books.
- . 2013. "The Ethnobotany of Europe, Past and Present." In "Ethnobotany in the New Europe. People, Health and Wild Plant Resources". Vol. 14. Environmental Anthropology and Ethnobiology. Berghahn Books.
- Pardo-de-Santayana, Manuel; Tardío, Javier; Blanco, Emilio; Carvalho, Ana; Lastra, Juan; San Miguel, Elia e Morales, Ramón. 2007. "Traditional Knowledge of Wild Edible Plants Used in the Northwest of the Iberian Peninsula (Spain and Portugal): A Comparative Study." *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 3 (1): 27.

- Pereira, José Pacheco. s.d. "Conflitos Sociais Nos Campos Do Sul de Portugal". 1ª ed. Publicações Europa-América.
- . 1980. "Atitudes Do Trabalhador Rural Alentejano Face À Posse Da Terra E Ao Latifúndio." In "A Agricultura Latifundiária Na Península Ibérica", Afonso de Barros (Org.). Oeiras: Instituto Gulbenkian da Ciência - Centro de Estudos de Economia Agrária.
- Pereira, Mário. 1980. "Algumas Reflexões Sobre a Transformação Económica Da Estrutura Latifundiária." In "A Agricultura Latifundiária Na Península Ibérica", Afonso de Barros (Org.). Oeiras: Instituto Gulbenkian da Ciência - Centro de Estudos de Economia Agrária.
- Picão, José da Silva. 1983. "Através Dos Campos". Lisboa: Dom Quixote.
- Pieroni, Andrea, e Vandebroek, Ina. 2009. "Traveling Cultures and Plants: The Ethnobiology and Ethnopharmacy of Human Migrations". Vol. 7. Environmental Anthropology and Ethnobiology. Berghahn Books.
- Pinto-Correia, T. e Kristensen, L. 2013. "Linking Research to Practice: The Landscape as the Basis for Integrating Social and Ecological Perspectives of the Rural." *Landscape and Urban Planning* 120: 248–56.
- Reyes-García, Victoria; Aceituno-Mata, Laura; Acosta, Rufino; Calvet-Mir, Laura; Carrió, Esperança; Domínguez, Pablo; Garnatje, Teresa et al. 2014 (a). "Famine Food or Delicateness? Trends in the Consumption of Wild Edible Food Plants in The Iberian Peninsula and Balearic Islands." In ICEB2014 - VI Congreso Internacional de Etnobotánica. Córdoba.
- Reyes-García, Victoria; Aceituno-Mata, Laura; Calvet-Mir, Laura; Garnatje, Teresa; Gómez-Baggethun, Erik; Lastra, Juan J.; Ontillera, Ricardo et al. 2014 (b). "Resilience of Traditional Knowledge Systems: The Case of Agricultural Knowledge in Home Gardens of the Iberian Peninsula." *Global Environmental Change* 24 (January): 223–31.
- Reyes-García, Victoria; Molina, José Luis; Calvet-Mir, Laura; Aceituno-Mata, Laura; Lastra, Juan J.; Ontillera, Ricardo; Parada, Montse et al. 2013. "'Tertius Gaudens': Germplasm Exchange Networks and Agroecological Knowledge among Home Gardeners in the Iberian Peninsula." *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 9 (1): 1–11.
- Reyes-García, Victoria; Vila, Sara; Aceituno-Mata, Laura; Calvet-Mir, Laura; Garnatje, Teresa; Jesch, Alexandra; Lastra, Juan José et al. 2010. "Gendered Homegardens: A Study in Three Mountain Areas of the Iberian Peninsula." *Economic Botany* 64 (3): 235–47.
- Ribeiro, Orlando. 2011. "Portugal, o Mediterrâneo eo Atlântico". 5ª ed. Letra Livre.
- Roberts, Les. 2012. "Mapping Cultures: Place, Practice, Performance". Palgrave Macmillan.

- Rodrigues, Ana Duarte (Org.). 2014. "The Garden as a Lab. Where Cultural and Ecological Systems Meet in the Mediterranean Context", CHAIA, Universidade de Évora. Évora.
- . 2014. "Sustainability in Alonso De Herrera's Treatise and The Construction of the Mediterranean Landscape." In "The Garden as a Lab. Where Cultural and Ecological Systems Meet in the Mediterranean Context", CHAIA, Universidade de Évora. Évora.
- Salgueiro, José. 2013. "Ervas, Usos E Saberes. Plantas Medicinais No Alentejo E Outros Produtos Naturais". 5ª ed. Lisboa: Edições Colibri e Marca.
- "Memória Paroquial Da Freguesia de Santa Susana, Comarca de Setúbal. Santa Susana, 1758, Abril, 27. [ANTT, Memórias Paroquiais, Vol. 35, N° 243, Pp. 1731 a 1734]." 2011. Disponível em <http://portugal1758.di.uevora.pt/index.php/criterios-de-inclusao-de-textos>.
- Schupp, Justin L., eSharp, Jeff S.. 2012. "Exploring the Social Bases of Home Gardening." *Agriculture and Human Values* 29 (1): 93–105.
- Serrão, A. V. (Org.) 2011. "Filosofia e Arquitectura da Paisagem. Uma Antologia". Aesthetica (PT) 1. Lisboa: UL - CF.
- . 2012. "Filosofia e Arquitectura da Paisagem. Um Manual". Aesthetica (PT) 3. Lisboa: UL - CF.
- . 2013. "Filosofia da Paisagem. Estudos". Aesthetica (PT) 4. Lisboa: UL - CF.
- Sevilla-Guzmán, Eduardo. 1980. "Reflexiones Teóricas Sobre El Concepto Sociológico de Latifundismo." In "A Agricultura Latifundiária Na Península Ibérica", Afonso de Barros. Oeiras: Instituto Gulbenkian da Ciência - Centro de Estudos de Economia Agrária.
- Silva, Carlos da. 1980. "Acerca Da Génese Das Relações de Produção Características Do Latifúndio Em Portugal." In "A Agricultura Latifundiária Na Península Ibérica", Afonso de Barros. Oeiras: Instituto Gulbenkian da Ciência - Centro de Estudos de Economia Agrária.
- Sindicato Nacional dos Arquitectos. 1961. "Arquitectura Popular em Portugal. Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa". Vol. 2º - Estremadura, Alentejo, Algarve. 2 vols. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos.
- Solà, Ginesta Serrasolsas; Calvet-Mir, Laura; Roca, Teresa Garnatje; Reyes-García, Victoria e Vallès Xirau, Joan. 2014. "Sociocultural Factors that Explain the Consumption of Wild Edible Plants and Minor Crops. Case Studies in the Catalan Pyrenees and the Balearic Islands." In ICEB2014 - VI Congreso Internacional de Etnobotánica. Córdoba.
- Spradley, James P. 1979. "The Ethnographic Interview". Holt, Rinehart and Winston.
- Spradley, James P. 1980. "Participant Observation". Holt, Rinehart and Winston.
- Suchan, Trudy e Brewer, Cynthia. 2000. "Qualitative Methods for Research on Mapmaking and Map Use". *The Professional Geographer*. 52 (1): 145 - 154

- Tardío, Javier. 2010. "Spring Is Coming. The Gathering and Consumption of Wild Vegetables in Spain." In "Ethnobotany in the New Europe". Vol. 14. Environmental Anthropology and Ethnobiology. Berghahn Books.
- Tardío, Javier, ePardo-de-Santayana, Manuel. 2008. "Cultural Importance Indices: A Comparative Analysis Based on the Useful Wild Plants of Southern Cantabria (Northern Spain)." *Economic Botany* 62 (1): 24–39.
- Telles, Gonçalo Ribeiro. 1997. "Paisagem Global." In "Paisagem". Coleccao Estudos - DGOTDU (PT) 2. Lisboa: DGOTDU.
- The Plant List. Version 1.1. 2013. Disponível em <http://www.theplantlist.org/>
- The Royal Botanic Gardens Kew; Lndcare Research-NZ; Institute of Microbiology, CAS. 2015. "The Index Fungorum Partnership". Disponível em <http://www.indexfungorum.org/>
- The Royal Botanic Gardens, Kew. 2015. "Plants and Fungi species browser". Disponível em <http://www.kew.org/science-conservation/plants-fungi/species-browser>
- Turner, Tom. 2008. "24 Historic Styles of Garden Design". London: Gardenvisit.com.
- Valagão, Maria (Org.). 2006. "Tradição E Inovação Alimentar – Dos Recursos Silvestres Aos Itinerários Turísticos". 1ª ed.
- Vandebroek, Ina;Reyes-García, Victoria;Albuquerque, Ulysses;Bussmann,Rainer e Pieroni,Andrea. 2011. "Local Knowledge: Who Cares?" *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 7 (35).
- Vandebroek, Ina, eRodriguez, Jeanette. 2014. "Urban Ethnobotany: When Tradition Meets Modernization." In ICEB2014 - VI Congreso Internacional de Etnobotánica. Córdoba.
- Van Rossum, Arnold Arie. 2011. "A Questão Das Subsistências No Porto, No Período Da Grande Guerra." Doutorado. Universidade do Porto. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57054>.
- Vogl, Christian R.;Vogl-Lukasser, Brigitte ePuri,Rajindra K.. 2004. "Tools and Methods for Data Collection in Ethnobotanical Studies of Homegardens." *Field Methods* 16 (3): 285–306.
- Vogl-Lukasser, Brigitte, eVogl,Christian R.. 2002. "Ethnobotany as an Interdisciplinary Method for the Study of the Management of Agrobiodiversity in Home Gardens of Alpine Farmers in Eastern Tyrol." In *Interdisciplinary Mountain Research*, BOTTARIN, R. & TAPPEINER, U. (eds.). London: Blackwell Science.
- . 2004. "Ethnobotanical Research in Homegardens of Small Farmers in the Alpine Region of Osttirol (Austria): An Example for Bridges Built and Building Bridges." *Ethnobotany Research & Applications* 2 (2004): 111–37.
- Vogl-Lukasser, Brigitte;Vogl, Christian R.;Gütler, Marianne eHeckler,Serena. 2010. "Plant Species with Spontaneous Reproduction in Homegardens in Eastern Tyrol (Austria):

Perception and Management by Women Farmers." *Ethnobotany Research and Applications* 8: 1–15.

Watson, J. W, eEyzaguirre,P. (eds.) 2002. "Home Gardens and in Situ Conservation of Plant Genetic Resources" in "Farming Systems: Proceedings of the Second Internacional Home Gardens Workshop",17-19 July 2001, Witzenhausen, Federal Republic of Germany. Rome, Italy: International Plant Genetic Resources Institute.

## I. CATÁLOGO ETNOBOTÂNICO

No presente catálogo são apresentadas todas as espécies referidas e inventariadas, tanto nos *home-gardens* como no campo, nomeadamente a sua classificação botânica, nomenclatura vernacular - por vezes verifica-se correspondências com diversas variedades de uma espécie, indicadas pelos informantes, mas que, no entanto, não são identificadas cientificamente -, breves apontamentos acerca da sua origem e ecologia, se são cultivadas ou silvestres - ou ambas -, número de informantes que as citaram, número de *homegardens* em que se encontram presentes, e os usos associados - sendo sempre referida a frequência de citação de cada categoria de uso, por parte dos informantes.

No total são descritos 177 táxones, maioritariamente correspondentes a espécies de angiospérmicas, mas também de gimnospérmicas e pteridófitos, e ainda de fungos. A nomenclatura científica utilizada segue a *The Plant List* nas plantas, e o *Index Fungorum* no respeitante ao fungos. Para a sua breve descrição recorreu-se a manuais como a *Flora Ibérica* (Castroviejo 1986-2012) e a *Nova Flora de Portugal* (Franco 1984-2003). Devido a factores apontados anteriormente - como o aspecto da sazonalidade - e a limitações do trabalho de campo - como o facto de não ter sido desenvolvido ao longo de um ano inteiro - tem-se a noção de que mais espécies, cultivadas e silvestres, poderiam ter sido identificadas. Todavia, o balanço final é bastante positivo.

A estrutura do catálogo segue a empregue por Carvalho (2005). As espécies estão organizadas pelos grupos supracitados, e por família botânica-género-espécies, sempre por ordem alfabética.

Todos os dados aqui expostos, referentes à flora apresentada, advêm da informação recolhida junto dos informantes e da observação efectuada, exceptuando no que se refere à ecologia e origem das espécies - recorreu-se a dados de origem bibliográfica. Apenas com os fungo não foram recolhidos *voucher specimens* ou fotografias, tendo sido citados os nomes comuns e características físicas dos mesmos, e feita correspondência com os nomes científicos referidos em bibliografia etnobotânica local (Valagão et al. 2006).

As fotografias (tiradas pela autora no local de estudo) que acompanham muitas das “fichas”, pretendem, por vezes, mais do que mostrar um espécime de cada planta, revelar o contexto em que ocorrem e a forma como são transformadas.

Algumas plantas foram referidas, mas não observadas, pelo que não foi possível proceder à sua identificação científica - não estando no catálogo -, deixando-se o registo das nomenclaturas comuns citadas: **agriões-de-sala**; **carpeteiros** – ripícola; **couriola**; **calafite** – folha esbranquiçada; **calcinhas-de-cuco**; **diabelha** – chá com mais ervas misturadas; **erva-févera** – alimentação de gado; **grama** – chá em misturas com outras plantas; **lírios-do-campo** – na época do trabalho do campo, crianças faziam tinta azulada a partir desta planta; **maios** – flor branca; **pêros-do-campo/seremenhos**; **pintelhos-de-velha** erva do campo com folhas macias; **patalona** – mata as ovelhas; **rabaça** – semelhante ao agrião, mas com folha mais larga; **malvariscos** – medicinal; **salva** – chá; **sargacinha**; **sabugueiro** – flor seca em chás para a pneumonia; **sisirão** – planta com vagem; **trevo**; **grisanda** – “As abelhas trabalham muito disto”; **pimpilho-amarelo** ibidem; **arrasto-para-a-saia** – ibidem; **soaja** - ibidem.

## SPERMATOPHYTA ANGIOSPERMAE

### AIZOACEAE

#### *Lampranthus* spp.

Ecologia | Origem: Áreas litorais; Originária da África do Sul e naturalizada em zonas temperadas

Cultivada

Nº Inf: 1

Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros; Vasos



#### *Mesembryanthemum cordifolium* L.f.

Ecologia | Origem: Arribas marítimas; Originária da África do Sul e subspontâneas em várias regiões quentes e temperadas

Cultivada

Nº Inf: 1

Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros; Vasos



### AMARANTHACEAE

#### *Beta vulgaris* L. | celgas; celcas

Ecologia | Origem: Terrenos cultivados; Região mediterrânea e Médio Oriente

Silvestre

Nº Inf: 2

Usos: Alimentar (2) – Cozinhada (com feijão)



#### *Bassia scoparia* (L.) A.J. Scott | pinheirinho-de-jardim

Ecologia | Origem: Eurásia; Cresce em solos férteis, em locais abrigados em pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 3

Nº HG: 3

Usos: Ornamental (3) - Bordaduras



#### *Spinacia oleracea* L. | espinafres

Ecologia | Origem: Muito cultivada; Oriunda da Ásia central e sudoeste

Cultivada

Nº Inf: 12

Nº HG: 15

Usos: Alimentar (12) – Hortícola cozinhada



### AMARYLLIDACEAE

#### *Allium sativum* L. | alho

Ecologia | Origem: Muito cultivada, e desconhecida em estado silvestre

Cultivada

Nº Inf: 9

Nº HG: 8

Usos: Alimentar (9) - Hortícola cozinhada; crua; Condimentar







***Allium cepa* L. | cebola**

Ecologia | Origem: Muito cultivada, e desconhecida em estado silvestre

Cultivada

Nº Inf: 7      Nº HG: 7

Usos: Alimentar (7) - Hortícola cozinhada; crua; Condimentar  
| Medicinal (1)



***Amaryllis belladonna* L.**

Ecologia | Origem: África do Sul; Solos moderadamente férteis, bem drenados e pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 4      Nº HG: 4

Usos: Ornamental (4) - Canteiros

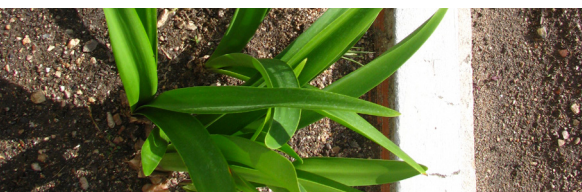
***Clivia miniata* (Lindl.) Bosse**

Ecologia | Origem: África do Sul; Solos férteis, bem drenados

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros



***Hippeastrum vittatum* (L'Hér.) Herb.**

Ecologia | Origem: Originária do Perú; climas quentes

Cultivada

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

Usos: Ornamental (3) – Canteiros



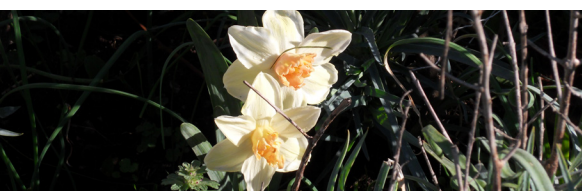
***Narcissus bulbocodium* L. | campainhas**

Ecologia | Origem: Nativa da Península Ibérica; Charnecas, prados húmidos, margens de linhas de água, clareiras de matos

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido



***Narcissus* spp. | narcisos**

Ecologia | Origem: Diversas

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros; Vasos

**ANACARDIACEAE**



***Pistacia lentiscus* L. | aroeira**

Ecologia | Origem: Matos esclerofilicos; Centro e Sul de Portugal

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido

## **APIACEAE**

### ***Coriandrum sativum* L. | coentros**

**Ecologia | Origem:** Valas e bordaduras de campos; Oriunda da Ásia temperada e do norte de África; naturalizada no sul da Europa

**Cultivada**

Nº Inf: 13      Nº HG: 20

**Usos:** Alimentar (13) - Condimentar planta fresca; cozinhada (em quase tudo, como na sopa e nas açordas) | Medicinal (1) – Chá; Diabetes



### ***Foeniculum vulgare* Mill. | funcho**

**Ecologia | Origem:** Bordaduras de caminhos; incultos; campos de cultivo e matagais; Oeste e sul da Europa, norte de África, Macaronésia, Anatólia, Cáucaso e oeste asiático

**Silvestre**

Nº Inf: 1

**Usos:** Desconhecido



### ***Petroselinum crispum* (Mill.) Fuss | salsa**

**Ecologia | Origem:** Margens de caminhos, cultivos, rupícola; Origem incerta, naturalizada em diversas regiões, incluído a Península Ibérica

**Cultivada**

Nº Inf: 13      Nº HG: 17

**Usos:** Alimentar (13) - Condimentar planta fresca



## **APOCYNACEAE**

### ***Nerium oleander* L.**

**Ecologia | Origem:** Cursos de água, vales e barrancos pedregosos; Nativa da região mediterrânea e Médio Oriente

**Cultivada**

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

**Usos:** Ornamental (3) – Canteiros



### ***Vinca minor* L. | estrela-do-meio-dia**

**Ecologia | Origem:** Europa central e sul; Bosques ripícolas, orlas de bosques e sebes

**Silvestre**

Nº Inf: 1

**Usos:** Desconhecido



## **ARACEAE**





### ***Arisarum simorrhinum* Durieu**

**Ecologia | Origem:** Solos tanto ácidos como básicos, terras cultivadas, taludes de caminhos, rupícola; Parte oeste da Península Ibérica, norte de África, Açores, Madeira, Canárias e Baleares

**Silvestre**

**Nº Inf:** 1

**Usos:** Simbólico (1) – Simbolismo agrícola (os seareiros sabiam quando as plantas das searas “iam dar” através dela)



### ***Zantedeschia aethiopica* (L.) Spreng. | jarros**

**Ecologia | Origem:** Proximidades de hortas, povoações, inclusive em bosques, sobre solos húmidos e nitrificados; Originária da África do Sul, naturalizada no sul da Europa

**Cultivada**

**Nº Inf:** 4

**Nº HG:** 4

**Usos:** Ornamental (4) - Canteiros

## **ARECACEAE**



### ***Phoenix dactylifera* L. | tamareira**

**Ecologia | Origem:** Médio Oriente e norte de África, região sul mediterrânea; climas quentes

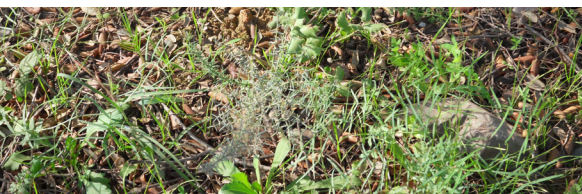
**Cultivada**

**Nº Inf:** 1

**Nº HG:** 1

**Usos:** Ornamental (1) - Canteiros

## **ASPARAGACEAE**



### ***Asparagus aphyllus* L. | espargos-selvagens**

**Ecologia | Origem:** Matos e matagais xerófilos, orlas de bosques; Distribuído por Portugal

**Silvestre**

**Nº Inf:** 2

**Usos:** Alimentar (2) – Cozinhada (com ovos)



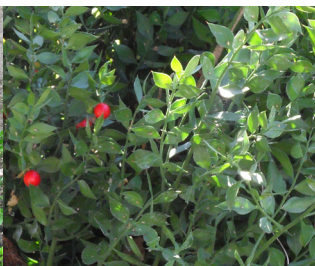
### ***Drimia maritima* (L.) Stearn | cebola-albarrã**

**Ecologia | Origem:** Clareiras ralas de matos, montados e pinhais; Região mediterrânea

**Silvestre**

**Nº Inf:** 1

**Usos:** Desconhecido



### ***Ruscus aculeatus* L. | gilbardeiro; juíz-barbeiro**

**Ecologia | Origem:** Matagais esclerófilos e bosques; Sul europeu, Turquia e Macaronésia

**Cultivada | Silvestre**

**Nº Inf:** 2

**Nº HG:** 2

**Usos:** Ornamental (2) - Bordaduras; Canteiros; Decoração (Natal)



***Yucca gigantea* Lem. | iuca**

**Ecologia | Origem:** América central; resiste à seca e cresce em diversos tipos de solo

**Cultivada**

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

**Usos:** Ornamental (1) – Elemento isolado



**BORAGINACEAE**

***Borago officinalis* L. | borragem**

**Ecologia | Origem:** Arvense e ruderal, em substrato básico ou ácido, ligeiramente nitrificado, preferencialmente em calcário ou argilas; Região mediterrânea, sudoeste asiático, Macaronésia

**Cultivada | Silvestre**

Nº Inf: 3      NºHG: 1

**Usos:** Medicinal (3) – Flores secas; Infusão (com poejo seco e mel); Aparelho respiratório | Alimentar (1) - Flores cruas chupadas (pelo doce) | Ornamental (1) - Canteiros



**BRASSICACEAE**

***Brassica oleracea* L. | brócolos | couve | couve-flor | repolho**

**Ecologia | Origem:** Todo o tipo de substratos, muito cultivada; Hemisfério Norte

**Cultivada**

Nº Inf: 4 | 13 | 4 | 8      Nº HG: 4 | 21 | 4 | 8

**Usos:** Alimentar (4) - Hortícola cozinhada | Alimentar (13) - Hortícola cozinhada – e Alimentação animal (4) - crua | Alimentar (4) - Hortícola cozinhada | Alimentar (8) - Hortícola cozinhada



***Brassica napus* L. | nabos | nabiças**

**Ecologia | Origem:** Ruderal; Naturalizada no centro e sul da Europa, de origem desconhecida

**Cultivada**

Nº Inf: 9 | 8      Nº HG: 13 | 8

**Usos:** Alimentar (9) - Hortícola cozinhada | Alimentar (8) - Hortícola cozinhada



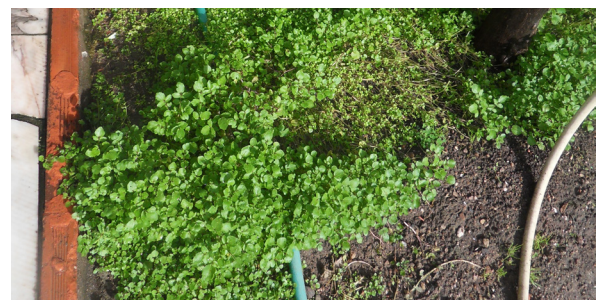
***Nasturtium officinale* R.Br. | agrião**

**Ecologia | Origem:** Hidrófila, de águas superficiais e margens de charcos e ribeiros; Surge em todo o território Ibérico

**Cultivada | Silvestre**

Nº Inf: 7      Nº HG: 2

**Usos:** Alimentar (7) - Hortícola cozinhada; crua (sopas e saladas)



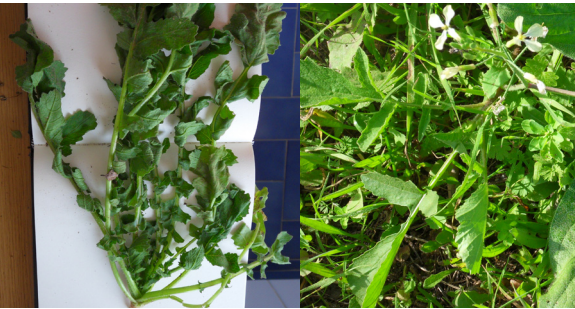
***Raphanus sativus* L. | rabanetes**

Ecologia | Origem: Por vezes espontânea em baldios e valas; Originária da Eurásia e, porventura, do Mediterrâneo

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Hortícola crua



***Raphanus raphanistrum* L. | saramagos**

Ecologia | Origem: Arvense e ruderal, campos de cereais, olivais e vinhas; Sul europeu, norte de África e sudoeste asiático

Silvestre

Nº Inf: 2

Usos: Alimentar (2) – Cozinhada (com feijão) | Alimentação animais (1) – Crua; Galinhas (quando a comem começam logo a pôr) e Patos

**CACTACEAE**



***Opuntia ficus-indica* (L.) Mill. | figueira-da-Índia; parra**

Ecologia | Origem: Terrenos de antigos cultivos; rochas siliciosas; Originária da América

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Elemento isolado | Medicinal (1) – seiva da folha com mel ou açúcar; Tosse

**CANNACEAE**



***Canna indica* L.**

Ecologia | Origem: Valas, canais, pastos húmidos; Originária da América do Sul, subespontânea em partes da Península Ibérica

Cultivada

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

Usos: Ornamental (3) - Canteiros



***Canna x generalis* L. H. Bailey & E.Z. Bailey**

Ecologia | Origem: Híbrido; Locais abrigados, com luminosidade e solos férteis

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros

**CARYOPHYLLACEAE**



***Dianthus* spp. | cravos; craveiro**

Ecologia | Origem: Diversa

Cultivada

Nº Inf: 5      Nº HG: 7

Usos: Ornamental (5) – Canteiros; Vasos



**CISTACEAE**

***Cistus ladanifer* L. | esteva**

Ecologia | Origem: Região mediterrânea ocidental; solos siliciosos ou graníticos

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) no HG - Canteiros | Tecnológico (1) - Processo elaboração de enchidos (primeiro fumo dos enchidos) | Medicinal (1) – Pompos com borralhas de lume; Frieiras (pôr os pés em cima do preparado até aguentar)

***Cistus monspeliensis* L. | sargaço**

Ecologia | Origem: Matagais densos, clima mediterrâneo quente, sobre granitos ou solos descalcificados; Região mediterrânea, Madeira e Tenerife

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) no HG - Canteiros | Tecnológico (1) - Combustível e Iluminação (antigamente na desmoita do campo, aproveitava-se a sua lenha para queimar e fazer lume)



***Cistus populifolius* L. | estevão**

Ecologia | Origem: Península Ibérica, França e norte de Marrocos; em zonas de sombra e barrancos frescos

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Medicinal (1) – Raíz colocada em água, usada para lavagem de cabelo; Queda de cabelo



**COMMELINACEAE**

***Tradescantia pallida* (Rose) D.R. Hunt**

Ecologia | Origem: México; cresce numa ampla diversidade solos e é tolerante à sombra

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros; Vasos



## COMPOSITAE



### *Achillea ageratum* L. | marcela

Ecologia | Origem: Região mediterrânea; Terrenos incultos, relvados húmidos

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Medicinal (1) – Planta seca; Infusão; Dores de cabeça e febres

### *Bidens aurea* (Aiton) Sherff

Ecologia | Origem: Sítios húmidos; Originária da América central, mas distribuída por Portugal

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Bordaduras; Canteiros



### *Callistephus chinensis* (L.) Nees | sécias

Ecologia | Origem: China; Cresce em locais abrigados, em solos férteis e em pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

Usos: Ornamental (3) - Bordaduras; Canteiros

### *Chrysanthemum morifolium* Ramat.

Ecologia | Origem: Oriunda do norte e centro da Rússia, China e Japão; Locais abrigados, solo fértil, bem drenado, pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros; Vasos



### *Cynara cardunculus* L. | cardo-do-leite

Ecologia | Origem: Sítios pedregosos, incultos ou pousios, e arrelvados secos, sobretudo em solos argilosos; Distribuído no território português

Silvestre

Nº Inf: 2

Usos: Tecnológico (2) - Processo elaboração de queijo (para coalhar o leite)



### *Dittrichia viscosa* (L.) Greuter | ciganas

Ecologia | Origem: Matos xerofílicos, pousios velhos e margens de caminhos; Distribuída por Portugal

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros; Elemento isolado | Simbólico (1) – Simbolismo de infância (antigamente crianças iam à procura de gafanhotos para brincar, junto a esta planta)



***Echinacea purpurea* (L.) Moench**

Ecologia | Origem: América do Norte; Solos profundos, férteis e bem drenados

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros

***Euryops pectinatus* (L.) Cass.**

Ecologia | Origem: África do Sul; Solos moderadamente férteis, em pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Bordaduras; Canteiros



***Gaillardia x grandiflora* Hort. ex Van Houtte**

Ecologia | Origem: Híbrido; Solos férteis, bem drenados e pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Bordaduras; Canteiros

***Gazania rigens* (L.) Gaertn.**

Ecologia | Origem: Sul de África, subespontânea na Península Ibérica; Ruderal

Cultivada

Nº Inf: 2      Nº HG: 2

Usos: Ornamental (2) – Canteiros; Vasos



***Helianthus tuberosus* L.**

Ecologia | Origem: Ruderal; América

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Bordaduras; Canteiros



***Hypochaeris radicata* L. | leitugas**

Ecologia | Origem: Distribuída por Portugal; Prados húmidos, clareiras de matas, bosques

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Alimentar (1) – Crua (em saladas) | Alimentação animais (1)

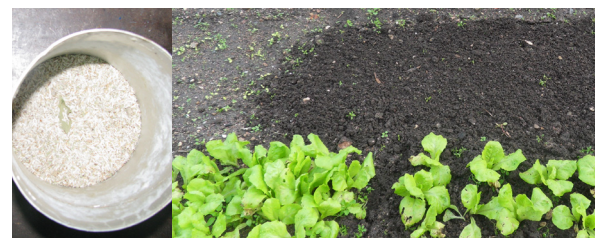
***Lactuca sativa* L. | alface**

Ecologia | Origem: Muito cultivada; Porventura originária do Egito

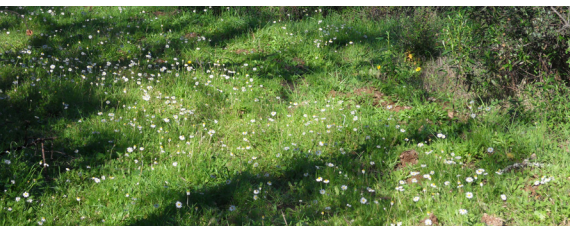
Cultivada

Nº Inf: 13      Nº HG: 19

Usos: Alimentar (13) - Hortícola crua







***Matricaria chamomilla* L. | margaça; camomila**

Ecologia | Origem: Terras cultivadas e incultas; Distribuída por Portugal

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Alimentar (1) – Chá planta seca



***Osteospermum ecklonis* (DC.) Norl.**

Ecologia | Origem: África do Sul; Pleno sol, solos moderadamente férteis

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros; Vasos



***Scolymus hispanicus* L. | carrasquinhas; tangarinhas**

Ecologia | Origem: Ocorre em incultos ou sítios áridos e secos; Distribuída por Portugal

Silvestre

Nº Inf: 13

Usos: Alimentar (13) - Folhas ripadas cozinhadas (na sopa; de azeite e vinagre; limadas; com feijão; com batata e toucinho; nos cozidos)

***Senecio pectinatus* DC.**

Ecologia | Origem: Solos neutros a alcalinos; Austrália

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Vasos

***Senecio rossianus* Mattf.**

Ecologia | Origem: Solos neutros a alcalinos; América do Sul

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Vasos

***Sonchus oleraceus* L. | sarralhas**

Ecologia | Origem: Terras cultivadas e incultos, ruderal; Região mediterrânea e Macaronésia

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Alimentar animais (1) – Folhas secas; Patos e Porcos



***Tanacetum parthenium* (L.) Sch. Bip.**

Ecologia | Origem: Muito cultivada, subespontânea em sebes e incultos; Oriunda da Península Balcânica, presente em Portugal

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros

***Zinnia angustifolia* Kunth | zinia**

Ecologia | Origem: Oriunda dasAmérica; Pleno sol  
Cultivada

Nº Inf: 5      Nº HG: 5

Usos: Ornamental (5) - Canteiros



***Zinnia bicolor* (DC.) Hemsl. | zinia**

Ecologia | Origem: Oriunda das América; Pleno sol  
Cultivada

Nº Inf: 4      Nº HG: 4

Usos: Ornamental (4) - Canteiros

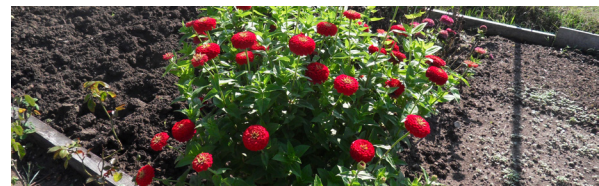


***Zinnia elegans* L. | zinia**

Ecologia | Origem: Oriunda das América; Pleno sol  
Cultivada

Nº Inf: 5      Nº HG: 5

Usos: Ornamental (5) – Bordaduras; Canteiros



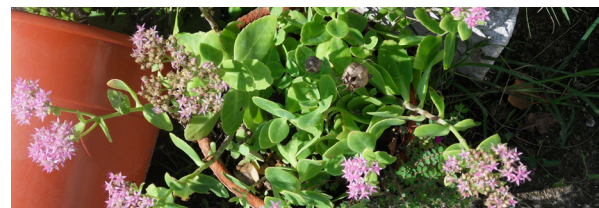
## CRASSULACEAE

***Hylotelephium telephioides* (Michx.) H. Ohba**

Ecologia | Origem: América do Norte; rupícola  
Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Vasos



## CUCURBITACEAE

***Cucurbita ficifolia* Bouche | gila**

Ecologia | Origem: Muito cultivada; China  
Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Doce



***Cucurbita moschata* Duchesne | abóbora**

Ecologia | Origem: Muito cultivada; América Central  
Cultivada

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

Usos: Alimentar (3) - Hortícola cozinhada

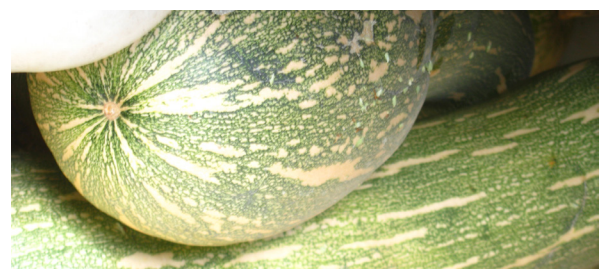


***Cucurbita pepo* L. | abóbora | curgete**

Ecologia | Origem: A partir desta planta foram sendo selecionadas diversas variedades de cultivo; América Central  
Cultivada

Nº Inf: 2 | 2      Nº HG: 2 | 2

Usos: Alimentar (2) - Hortícola cozinhada | Alimentar (2) - Hortícola cozinhada







***Cucumis sativus* L. | pepino**

Ecologia | Origem: Noroeste da Índia, encontrando-se naturalizada em várias zonas do globo; de cultivo frequente

Cultivada

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

Usos: Alimentar (3) - Hortícola crua

**CYPERACEAE**



***Scirpoides holoschoenus* (L.) Soják | junça; junco**

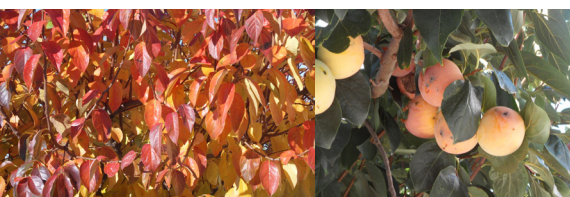
Ecologia | Origem: Prados e terrenos algo húmidos, em todo o tipo de substratos, mas preferencialmente arenosos; Europa central, região mediterrânea, África do Sul e Asia ocidental

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Tanque | Tecnológico (1) – Telhados das casas (antigamente e mais junto ao litoral)

**EBENACEAE**



***Diospyros kaki* L.f. | diospiro**

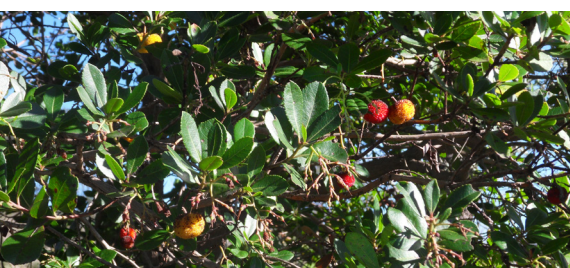
Ecologia | Origem: Ásia; Solos férteis e argilosos, em pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 2      Nº HG: 2

Usos: Alimentar (2) - Fruto

**ERICACEAE**



***Arbutus unedo* L. | medronheiro**

Ecologia | Origem: Bosques mistos, barrancos e desfiladeiros fluviais, terrenos rochosos; Irlanda, sul da Europa, Norte de África, Palestina e Macaronésia

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 2      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (2) - Fruto



***Calluna vulgaris* (L.) Hull | torga; torgo; urze; margarice**

Ecologia | Origem: Matagais, pastos e bosques, geralmente em solos siliciosos; Europa e Noroeste de África

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido

**ESCALLONIACEAE**



***Escallonia rubra* var. *macrantha* (Hook. & Arm.) Reiche**

Ecologia | Origem: América do Sul; Solos férteis e pleno sol  
Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros



**FAGACEAE**

***Quercus suber* L. | sobreiro**

Ecologia | Origem: Forma bosques, em substrato silicioso, preferencialmente solto e permeável, sobretudo em zonas frescas e abrigadas; região mediterrânea ocidental

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 6      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Elemento isolado | Alimentação animais (6) – Crua; Porcos



***Quercus rotundifolia* Lam. | azinheira; boléta; bolota**

Ecologia | Origem: Zonas mediterrâneas continentais ou litorais; Clima quente e seco, pouco exigente quanto à natureza do substrato, constitui bosques

Silvestre

Nº Inf: 6      Nº HG: 6

Usos: Alimentar (6) - Fruto assado, cozinhado; cru (cozidas com ervas doces; assadas; cruas; com pão) | Alimentação animais (6) – Crua; Porcos | Tecnológica (1) – Bancos “burros”

Observação: Antigamente na altura da “esgalha” – poda das azinheiras no fim do Inverno/início da Primavera; ramos cortados colocados em montes -, muitas pessoas, como precisavam de lenha para fazerem lume, iam apanhar os ramos “esgalhados” ao campo – era nestas alturas que alguma desta madeira era aproveitada para fazer os bancos “burros”



**GERANIACEAE**

***Geranium robertianum* L. | erva-de-São-Roberto**

Ecologia | Origem: Bermas de caminhos, muros, prados; Distribuído por Portugal

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros; Vasos | Medicinal (1) – Infusão; Infecções urinárias



***Erodium malacoides* (L.) L'Hér | erva-garfo; erva-alfenete**

Ecologia | Origem: Distribuída por Portugal; Campos agrícolas cultivados ou incultos, baldios, bermas de caminhos

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido

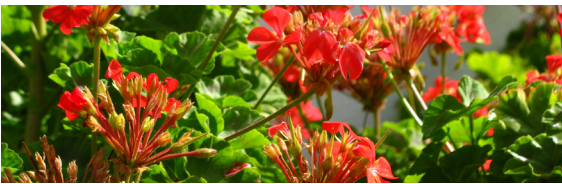


***Pelargonium graveolens* L'Hér. | sardinheira**

Ecologia | Origem: África do Sul; Solos bem drenados, pleno sol  
Cultivada

Nº Inf: 2      Nº HG: 2

Usos: Ornamental (2) - Canteiros; Vasos



***Pelargonium zonale* (L.) L'Hér. ex Aiton | sardinheira**

Ecologia | Origem: Sul de África; Solos bem drenados, pleno sol  
Cultivada

Nº Inf: 6      Nº HG: 6

Usos: Ornamental (6) - Canteiros; Vasos



***HYPERICACEAE***

***Hypericum perforatum* L. | erva-de-São-João**

Ecologia | Origem: Distribuída na Europa; Matos e matagais  
Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido

***IRIDACEAE***

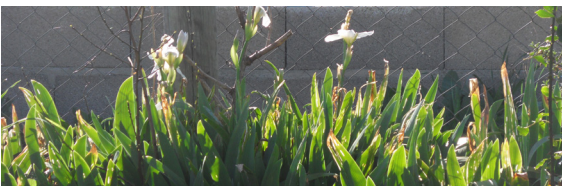
***Iris* spp. | lírios**

Ecologia | Origem: Diversas

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros



***JUGLANDACEAE***

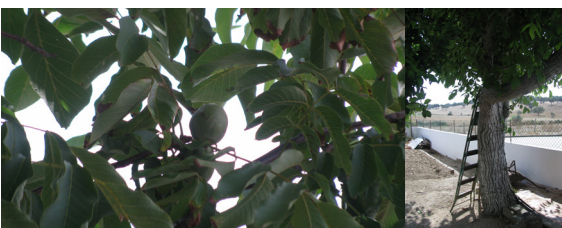
***Juglans regia* L. | noqueira**

Ecologia | Origem: Sítios frescos e margens de cursos de água;  
Sudeste europeu e Ásia central e ocidental

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) – Fruto



***LAMIACEAE***

***Clinopodium nepeta* subsp. *glandulosum* (Req.) Govaerts  
| néveda**

Ecologia | Origem: Orlas, locais com sombra e mais ou menos  
nitrificados; Centro e sul da Europa, Noroeste de África, Canárias

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros; Alimentar (1) – Fresca (enso-  
pado de borrego); Condimentar (tempero de azeitonas)





***Lavandula angustifolia* Mill. | alfazema; lavanda**

Ecologia | Origem: Sudoeste Europeu; lugares pedregosos, matagais

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Bordaduras; Canteiros | Tecnológico (1) - Ambientador (para “cheiros”)



***Lavandula stoechas* L. | rosmaninho**

Ecologia | Origem: Região mediterrânea e Macaronésia; Matagais xerófilos, todo o tipo de substratos

Silvestre

Nº Inf: 3

Usos: Alimentar (3) - Chá planta seca; Mel | Simbólico (1) - Ritual de defumação da casa; Simbolismo apícola | Tecnológico (1) - Ambientador (ramo de alecrim, rosmaninho e queimado, para defumar a casa, por causa do cheiro)



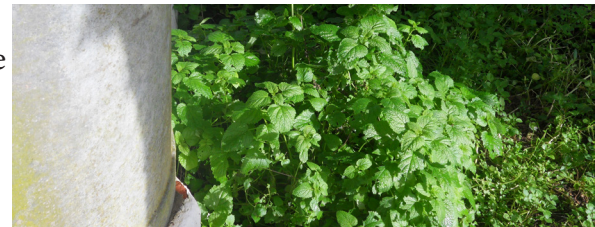
***Melissa officinalis* L. | erva-cidreira**

Ecologia | Origem: Lugares sombrios e frescos, ou em gretas de muros e lugares nitrificados; Região mediterrânea

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 5      Nº HG: 5

Usos: Alimentar (5) - Chá planta seca



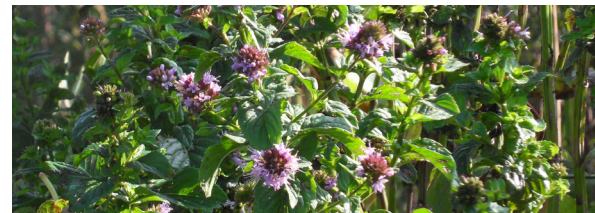
***Mentha aquatica* L.**

Ecologia | Origem: Canais de água limpa e corrente, pastos, matas ripárias; Península Ibérica

Cultivada

Nº Inf: 2      Nº HG: 2

Usos: Ornamental (2) - Canteiros



***Mentha cervina* L. | hortelã-da-ribeira**

Ecologia | Origem: Bordadura de zonas encharcadas, preferencialmente em lugares arenosos, siliciosos, às vezes argilosos ou calcários; Sul de França, Península Ibérica e norte de África

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 6      Nº HG: 5

Usos: Alimentar (5) - Condimentar planta fresca (caldeiradas de peixe)



***Mentha x piperita* L. | hortelã; hortelã-mansa**

Ecologia | Origem: Híbrido; Vários tipos de solo, mais favorável em férteis, bem drenados de clima temperado e pleno sol

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 10      Nº HG: 12

Usos: Alimentar (10) - Condimentar planta fresca (raminho no cozido, na canja e outras sopas); Chá planta fresca





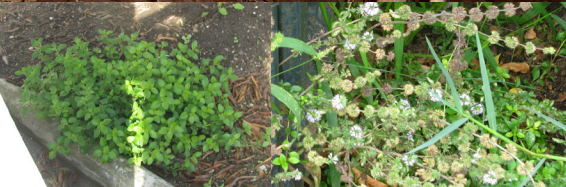


### ***Mentha pulegium* L. | poejo**

**Ecologia | Origem:** Prados, matos, limites de bosques, junto a margens de rios ou charcos e lagos, preferência por solos ácidos e com humidade; Europa, norte de África e Ásia

**Cultivada | Silvestre**

Nº Inf: 11      Nº HG: 3



**Usos:** Medicinal (10) – Folhas secas; Infusão para aparelho respiratório e aparelho digestivo (intestinos); Xarope para aparelho respiratório (fervido com um pouco de água e açúcar) | Alimentar (10) - Condimentar planta fresca; cozinhada (caldeiradas de peixe; açordas); Licor (com aguardente e açúcar)

### ***Ocimum basilicum* L. | manjeriço**

**Ecologia | Origem:** Provavelmente de origem na Índia; há muito cultivada; Cresce em clima quente e seco

**Cultivada**

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

**Usos:** Alimentar (1) - Condimentar planta fresca



### ***Ocimum minimum* L. | manjerico**

**Ecologia | Origem:** Oriunda da Índia; muito cultivada; Solo húmido e arejado, clima quente

**Cultivada**

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

**Usos:** Ornamental (3) – Canteiros; Vasos



### ***Origanum vulgare* L. | orégãos**

**Ecologia | Origem:** Bordaduras de prados, matagais, orlas de bosques e limites de zonas cultivadas, sobretudo em substratos básicos; Europa, Ásia, noroestes africano e macaronésia

**Cultivada | Silvestre**

Nº Inf: 13      Nº HG: 9

**Usos:** Alimentar (13) - Condimentar planta seca (caldeirada de peixe, saladas, sopa de batata, tempero de azeitonas e caracóis)



### ***Rosmarinus officinalis* L. | alecrim**

**Ecologia | Origem:** Matagais e formações arbóreas abertas; Região mediterrânea ocidental

**Cultivada | Silvestre**

Nº Inf: 5      Nº HG: 5

**Usos:** Ornamental (5) - Bordaduras; Canteiros | Simbólico (1) - Ritual de defumação da casa (ramo de alecrim, rosmarinho e queimado, para defumar a casa; só por causa do cheiro); Ritual de nascimento de crianças (ramo de alecrim e arruda queimado, passando-se a roupa dos bebés recém-nascidos, por cima do fumo; e às vezes até as próprias crianças; por causa da “lua”)

***Salvia microphylla* Kunth | rapazinhos**

Ecologia | Origem: Naturalizada em encostas; México, este, sul e oeste da Península Ibérica

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Flores cruas chupadas (pela sua doçura; crianças faziam-no quando viviam e trabalhavam no campo) | Ornamental (1) - Canteiros | Simbólico (1) – Simbolismo infância



***Satureja montana* L. | segurelha**

Ecologia | Origem: Matagais abertos e clareiras de bosques, rupícola, às vezes em aluviões, substrato preferencialmente cálcico; Região mediterrânea e oeste asiático

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Condimentar planta fresca

***Thymus serpyllum* L. | tomilho**

Ecologia | Origem: Regiões temperadas europeias; prados montanhosos de clima temperado e solos ligeiramente ácidos

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Condimentar planta fresca

**LAURACEAE**

***Laurus nobilis* L. | louro; loureiro**

Ecologia | Origem: Barrancos húmidos, de locais mais litorais, tanto atlânticos como mediterrâneos; Região mediterrânea, amplamente naturalizado em toda a Península Ibérica

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 6      Nº HG: 4

Usos: Alimentar (6) - Condimentar planta seca



**LEGUMINOSAE**

***Cicer arietinum* L. | grão-de-bico**

Ecologia | Origem: Turquia, Síria e Irão; Muito cultivado

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Hortícola cozinhada



***Coronilla valentina* subsp. *glauca* (L.) Batt. | pascoinhas**

Ecologia | Origem: Origem mediterrânea, distribuída por Portugal; Matos, clareiras e orlas de matagais e bosques esclerófilos

Silvestre

Nº Inf: 1      Usos: Ornamentais (1) – Na Páscoa, todas as pessoas costumavam ter um ramo em suas casas







***Genista tridentata* L. | carqueja**

**Ecologia | Origem:** Sub-bosques de pinheiros e montados, em substrato silicioso; Península Ibérica e norte de Marrocos

**Silvestre**

**Nº Inf:** 1

**Usos:** Alimentar (1) – Chá flores secas



***Phaseolus vulgaris* L. | feijão; feijão-de-armar | feijão-verde; feijão-de-comer-em-verde**

**Ecologia | Origem:** Muito cultivado; Américas

**Cultivada**

**Nº Inf:** 9 | 5      **Nº HG:** 9 | 5

**Usos:** Alimentar (9) - Hortícola cozinhada | Alimentar (5) - Hortícola cozinhada

***Pisum sativum* L. | ervilhas**

**Ecologia | Origem:** Prados, matagais, bordadura de caminhos; Região mediterrânea

**Cultivada**

**Nº Inf:** 4      **Nº HG:** 4

**Usos:** Alimentar (4) - Hortícola cozinhada

***Ulex europaeus* L. | tojo**

**Ecologia | Origem:** Charnecas e orlas; Oeste e sudoeste europeu

**Silvestre**

**Nº Inf:** 1

**Usos:** Tecnológico (1) - Processo preparação de carne para alimentação (musgar porcos) | Combustível e Iluminação

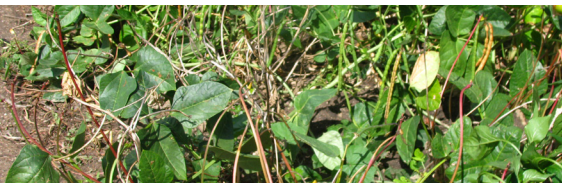
***Vicia faba* L. | favas**

**Ecologia | Origem:** Subespontânea em lugares arvenses e ruderais; possivelmente oriunda da Ásia Menor

**Cultivada**

**Nº Inf:** 9      **Nº HG:** 9

**Usos:** Alimentar (9) - Hortícola cozinhada



***Vigna unguiculata* (L.) Walp. | feijão-frade**

**Ecologia | Origem:** África; muito cultivado

**Cultivada**

**Nº Inf:** 1      **Nº HG:** 1

**Usos:** Alimentar (1) - Hortícola cozinhada



***Wisteria sinensis* (Sims) Sweet | glicínia**

**Ecologia | Origem:** China; Solos férteis e bem drenados, em pleno sol ou com ligeira sombra

**Cultivada**

**Nº Inf:** 1      **Nº HG:** 1

**Usos:** Ornamental (1) - Pérgolas

## ***LILIACEAE***

### ***Tulipa* spp. | tulipas**

Ecologia | Origem: Diversas

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros; Vasos



## ***LYTHRACEAE***

### ***Punica granatum* L. | romaneira**

Ecologia | Origem: Nativa do sudoeste da Ásia, naturalizada na região mediterrânea; Climas temperados, resistente à secura

Cultivada

Nº Inf: 6      Nº HG: 6

Usos: Alimentar (6) - Fruto



## ***MALVACEAE***

### ***Alcea rosea* L.**

Ecologia | Origem: Balcãs, naturalizada na Península Ibérica

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros

### ***Althaea officinalis* L.**

Ecologia | Origem: Lugares húmidos e margens de rios; Europa e Península Ibérica

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros

### ***Malva* spp. | malvas**

Ecologia | Origem: Diversas

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros | Medicinal (1) – Desinfecção de feridas | Alimentar (1) - Chá

## ***MOLLUGINACEAE***

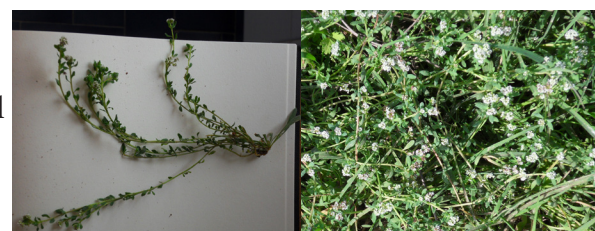
### ***Corrigiola litoralis* L. | erva-prata**

Ecologia | Origem: Palestina, centro, sul e oeste europeu e noroeste de África; Solos arenosos húmidos e mais junto ao litoral

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido





## MORACEAE



### *Ficus carica* L. | figueira

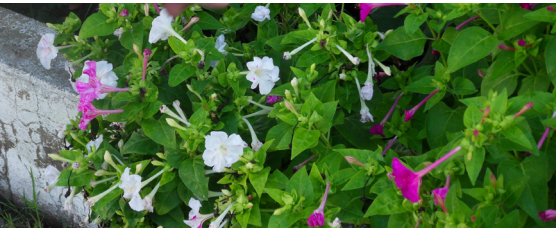
**Ecologia | Origem:** Torna-se silvestre com facilidade em terrenos preferencialmente secos e ensolarados, com solos húmidos e profundos; Talvez nativa do sul da Península Ibérica e outros países circum-mediterrâneos

**Cultivada**

Nº Inf: 5      Nº HG: 5

**Usos:** Alimentar (5) - Fruto

## NYCTAGINACEAE



### *Mirabilis longiflora* L.

**Ecologia | Origem:** América do Norte; Resistente à secura, cresce em pleno sol ou meia sombra

**Cultivada**

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

**Usos:** Ornamental (1) - Bordaduras; Canteiros

## OLEACEAE

### *Fraxinus angustifolia* Vahl | freixo

**Ecologia | Origem:** Bordaduras de cursos de água e bosques úmidos mistos, em substratos limosos, profundos e frescos; Centro e sul europeu, noroeste africano e Ásia

**Cultivada | Silvestre**

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

**Usos:** Ornamental (3) – Elemento isolado



### *Olea europaea* L. | oliveira

**Ecologia | Origem:** Clareiras de bosques, encostas, rupícola, substrato calcário e argiloso ou silicioso; Região mediterrânea

**Cultivada | Silvestre**

Nº Inf: 10      Nº HG: 10

**Usos:** Alimentar (10) - Fruto | Medicinal (1) – Rama ainda verde; Infusão; Tensão arterial

**Observação:** As azeitonas que saiam de fora do perímetro da oliveira, quando antigamente as mulheres andavam na sua apanha, eram apelidadas de saltimbancas

## ONAGRACEAE

### *Fuchsia hybrida* hort. ex Siebert & Voss | brincos-de-dama

**Ecologia | Origem:** América do Sul; Meia sombra ou pleno sol

**Cultivada**

Nº Inf: 2      Nº HG: 2

**Usos:** Ornamental (2) - Vasos

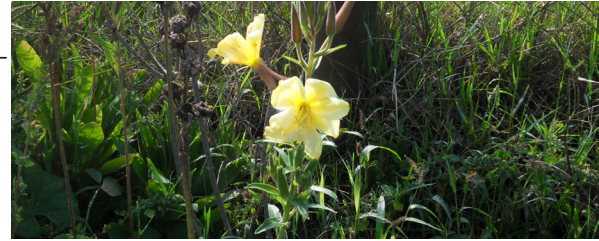
***Oenothera biennis* L.**

Ecologia | Origem: Lugares abertos; América do Norte, naturalizada na Europa, e em alguns sítios da Península Ibérica

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros



**PITTOSPORACEAE**

***Pittosporum undulatum* Vent.**

Ecologia | Origem: Naturalizada em alguns lugares de Portugal, de origem australiana

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Elemento isolado

**PLUMBAGINACEAE**

***Limonium sinuatum* (L.) Mill. | flores-de-papel**

Ecologia | Origem: Rochedos e areias costeiras, estepes salinas; Região mediterrânea e sul da Península Ibérica

Cultivada

Nº Inf: 4      Nº HG: 4

Usos: Ornamental (4) - Canteiros



**POACEAE**

***Cymbopogon citratus* (DC.) Staff | erva-príncipe; chá-príncipe**

Ecologia | Origem: Índia e Sri Lanka; Climas tropicais, pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 6      Nº HG: 6

Usos: Alimentar (6) – Chá planta seca



***Cynodon dactylon* (L.) Pers. | galracho**

Ecologia | Origem: Terrenos cultivados ou incultos, ruderal e ripícola; Médio Oriente, difundida pela Europa

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido

***Zea mays* L. | milho**

Ecologia | Origem: América do Sul; Pleno sol e boas chuvas

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) | Medicinal (1) – Infusão de “barbas” do milho, com “pezinhos” de cerejas, secos; Infecções urinárias





## **POLYGONACEAE**

### ***Rumex crispus* L. | catacuzes**

**Ecologia | Origem:** Pastos húmidos nitrificados, bordas de cursos de água e meios frescos em geral; Península Ibérica e Baleares

**Silvestre**

**Nº Inf:** 5

**Usos:** Alimentar (5) – Cozinhada (com feijão)

## **PORTULACACEAE**



### ***Portulaca grandiflora* Hook. | algarvias**

**Ecologia | Origem:** América do Sul; Climas temperados, solos bem drenados e luminosidade

**Cultivada**

**Nº Inf:** 3

**Nº HG:** 3

**Usos:** Ornamental (3) - Bordaduras; Canteiros



### ***Portulaca oleracea* L. | beldroegas; baldroegas**

**Ecologia | Origem:** Zonas cultivadas, baldios; Europa e Ásia, por toda a Península Ibérica

**Cultivada | Silvestre**

**Nº Inf:** 4

**Nº HG:** 10 (em geral crescem espontaneamente)

**Usos:** Alimentar (4) – Cozinhada (sopa)

## **ROSACEAE**



### ***Cydonia oblonga* Mill. | marmeleiro**

**Ecologia | Origem:** Orla de bosques, bordaduras de caminhos; Ásia central, difundida pela Europa e Península Ibérica

**Cultivada**

**Nº Inf:** 5

**Nº HG:** 5

**Usos:** Alimentar (5) - Fruto; Marmelada | Medicinal (1) – Chá das flores secas; Colestrol



### ***Eriobotrya japonica* (Thumb.) Lindl. | nespereira**

**Ecologia | Origem:** Originária da China e do Japão, encontra-se na Europa em zonas de clima suave

**Cultivada**

**Nº Inf:** 3

**Nº HG:** 3

**Usos:** Alimentar (3) – Fruto | Medicinal (1) – Infusão com a folha; Diarreia



### ***Fragaria x ananassa* (Duchesne ex Weston) Duchesne ex Razier | morangueiro**

**Ecologia | Origem:** Híbrida; pleno sol, solos férteis, bem drenados

**Cultivada**

**Nº Inf:** 7

**Nº HG:** 11

**Usos:** Alimentar (7) - Fruto

***Malus domestica* Borkh. | macieira; pereiro**

Ecologia | Origem: Naturalizada em alguns lugares da Península Ibérica, sendo a sua origem pouco clara; Muito cultivada  
Cultivada

Nº Inf: 5      Nº HG: 6

Usos: Alimentar (5) - Fruto



***Prunus armeniaca* L. | damasqueiro**

Ecologia | Origem: Oriunda da Ásia central e China; cultivada em partes da Península Ibérica  
Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Fruto



***Prunus domestica* L. | ameixeira**

Ecologia | Origem: Origem no sudeste europeu e sudoeste asiático; cultivada por toda a Península Ibérica  
Cultivada

Nº Inf: 6      Nº HG: 6

Usos: Alimentar (6) - Fruto

***Prunus persica* (L.) Batsch | pessegueiro**

Ecologia | Origem: Oriunda da China, Afeganistão e Irão; cultivada-se por toda a Península Ibérica  
Cultivada

Nº Inf: 7      Nº HG: 7

Usos: Alimentar (7) - Fruto



***Prunus dulcis* (Mill.) D.A.Webb | amendoeira**

Ecologia | Origem: Colinas secas, bordas de caminhos, taludes; oriunda dos Balcãs, norte de África e sudoeste asiático  
Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Fruto

***Pyrus communis* L. | pereira**

Ecologia | Origem: Cultivado, torna-se silvestre em bordas de hortas e caminhos; Originária do Cáucaso e do leste europeu  
Cultivada

Nº Inf: 5      Nº HG: 5

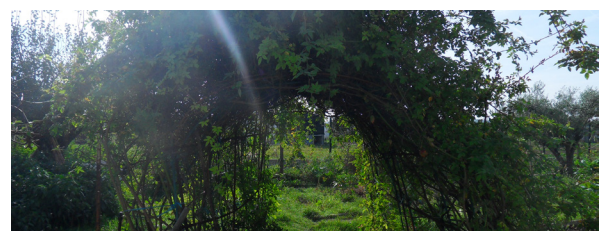
Usos: Alimentar (5) - Fruto

***Rosa canina* L.**

Ecologia | Origem: Orlas espinhosas; Grande parte da Europa, oeste asiático e noroeste africano, comum na Península Ibérica  
Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Pégolas







***Rosa* spp. | roseira; rosa**

Ecologia | Origem: Diversa

Cultivada

Nº Inf: 7      Nº HG: 7

Usos: Ornamental (7) - Bordaduras; Canteiros

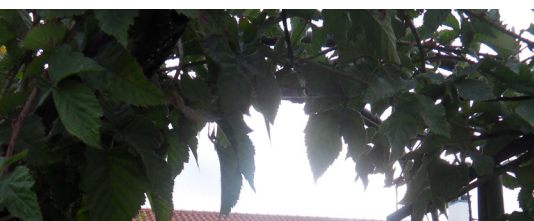


***Rubus ulmifolius* Schott | silvas; amoras-silvestres**

Ecologia | Origem: Região mediterrânea; Matos, matagais, incultos  
Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Alimentar (1) – Doces e Compotas | Medicinal (1) – Chá;  
Diarreia | Simbólico (1) – Simbolismo de infância (na época do trabalho no campo as crianças faziam colares com amoras e outras plantas silvestres)



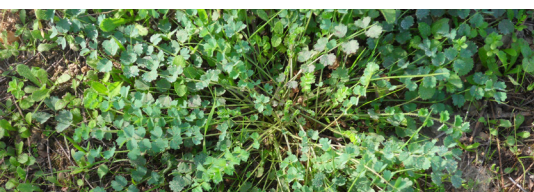
***Rubus idaeus* L. | framboesa**

Ecologia | Origem: Orlas de bosques húmidos, em todo o tipo de substrato em zonas de alta montanha; Europa

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Alimentar (1) - Fruto | Ornamental (1) - Pérgolas



***Sanguisorba minor* Scop. | pimpinela**

Ecologia | Origem: Grande parte da Europa, Ásia ocidental e noroeste de África; Matagais, terrenos incultos

Silvestre

Nº Inf: 1      Usos: Medicinal (1) – Infusão; Infecções bocais

**RUTACEAE**



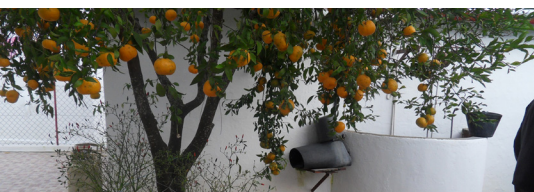
***Citrus limon* (L.) Osbeck | limoeiro**

Ecologia | Origem: Muito cultivado, pleno sol; Sudeste asiático

Cultivada

Nº Inf: 7      Nº HG: 10

Usos: Alimentar (7) – Fruto; Chá raspa de casca do fruto fresca



***Citrus reticulata* Blanco | clementina | tangerineira**

Ecologia | Origem: Muito cultivado, em pleno sol; Sudeste asiático

Cultivada

Nº Inf: 2 | 5      Nº HG: 2 | 7

Usos: Alimentar (2) - Fruto | Alimentar (5) - Fruto



***Citrus sinensis* (L.) Osbeck | laranjeira | laranjeira d'almau**

Ecologia | Origem: Muito cultivado, em pleno sol; Sudeste asiático

Cultivada

Nº Inf: 9 | 2      Nº HG: 17 | 3

Usos: Alimentar (9) – Fruto; Medicinal (2) - Infusão casca do fruto seca e das flores; Dores de cabeça | Alimentar (2) - Fruto

***Ruta chalepensis* L. | arruda; arrudia**

Ecologia | Origem: Sítios secos, geralmente rochosos; Distribuída por Portugal

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Simbólico (1) - Ritual nascimento de crianças (ramo de alecrim e arruda queimado, passando-se a roupa dos bebés recém-nascidos, por cima do fumo; e às vezes até as próprias crianças; por causa da “lua”) | Alimentar (1) - Chá

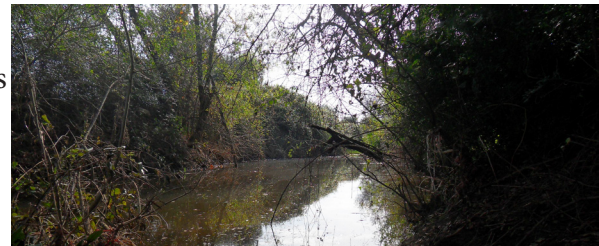
***SALICACEA***

***Salix alba* L. | salgueiro**

Ecologia | Origem: Zonas húmidas e margens de rios, em solos aluvionares e substratos arenosos e arenoargilosos; Europa, Ásia e norte de África

Silvestre

Nº Inf: 1      Usos: Desconhecido



***SAPINDACEAE***

***Cardiospermum corindum* L. | balões**

Ecologia | Origem: Regiões tropicais; Tolerante à secura, prefere solos bem drenados e pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 2      Nº HG: 2

Usos: Ornamental (2) - Canteiros



***SCROPHULARIACEAE***

***Myoporum laetum* G. Forst**

Ecologia | Origem: Nova Zelândia, naturalizada em Portugal;

Ruderal

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros

***SMILACACEAE***

***Smilax aspera* L. | Salsaparrinha**

Ecologia | Origem: Bosques ripícolas e diversos tipos de matagais, assemelha-se a uma trepadeira; Sul da Europa

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido





## **SOLANACEAE**



### ***Capsicum annum* L. | pimento; pimentão | piripíri**

Ecologia | Origem: Muito cultivado, climas quentes; América do Sul e central

Cultivada

Nº Inf: 13 | 8    Nº HG: 17 | 10

Usos: Alimentar (13) - Hortícola cozinhada; assada; crua; congelada; Condimentar em calda | Alimentar (8) - Condimentar planta seca



### ***Lycianthes rantonnei* (Carrière) Bitter**

Ecologia | Origem: Ruderal, caminhos e barrancos e terrenos com certa humidade; Originária da América do Sul

Cultivada

Nº Inf: 1            Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros

### ***Petunia* spp. | petúnias**

Ecologia | Origem: Diversa

Cultivada

Nº Inf: 1            Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros

### ***Physalis peruviana* L. | fisális**

Ecologia | Origem: Originária dos Andes; Adapta-se a diversas condições edafo-climáticas

Cultivada

Nº Inf: 1            Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Canteiros | Alimentar (1) - Fruto



### ***Solanum nigrum* L. | erva-moura**

Ecologia | Origem: Eurásia; Baldios, incultos, bermas, ruderal Silvestre

Nº Inf: 1            Usos: Medicinal (1) – Bagos escuros amassados com alho e vinagre; Problemas de pele



### ***Solanum lycopersicum* L. | tomateiro**

Ecologia | Origem: Andes; Muito cultivada, pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 13            Nº HG: 15

Usos: Alimentar (13) - Hortícola cozinhada; crua; congelada

### ***Solanum tuberosum* L. | batata**

Ecologia | Origem: Muito cultivada; Oriunda dos Andes

Cultivada

Nº Inf: 8            Nº HG: 8

Usos: Alimentar (8) - Hortícola cozinhada

## **TAMARICACEAE**

### ***Tamarix africana* Poir. | tramagueira**

Ecologia | Origem: Bordas de cursos de água e depressões sobre solos húmidos; Região mediterrânea e Macaronésia  
Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Desconhecido



## **THEACEAE**

### ***Camellia japonica* L. | camélia**

Ecologia | Origem: Himalaias, China, Japão; Solos ácidos, férteis e bem drenados

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Canteiros

## **TYPHACEAE**

### ***Typha domingensis* Pers. | esteira**

Ecologia | Origem: solos húmidos, inundados ou encharcados, em águas de diferentes tipos; Península Ibérica e Baleares

Cultivada | Silvestre

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) - Tanque | Tecnológico (1) – Vedações (com conjunto de canas); Colchões (antigamente, na época do trabalho no campo)



## **URTICACEAE**

### ***Parietaria judaica* L. | alfavaca**

Ecologia | Origem: Ruderal; Sudoeste asiático, sudoeste europeu  
Silvestre

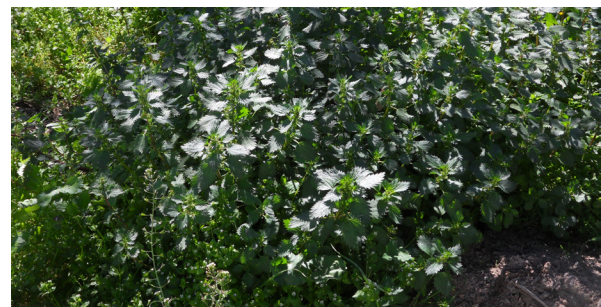
Nº Inf: 1      Usos: Simbólica (1) – Simbolismo pastoril (ovelhas morriam se a ingerissem; pastores colocavam espécie de armação de madeira à volta, para que estes não a comessem)

### ***Urtica dioica* L. | urtigões; ortigões**

Ecologia | Origem: Arvense, ruderal, em solos nitrificados; Distribuída pela Península Ibérica

Silvestre

Nº Inf: 1      Usos: Alimentação animal (1) – Cozinhada; Perus | Medicinal (1) – Planta fresca; Esmagada em compressa para desinfecção e cicatrização; Xarope para aparelho respiratório





## VERBANACEAE



***Aloysia citriodora* Palau | doce-lima; doce-limeira; erva-Luísa; líci-lima**

**Ecologia | Origem:** Muito cultivada; América do Sul, naturalizada em algumas áreas mediterrâneas

**Cultivada**

Nº Inf: 7      Nº HG: 9

**Usos:** Alimentar (7) – Chá planta seca



***Lantana camara* L.**

**Ecologia | Origem:** Cultivada, sobre solos nitrificados; Originária da América tropical, naturalizada em algumas zonas costeiras da Península Ibérica

**Cultivada**

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

**Usos:** Ornamental (1) - Canteiros



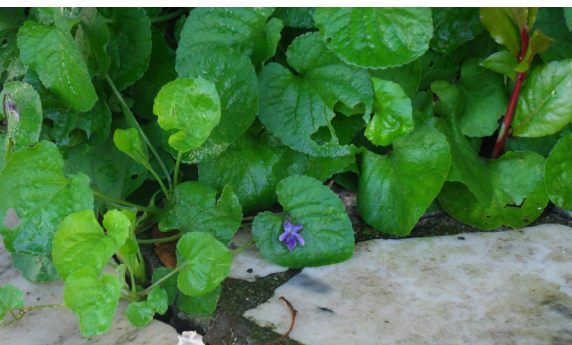
***Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. ex Britton & Wilson**

**Ecologia | Origem:** América Central e do Sul; Clima subtropical e temperado, solos férteis, com boa drenagem

**Cultivada**

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

**Usos:** Ornamental (1) - Canteiros



## VIOLACEAE

***Viola odorata* L. | violetas**

**Ecologia | Origem:** Bordadura de prados e outros lugares húmidos em zonas de montanha, junto a bosques; Originária da Ásia ocidental e de grande parte da região mediterrânea

**Cultivada**

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

**Usos:** Ornamental (1) - Canteiros



## VITACEAE

***Vitis vinifera* L. | vinha; parreira**

**Ecologia | Origem:** Nativa da Ásia Menor, amplamente distribuída em Portugal; Ruderal

**Cultivada**

Nº Inf: 5      Nº HG: 5

**Usos:** Alimentar (5) - Fruto

## ***XANTHORRHOACEAE***

### ***Asphodelus ramosus* L. | gaimões**

Ecologia | Origem: Sudoeste europeu, amplamente distribuído em Portugal; Rupícola e terrenos incultos

Silvestre

Nº Inf: 1

Usos: Tecnológico (1) - Processo preparação de enchidos (usado para ajudar a virar tripas quando se preparam os enchidos) | Medicinal (1) – Raízes cortadas para untar; feridas



## ***SPERMATOPHYTA GYMNOSPERMAE***

## ***CYCADACEAE***

### ***Cycas revoluta* Thunb.**

Ecologia | Origem: Japão; Solos férteis, bem drenados, pleno sol

Cultivada

Nº Inf: 1      Nº HG: 1

Usos: Ornamental (1) – Elemento isolado

## ***PTERIDOPHYTA***

## ***PTERIDACEAE***

### ***Adiantum capillus-veneris* L. | avenca**

Ecologia | Origem: Oriunda da Eurásia, e Américas; encontra-se em comunidades de fetos e musgos, colonizando a superfície de rochas em locais sombrios e húmidos, frequentemente em fontes, cascatas e outros locais sujeitos a salpicos de água

Cultivada

Nº Inf: 3      Nº HG: 3

Usos: Ornamental (3) - Vasos



## ***FUNGI***

## ***AGARICACEAE***

### ***Macrolepiota procera* (Scop.) Singer | cogumelo-púcara**

Silvestre

Nº Inf: 1      Usos: Alimentar, para venda (1)

## **AMANITACEAE**

***Amanita ponderosa* (Malençon & R. Heim) | silarcas**

Silvestre

Nº Inf: 1      Usos: Alimentar (1)

***Amanita caesarea* (Scop.) Pers. | cogumelo-laranjinha**

Silvestre

Nº Inf: 1      Usos: Alimentar, para venda (1)

## **BOLETACEAE**

***Boletus aereus* Bull. | cogumelo-tortulho**

Silvestre

Nº Inf: 2      Usos: Alimentar, para venda (2)

***Boletus aestivalis* (Paulet) Fr. | cogumelo-tortulho**

Silvestre

Nº Inf: 2      Usos: Alimentar, para venda (2)

***Boletus edulis* Bull. | cogumelo-tortulho**

Silvestre

Nº Inf: 2      Usos: Alimentar, para venda (2)

## **CANTHARELLACEAE**

***Cantharellus cibarius* Fr. | cogumelo-cantarela**

Silvestre

Nº Inf: 2      Usos: Alimentar, para venda (2)

## **PEZIZACEAE**

***Terfezia arenaria* (Moris) Trappe | túberas**

Silvestre

Nº Inf: 4      Usos: Alimentar (4)

## **RUSSULACEAE**

***Lactarius deliciosus* (L.) Gray | cogumelo-cenoura**

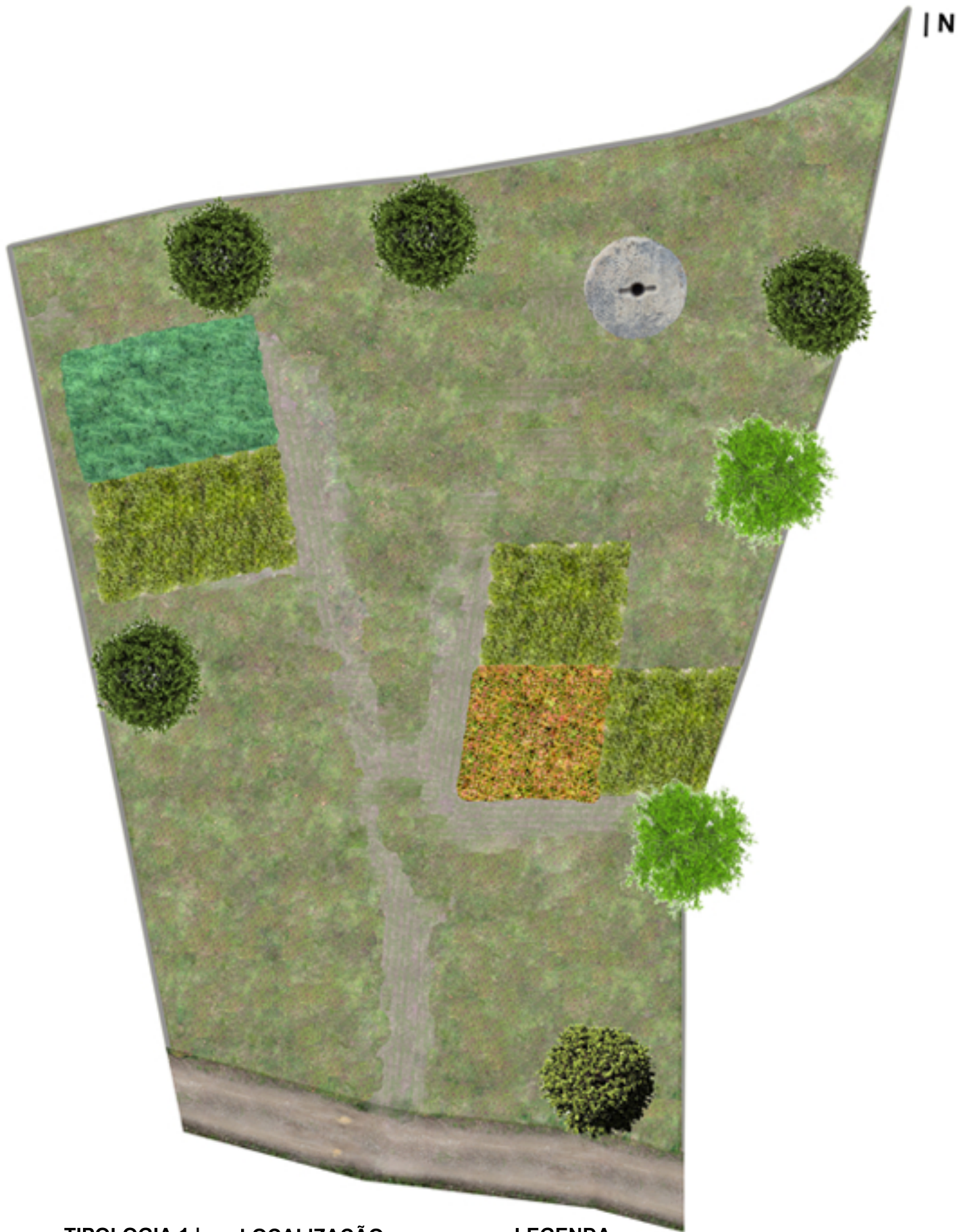
Silvestre

Nº Inf: 1      Usos: Alimentar, para venda (1)

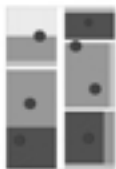


II. TIPOLOGIAS DE HOMEGARDENS | EXEMPLOS










**TIPOLOGIA 1 |**  
**Variação**

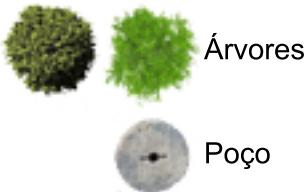


**LOCALIZAÇÃO**

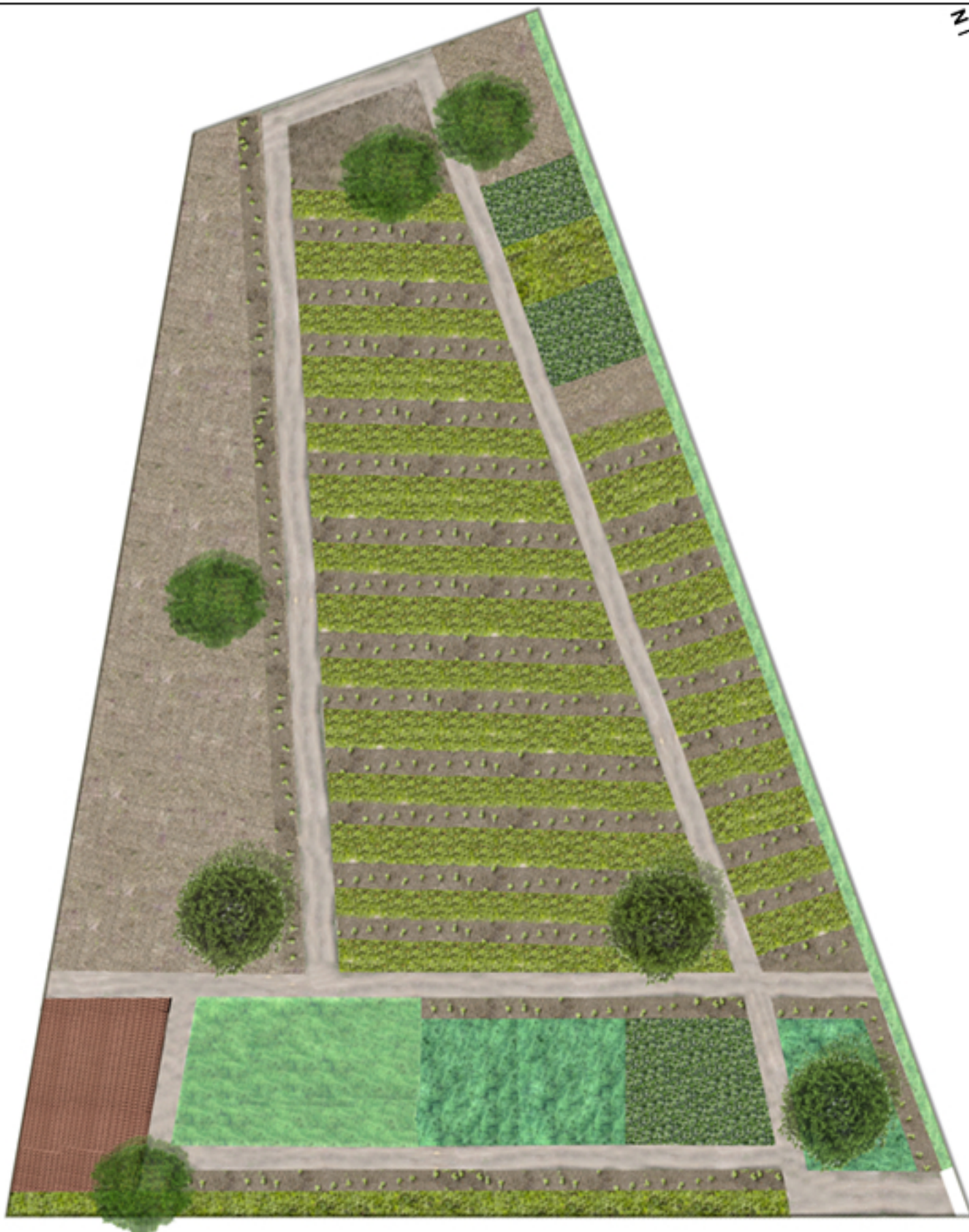


**LEGENDA**

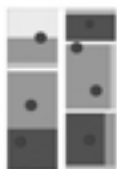
-  Hortícola
-  Hortícola
-  Hortícola
-  Terra em descanso
-  Caminho de terra







**TIPOLOGIA 1 |**  
**Exceção**



**LOCALIZAÇÃO**



**LEGENDA**

- |   |                                       |   |                    |
|---|---------------------------------------|---|--------------------|
|  | Hortícola                             |  | Árvores            |
|  | Hortícola                             |  | Aromática          |
|  | Hortícola                             |  | Caminho de terra   |
|  | Hortícola                             |  | Barracão   Arrumos |
|  | Terra em descanso, para novas plantas |   |                    |



/N



## TIPOLOGIA 2 | A



## LOCALIZAÇÃO



## LEGENDA

	Hortícola		Alpendre   Caminho pavimentado
	Hortícola		Terra em descanso, para novas plantas
	Aromática		Casa
	Aromática		Árvores
	Ornamental		
	Ornamental		
	Ornamental		





## TIPOLOGIA 2 | B



## LOCALIZAÇÃO



## LEGENDA

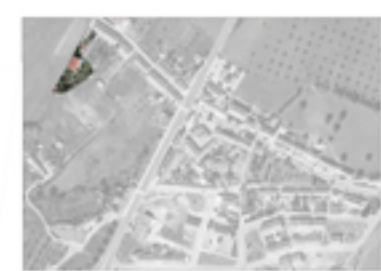
-  Casa
-  Hortícola
-  Hortícola
-  Hortícola
-  Aromática
-  Ornamental
-  Ornamental
-  Capoeiro | Garagem
-  Alpendre | Caminho pavimentado
-  Terra em descanso, para novas plantas
-  Poço
-  Árvores





TIPOLOGIA 2 |  
Excepção

LOCALIZAÇÃO



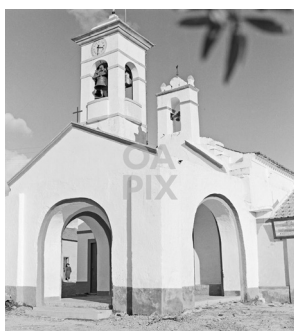
### LEGENDA

	Hortícola		Alpendre   Caminho pavimentado		Pérgolas
	Hortícola		Terra em descanso, para novas plantas		Tanque - Lago
	Hortícola		Zona para criação de animais		Poço
	Aromática		Capoeiro   Arrumos   "Museu"		Árvores
	Ornamental		Casa		
	Ornamental				
	Ornamental				





### III. FOTOGRAFIAS | ALDEIA, HOMEGARDENS E PAISAGEM ENVOLVENTE



Igreja Matriz | Casas típicas | Casa na Rua da Liberdade - de acordo com uma informante era a casa do sapateiro. Fonte: OA PIX | 1955

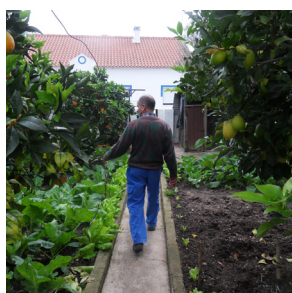
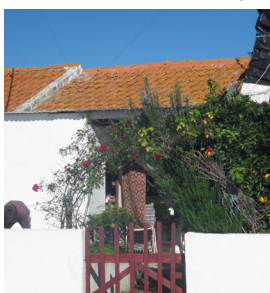
A mesma casa em 2014. Fonte: Autora



Igreja Matriz | Actual Centro Social e Junta de Freguesia, nos anos '50 e actualmente. Fonte: Manuela Galvão



Rua G. Humberto Delgado | Rua Primeiro de Maio e Rua da Liberdade. Fonte: Autora | 2014



Homegardens. Fonte: Autora | 2014





Vista para a aldeia de um monte a poente desta. Fonte: Autora | 2014



Vista panorâmica a partir de monte a noroeste da aldeia, para zona de Rio Mourinho e barragem. Fonte: Autora | 2014



Antigo quinchoso do Monte da Courela | Hortas da ribeira ainda existentes. Fonte: Autora | 2014



Pequenas barragens nos montes circundantes da aldeia | Ribeira "Poço da Campa". Fonte: Autora | 2014/2015



Barragem Pego do Altar, a este da aldeia | Pinhal a sul da aldeia | Zona adjacente às hortas da ribeira, a oeste da aldeia | Barrancão, pequena povoação a norte da aldeia - hortas e fim de tarde. Fonte: Autora | 2014/2015